FITOTERAPIA POPULAR E SAÚDE DA COMUNIDADE.

Diagnóstico para proposta de integração nos serviços
de Saúde em Campina Grande, Paraíba, Brasil.

JOAQUINA DE ARAÚJO AMORIM

**Tese apresentada à Faculdade de
Saúde Pública, Universidade de
São Paulo para obtenção do título
de Doutor em Saúde Pública.**

Orientadora: Prof. Titular Maria
Jacyr de Campos Nogueira

**São Paulo - Brasil
1999**

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	II
ABSTRACT	IV
INTRODUÇÃO	1
1 – Definição de termos.....	2
2 – Plantas medicinais – uso através da história.....	4
3 – Situação da fitoterapia popular no estado da Paraíba.....	14
OBJETIVOS	17
MATERIAL E MÉTODO	20
1 – Área e população de estudo.....	21
2 – Amostra.....	23
3 – Procedimentos utilizados para sorteio e identificação das famílias.....	30
4 – Variáveis.....	32
5 – Técnica de coleta de dados.....	34
6 – Apuração, tabulação e análise dos dados.....	39
RESULTADOS	46
1 – Características do município de Campina Grande no estado da Paraíba.....	47
2 – Características das famílias estudadas.....	49
3 – Características dos “especialistas” em fitoterapia popular das famílias que usavam plantas medicinais.....	53

4 – Uso das plantas medicinais pelos “especialistas” em fitoterapia popular entre as famílias.....	58
4.1 – Motivos referidos pelas famílias para usarem e para não usarem a fitoterapia.....	58
4.2 – Modo de preparar, administrar e de usar as plantas.....	62
4.3 – Terminologia usada pelos “especialistas”.....	68
4.4 – Plantas utilizadas pelos “especialistas”.....	72
4.5 – Problemas de saúde para os quais as plantas foram usadas.....	87
4.6 – Relação das plantas tóxicas citadas pelos “especialistas”.....	134
4.7 – Produtos associados às plantas, usados nos problemas de saúde.....	145
4.8 – Principais plantas utilizadas segundo as indicações terapêuticas mencionadas pelos “especialistas” e as da literatura científica consultada.....	150
DISCUSSÃO.....	162
1. A Fitoterapia familiar – importância para a saúde da comunidade.....	163
2. Os “especialistas” e as plantas medicinais em Campina Grande.....	171
CONCLUSÕES.....	189
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	192
ANEXOS.....	206
1 – Lei nº 3136	
2 – Lei nº 1542	
3 – Questionário e instruções para o preenchimento	
4 – Descrição das receitas	
5 – Mapa urbano	
6 – Mapa urbano-rural e rural	
7 – “Repport”	
8 – Relação dos nomes populares e científicos, em ordem alfabética, das plantas utilizadas.	

EM BUSCA DAS RAÍZES...

A TERRA

A PLANTA QUE CURA E A GENTE DA TERRA

A CIÊNCIA COM OS PÉS NA TERRA

*“ Antes da vinda de Cristo,
Jesus, filho de Maria,
Não existia farmácia,
Nem tampouco drogaria,
Com plantas medicinais,
Se curavam homens e animais,
Sem posto de enfermaria.”*

*Dedé da Mulatinha
Poeta Paraibano*

Aos meus pais ausentes,

Hoje mais do que nunca, vossa presença se faz sentir, pois, fostes meu primeiro e grande professor, aquele que, sempre esteve presente, nas minhas lutas e nos embalos dos meus sonhos.

Ao meu esposo, Wanderley e meus filhos, Rômulo, Wanderley, Tarcisia e Tibério, pela compreensão, dedicação e renúncia

dedico este trabalho

Agradecimentos

À professora Doutora, Maria Jacyra de Campos Nogueira, nosso preito de gratidão e respeito, pela orientação segura e dedicada na consecução deste trabalho.

À professora, Maria de Fátima Agra, a quem devemos a classificação botânica das plantas, nossa amizade e gratidão.

À professora, Nilza Nunes Silva, nossa gratidão, pela cooperação amiga, competente e dedicada, no processo de amostragem.

Ao meu sobrinho Daniel de Araújo Porto, nosso reconhecimento, por sua ajuda e cooperação no levantamento dos dados.

À Dra. Marli Madalena Perozin, pela cooperação gentil e amiga, durante nosso estágio na cidade de Curitiba.

A Severino da Silva (Seu Bui), funcionário da Delegacia Regional da Fundação Nacional de Saúde, em Campina Grande, Paraíba, a quem devemos as informações e orientações na identificação das localidades e domicílios da área rural.

Enfim, agradeço a todos que, mesmo não citados aqui, contribuíram de algum modo, para concretização deste trabalho, nossa gratidão.

RESUMO

O autor estudou o uso da Fitoterapia popular, em 782 famílias do município de Campina Grande, no estado da Paraíba. O estudo realizado foi tipo “survey descritivo”, utilizou-se a técnica de entrevista estruturada através da visita domiciliária e o instrumento da coleta de dados utilizado foi um questionário constituído de perguntas abertas e fechadas e a coleta de espécimes. A pesquisa enquadra-se na linha dos estudos etnográficos aplicados à Saúde Pública.

Constatou-se que 82,9% das famílias tinham um “especialista” em plantas medicinais que costumavam usar para si e para sua família, remédio preparado com plantas. Verificou-se que a maioria deles era do sexo feminino(93,7%), da faixa etária entre 15 e 44 anos(47,3%), da religião católica(85,0%) e a maioria(87,2%) havia aprendido utilizar as plantas com a própria família.

As plantas medicinais mais utilizadas foram: *Lippia alba*(443), *Cymbopogon citratus*(334), *Sambucus australis*(313), *Chenopodium ambrosioides*(231), *Punica granatum*(231), e *Peumus boldus*(215), *Ruta graveolens*(198) e *Mentha villosa*(181) e os principais problemas de saúde tratados pelos “especialistas” com as plantas foram: problemas gastrointestinais(21,1%), de garganta, nariz e pulmões(18,2%), febres e gripes(13,3%), problemas psiconeurológicos(8,3%), cardíacos e circulatórios(6,5%), genitais femininos(6,4%) e bucais(4,3%).

Observou-se também que o modo mais freqüente de preparo dos remédios com plantas, foi o chá(infuso ou deccoto)(63,4%) e a parte da planta mais utilizada foi a folha(60,1%), usada com mais freqüência fresca(55,0%).

Quanto às indicações, constatou-se que a maioria delas coincidiu com as da literatura científica.

Verificou-se, além disto, que o local principal para aquisição das plantas era nos quintais das residências dos “especialistas” ou das dos vizinhos(54,5%) e que a maioria(57,0%) dos “especialistas” afirmou não conhecer nenhuma planta tóxica.

O autor ressaltou a importância da implantação da fitoterapia na rede de serviços públicos de saúde, bem como, a necessidade da universidade integrar-se neste processo através das atividades de ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade.

ABSTRACT

The use of a popular Fitotherapy was studied among 782 families in the district of Campina Grande in the state of Paraíba

The study was of a “descriptive survey” kind and the technique used was an interview applied on home visits. A data assessment instrument containing open and closed questions was used as an instrument of data collection.

It was revealed that 82,9% of the studied families had a “specialist” in “medicinal plants” who used to prepare different kinds of medicines. It was also observed that most of them were females (93,7%) aging from 15 to 44 (47,3%), 85,0% were catholics and the majority had learned to use the plants with their own families.

The medicinal plants used the most were: *Lippia alba* (443), *Cymbopogon citratus* (334), *Sambucus australis* (313), *Chenopodium ambrosioides* (231), *Punica granatum* (231), and *Peumus boldus* (215), *Ruta graveolens* (198) and *Mentha x villosa* (181). The main health problems treated by “the specialists” using the plants were, gastro-intestinal (21,1%), throat, nose and lungs (18,2%), fever and cold (13,3%), psychoneurologicals (8,3%), cardiacs and circulatories (6,5%), female genitals (6,4%) and buccal (4,3%) problems.

It was shown that those medicines were usually prepared as a tea (infusion or deccoto) (63,4%) made from fresh leaves (55,0%) for the “specialists”, himself, and family use in general.

It was also observed that prescription complied with those of scientific literature indicated and that most plants were taken from the backyards of the

“specialist’s house” or the neighborhood (54,5%) . A great number of specialists (57,0%) noted that they had not found any toxical plant in those places.

The author showed the importance of the use of Fitotherapy to be used not only the public health services but also the need of the University to participate in the process as well as the community services teaching and cooperating with research activities.

INTRODUÇÃO

1 – Definição de termos

– **Especialista:** foi qualquer pessoa que residia no domicílio(independente do tempo), utilizava e recomendava a planta medicinal no tratamento das doenças em membros da família.

– **Família:** foram todos os indivíduos que moravam no domicílio, independentemente do tempo de residência e do grau de parentesco.

– **Planta medicinal:** foi toda aquela planta que continha um ou mais princípios ativos, capaz de aliviar ou curar determinadas doenças (HIJAS, 1992).

– **Fitoterapia:** foi o tratamento das doenças por meio das plantas.

– **Fitoterapia popular:** foi o conjunto de conhecimentos, práticas e procedimentos baseados na experiência e observação com uso das plantas medicinais (frescas, secas, e de outros modos) pela população, no tratamento e prevenção das doenças.

– **Produto fitoterápico:** foi todo aquele produto obtido, exclusivamente, do reino vegetal com finalidade terapêutica.

– **Medicina tradicional:** foi a soma de todos os conhecimentos teóricos e práticos, explicáveis ou não, utilizados para diagnóstico, prevenção e supressão de transtornos físicos, mentais ou sociais, baseados na experiência e observação, e transmitidas, verbalmente, ou por escrito de uma geração à outra(OMS, 1978).

– **Práticas terapêuticas alternativas:** foi o conjunto de conhecimentos, práticas terapêuticas não convencionais ou ortodoxas, baseadas em modelos científicos ou tradicionais e usadas no tratamento ou prevenção de doenças por profissionais ou agentes da medicina popular ou tradicional(CEMTASP, 1992).

– **Atenção primária de saúde:** foi a assistência sanitária essencial posta ao alcance de todos, a um custo que o País e a comunidade possam suportar, com métodos práticos, cientificamente, fundamentados e, socialmente, aceitáveis (ALMA ATA, 1978).

– **Preparações caseiras:** todo “remédio” preparado com a utilização de plantas medicinais, sem orientação médica.

– **Problemas de saúde:** queixas percebidas ou sentidas pelos membros das famílias, consideradas e referidas pelos “especialistas” como agravos à saúde.

2 – Plantas medicinais – uso através da história

A origem do conhecimento do homem sobre as virtudes das plantas é muito primitiva e acredita-se que este conhecimento foi surgindo à medida que supria necessidades básicas, através de casualidades, tentativas e observações(MORGAN, 1994; BALME,1978).

O homem primitivo dependia, prioritariamente, da natureza para sua sobrevivência e se utilizava das plantas, principalmente, para curar doenças. Diversos são os exemplos citados na literatura quanto ao uso e eficácia das drogas de origem vegetal, desde as mais remotas civilizações. No Egito, um papiro descoberto por E.Ebers, em Luxor, datado de 1600 a.C. apresenta uma listagem de remédios feitos com plantas dentre as quais: coentro, funcho, genciana, romã; na Mesopotâmia, na mesma época(1600 a.C.), eram produzidas placas de argilas com ensinamentos sobre plantas medicinais e seus derivados como o óleo de ricino, a mirra e o ópio (LANDMAN, 1989). Os chineses, há 5000 anos, já usavam a efedra, planta de onde se extrai a efedrina, utilizada no tratamento da asma brônquica (LANDMAN, 1989; NEVES, 1982).

Na China atual, o tratamento das doenças com o uso de ervas é parte integrante da Medicina e da Farmacologia. Desde 400 a.C. esse País já acumulava um grande acervo de conhecimentos sobre plantas medicinais, com mais de 270 livros especializados que foram escritos em diferentes dinastias(CHUNG, 1978).

Os gregos, com Hipócrates, Galeno e Teofrasto; os romanos, com Dioscórides; os árabes, com Avicena, estudaram as plantas medicinais e

reconheceram que a sua eficácia independe das práticas religiosas ou mágicas(NEVES, 1982).

Todos os povos antigos, como os persas, egípcios, judeus, indianos, chineses e outros, tinham conhecimento e usavam as plantas para cura das doenças (NOGUEIRA, 1983; NEVES, 1982; BIOCCHINI, 1987; LANDMAM, 1989).

O estudo das sociedades primitivas revela-nos diversos exemplos de plantas que foram usadas para doenças no passado e, modernamente, voltaram a ser utilizadas como: ginseng como afrodisíaco, efedra na oftalmologia, alho nas enfermidades relacionadas com arteriosclerose e camomila, arnica e calêndula que têm mostrado eficácia em dermatologia (BOUISSON, 1973; GOMES, 1974; BANNERMAN, 1974; CHUNG, 1978; MATOS et al, 1991; NOGUEIRA, 1983; LANDMAN, 1989).

O reino vegetal possui verdadeiro arsenal de possibilidades de medicamentos, segundo Fletcher Hyde citado por BANNERMAN(1982) “el reino vegetal, que es la fuente de los alimentos que comemos y del oxígeno que respiramos, aportará así a la humanidad la medicina del futuro”, diz o autor.

Segundo BOUISSON(1973), as mulheres contribuíram para exploração do inventário do universo vegetal, através dos cuidados prestados aos filhos quando identificavam os alimentos sadios e nocivos.

Todos os Países, desenvolvidos ou em desenvolvimento, ainda hoje, utilizam plantas medicinais, sendo que nos desenvolvidos, geralmente, as plantas constituem a matéria prima para elaboração e preparação industrial de derivados químicos puros. Nos que estão em desenvolvimento, as plantas são usadas sob forma de chá(decocto),

tintura, macerações, constituindo base de quase todas as modalidades terapêuticas(OMS, 1979).

Durante séculos, as plantas medicinais constituíram a base da terapêutica. Com a evolução da química, a partir do século XIX, surge uma nova forma de utilização terapêutica das plantas ou de seus preparados, que antes era de modo direto, isto é, passaram a utilizar as moléculas ativas extraídas das plantas e reproduzidas artificialmente. Com o desenvolvimento da indústria farmacêutica, a população passou cada vez mais a consumir as drogas, substituindo, paulatinamente, o uso das plantas “in natura”. Esta substituição decorreu não por ineficiência das plantas, mas, principalmente, pela maior oferta de medicamentos sintéticos, bem como pelas facilidades e comodidades da própria população, principalmente a dos centros urbanos(FERRARI, 1984; GUYOT, 1990; ARAÚJO, et al 1991).

Na década de 70, iniciou-se um movimento de expansão do uso da Fitoterapia, como consequência lógica de um amplo retorno à natureza que eclodiu na maioria dos Países, como reação aos exageros no emprego de produtos farmacêuticos, ao encarecimento do arsenal terapêutico industrializado e aos efeitos colaterais indesejáveis das drogas sintéticas. Tudo isto levou a população a buscar novas opções terapêuticas eficazes, naturais, de baixo custo, isenta de efeitos colaterais sendo mais acessíveis econômica e geograficamente(FERRARI, 1984; BIOCCHINI et al, 1987).

Com esta perspectiva, em 1977, a Organização Mundial de Saúde(OMS) aprovou a Resolução WHA 3049, que recomenda aos governos interessados atribuírem devida importância à utilização de seus sistemas de medicina tradicional, estabelecendo regulamentações pertinentes e adaptando – os aos seus sistemas

nacionais de Saúde(OMS, 1977). Segundo AKERELE(1988), compete à Organização Mundial de Saúde compilar e avaliar as práticas tradicionais existentes nos Países, porém a decisão de utilizá-las é tarefa que cabe à cada País. Ressalta, entretanto, que as práticas da medicina tradicional que incluem plantas medicinais e remédios caseiros, poderiam se constituir em novos instrumentos utilizáveis pelos sistemas de saúde.

Em 1978, a 31ª Assembléia Mundial de Saúde(OMS, 1978), realizada pelas oficinas regionais, recomenda aos Países membros que desenvolvam pesquisas, visando à utilização da flora nacional com propósito terapêutico. Dentre outras recomendações dessa assembléia foi solicitado à Organização Mundial de Saúde: elaboração de um inventário de plantas medicinais mais utilizadas, com nomenclatura botânica padronizada, e classificação terapêutica atualizada; estudos dos dados científicos disponíveis acerca da eficácia das plantas no tratamento das infecções e enfermidades, com divulgação dos resultados; estabelecimento e aplicação de critérios e métodos científicos para comprovar a inocuidade e a eficácia dos produtos derivados de plantas medicinais e designação de centros regionais de investigação e ensino para o estudo de plantas medicinais.

A Conferência Internacional sobre Atenção Primária de Saúde, realizada na cidade de Alma Ata (URSS), em 1978, ressaltou a importância da participação plena, organizada e da auto – responsabilidade da comunidade de maneira que os indivíduos, as famílias e as comunidades fossem mais responsáveis por sua própria saúde. Nesta foi recomendado, ainda, que fossem adotadas medidas para utilização de remédios caseiros tradicionais de eficácia comprovada(OMS, 1978).

A 40ª Assembléia Mundial de Saúde(OMS, 1987) reconhece que os sistemas médicos tradicionais desempenham papel importante na prevenção, promoção e recuperação da Saúde, principalmente em Países em desenvolvimento; onde existe uma enorme reserva de praticos de sistemas médicos tradicionais e uma abundância quase inexplorada de flora medicinal. ,

Nesta assembléia, ainda, através da Resolução WHA 40.33 recomendou – se aos estados membros que utilizassem o maior número possível de praticantes dos sistemas médicos tradicionais nos programas de atenção primária à saúde; implantassem amplos programas de identificação, avaliação, cultivo e conservação de plantas medicinais utilizadas na medicina tradicional; apoiassem as investigações sobre métodos tradicionais de tratar e de promover a saúde da família, a nutrição e o bem estar. Depois, os Membros da Organização Panamericana de Saúde e da Organização Mundial de Saúde reuniram-se em Washington e elaboraram o Anteprojeto de Lei Básica Sobre Medicamentos Herbários, que trata sobre a concessão de registro, publicidade e rotulação do fitoterápico, OMS(1996).

Por todos os motivos expostos, nestas últimas décadas, vários foram os trabalhos sobre plantas medicinais realizados em todo mundo, os quais ora procuram levantar dados sobre o uso das plantas na medicina popular, com a finalidade de subsidiar futuros estudos fitoquímicos e farmacológicos, ora analisam química ou farmacologicamente os componentes das plantas identificadas e usadas pela população. Dentre esses estudos, temos os relativos ao de uso das plantas medicinais na medicina popular, em diversas partes do mundo como os de PICCI(1980); QICHENG(1980); SINGH et al(1984); JAIN et al(1984); ALAN et al(1987); LOKAR et al(1988); ALLEYNE et al(1989); BOUKEF(1989); PANTHONG et

al(1991); BROWN et al(1991); MURRAY(1993); YESILABA et al(1993); BARRETT(1995); WINSTON et al(1995); BHAT et al(1995); LONGUEFOSSE(1996); FRATE et al(1996); MAHABIR et al(1997).

No Brasil, a literatura sobre plantas medicinais é bastante rica, desde a época colonial até os nossos dias, e diversos estudos a respeito de seus aspectos econômicos, terapêuticos, químicos ou farmacológicos foram feitos. Entre esses temos os de: MARTIUS(1843); MORENA(1862); MARIANO(1944); MEDEIROS et al(1971); GOMES(1974); AGRA(1977); NOGUEIRA(1983); FSESP(1988); MARQUES(1988); CAMARGO (1985); SANTOS et al(1990); FRANCENE-LY(1981); OLIVEIRA et al(1990); ALMEIDA(1993); LORENZI(1994); BARRETO et al(1996), SACRAMENTO et al(1996).

A situação brasileira não fugiu daquela já referida em relação aos outros Países, ou seja, por algum tempo, o uso das plantas foi ignorado, ou desprezado, principalmente, pelas camadas mais eruditas da população, que consideravam como anticiência, coisa de curandeiro ou ineficazes(FERRARI, 1984; GUYOT, 1970; ARAÚJO, et al 1991).

Hoje, a postura sobre o uso da planta medicinal é outra: as concepções de descrédito, inutilidade, ou ineficácia estão sendo substituídas pelas de crédito, utilidade e estudos que comprovam a sua eficácia. Sendo assim, cada vez mais, em relação à planta medicinal, aumenta o interesse da população e das instituições, quanto ao uso, à pesquisa, ensino e à extensão de serviços à comunidade(BANNERMAN, 1993; OPS, 1977; OMS, 1978; OMS, 1985; OMS, 1996).

Visualizando esta situação, o Ministério da Saúde, através da portaria n.º 212 publicada no Diário Oficial da União em 11/09/81, (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1981), estabeleceu as diretrizes e prioridades para investigação em saúde, incluindo o estudo das plantas medicinais.

Em 1986, a 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em Brasília, nas resoluções finais (tema 2, item 3, letra a), recomendou a introdução das práticas alternativas de saúde na rede pública de atendimento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1986). Em 1988, a Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação (CIPLAN), que abrangia os Ministérios da Saúde, Previdência e Assistência Social, Trabalho e Planejamento, fixou as primeiras diretrizes para implantação da Fitoterapia nos serviços de saúde pública (CIPLAN, Resolução n.º 8, 08/03/88).

Foi na 8ª Conferência Nacional da Saúde, ocorrida em Brasília em 1986, que pessoas vindas de vários estados, representando as mais diversas instituições, principalmente, de saúde, reuniram-se pela primeira vez para discutirem sobre práticas alternativas. Nesta ocasião, das várias discussões resultou, como ponto positivo, a aprovação de uma moção de apoio às referidas práticas na assembléia de encerramento e uma referência no relatório final (tema 2, item 3, letra a). Em 1987, este grupo voltou a se encontrar na cidade de Salvador, Bahia, quando a Secretaria Estadual de Saúde organizou o 1º Encontro Estadual de Práticas não Alopáticas. Mas foi em 1989, na cidade de Carpina, Pernambuco, que ocorreu o 1º Encontro de Fitoterapia em Serviço Público, com a participação de vários estados brasileiros. Como resultado deste evento, foram criadas as coordenações regionais e elaborado

um documento (Carta de Carpina), assinada por todos naquela ocasião (ARAÚJO, 1991; CARTA DE CARPINA, 1989).

A história do uso da Fitoterapia popular em serviço público de saúde no Nordeste, pode-se dizer que começou em Olinda, estado de Pernambuco. É curioso ressaltar que séculos atrás foi fundado, na cidade de Olinda, o primeiro Horto Botânico, o Horto D'EL Rey, que serviu de porta de entrada para as diversas espécies vegetais trazidas de outros continentes e aqui aclimatadas. Muito depois, em 1983, a Administração Municipal de Olinda iniciou o primeiro levantamento da flora regional, com suas indicações medicinais populares e, após classificação botânica e cultivo destas espécies, passou a oferecer à rede de postos de saúde, inicialmente "in natura" e, logo em seguida, através de tinturas, xaropes e pomadas, sendo que isto também ocorreu na rede estadual. Outros estados, atualmente, utilizam esta prática nos serviços de saúde, como Ceará (MATOS, 1989); Paraná (AMORIM, 1994); Rio de Janeiro (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1993) e Brasília (ESCOUTO s.d.), com experiências bem sucedidas.

Em 1990, em João Pessoa, Paraíba, ocorreu o II Encontro Nacional de Fitoterapia em Serviço Público. Nesta ocasião foi aprovada em assembléia, a coordenação nacional de Fitoterapia em serviço público. Foram estabelecidas, neste encontro, as metas dessa coordenação nacional que são: formular a política nacional sobre plantas medicinais; promover a integração interinstitucional e multiprofissional; incentivar nas universidades o estudo e a pesquisa sobre plantas medicinais, incluindo o estudo da Fitoterapia como matéria curricular; promover a vigilância sanitária sobre a produção e comercialização de produtos fitoterápicos e

apoiar medidas que viabilizem a produção de medicamentos fitoterápicos no País(AMORIM, 1994).

Em 1992, por ocasião do III Encontro Nacional de Fitoterapia em Serviço Público, realizado em Curitiba, decidiu-se a criação das coordenações estaduais de Fitoterapia, às quais cabe: promover encontros estaduais; articular a integração multiprofissional e multiinstitucional e integrar-se com os núcleos de vigilância sanitária.

Com a criação destas coordenações, favoreceu-se a organização de grupos multiprofissionais e multiinstitucionais nos estados, resultando na implantação e implementação de núcleos de estudos, pesquisas, ensino, ou de assistência na área de Fitoterapia(AMORIM, 1994).

Vários são os estados que possuem núcleos de estudos e pesquisas bem sucedidas: Brasília(SECRETARIA DE SAÚDE – FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO DISTRITO FEDERAL, 1990); Pernambuco(ARAÚJO, 1991); Paraná(SECRETARIA DE SAÚDE DO PARANÁ – FUNDAÇÃO CAETANO MUNHOZ DA ROCHA, 1989); Bahia(ALMEIDA, s.d.); Pará (MENDONÇA, 1991); Ceará(MATOS, 1989); Paraíba(AMORIM, 1994); e Rio de Janeiro (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1993).

O Ministério da Saúde, através da Resolução n.º 546, de 21/05/93, instituiu na Secretaria de Vigilância Epidemiológica Sanitária, um grupo consultor técnico – científico, constituído de vários representantes de vários organismos e entidades das diversas regiões brasileiras, incumbidos de estabelecer a normatização e o controle dos serviços de produção, da armazenagem e da utilização de substâncias e produtos naturais(MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1993). A oficialização deste grupo consultor

facilitou a discussão das soluções possíveis sobre o problema principal das atuais coordenações que é a normatização dos produtos fitoterápicos(AMORIM, 1994).

Em março de 1994, a Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde, promoveu um seminário, no Rio de Janeiro, na Fundação Oswaldo Cruz, com a participação de técnicos e pesquisadores dos diversos estados, com a finalidade de discutirem e proporem uma legislação para as plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos. Verifica-se, assim, que as plantas medicinais ocupam, atualmente no Brasil, o espaço que lhes cabe e passam a ser tratadas com a seriedade que merecem. Espaço este justificável, pois o uso da planta medicinal é uma prática que se perpetuou na história das civilizações, e não se concebe, na atualidade, a falta do reconhecimento da mesma pelos órgãos e profissionais da saúde.

3 – Situação da Fitoterapia no Estado da Paraíba

Com a criação das coordenações estaduais de saúde, em 1992, por ocasião do III Encontro Nacional de Fitoterapia em Serviço Público, realizado no Paraná, cada estado escolheu um representante, e, no estado da Paraíba, essa coordenação ficou sob a responsabilidade da professora Rinalda Araújo Guerra de Oliveira do Departamento de Fisiologia e Patologia do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal, Campus I, em João Pessoa. A coordenação conseguiu agregar e implantar uma equipe multiprofissional, que tem alcançado espaços significantes, principalmente, nas atividades de ensino, já constando a disciplina de Fitoterapia no curso de mestrado em Enfermagem de Saúde Pública e, mais recentemente, foi implantada no curso de graduação em Odontologia (AMORIM, 1994).

Também são realizadas diversas atividades na comunidade, através do Núcleo de Pesquisa Popular da Universidade, entre as quais as do Programa Especial de Formação e Informação sobre Plantas Medicinais, que oferecem treinamento sobre Fitoterapia popular (AMORIM, 1994). O Laboratório de Tecnologia Farmacêutica (LTF) funciona com três áreas de atividades: controle e produção de medicamentos, ensino (graduação e pós – graduação) e pesquisa (Núcleo de Pesquisa de Produtos Naturais e o Núcleo de Biotecnologia). Na área de produção de medicamentos, há a fabricação de vários produtos de origem vegetal, desde os de higiene pessoal como xampu, sabão, detergente, até os medicamentos como xaropes, pomadas, comprimidos, colírios, etc. Ainda há comercialização de plantas “in natura”. Na área de ensino, os alunos do curso de graduação e pós-graduação da Área de Saúde desenvolvem atividades práticas na horta de plantas medicinais e

participam de pesquisas e atividades relacionadas à Fitoterapia na comunidade(AMORIM, 1994).

Em Campina Grande, onde funciona o Campus II da Universidade Federal da Paraíba, com o processo da municipalização, a universidade absorveu a rede de seis unidades de saúde, as quais, anteriormente pertenciam ao Ministério de Assistência e Previdência Social. Em decorrência disto, o Centro de Ciências Biológicas e de Saúde – CCBS, Campus II ficou responsável pela oferta de serviços de saúde, do nível primário ao terciário.

Atualmente, a preocupação dos docentes e da Universidade é a reorganização desta rede e a criação de um novo modelo assistencial que atenda não só as necessidades de saúde da população, mas também às de ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade.

Durante três anos, quando as unidades de saúde não pertenciam ao CCBS, foi desenvolvido um trabalho sobre a utilização da Fitoterapia no Centro de Saúde da Palmeira, que pertence à Universidade, que culminou com a implantação de uma horta medicinal, com a participação da comunidade, pessoal de saúde e docentes da disciplina de Saúde Coletiva. Por falta de apoio institucional, de recursos para manutenção da horta e, principalmente, devido às mudanças políticas e administrativas que ocorreram nos serviços de saúde, houve interrupção dessas atividades.

Além da Universidade Federal da Paraíba, existe outra universidade em Campina Grande, a Universidade Estadual da Paraíba, com vários cursos da área da Saúde, sendo que Medicina pertence à Universidade Federal. A disciplina de Fitoterapia foi implantada em todos os cursos de graduação da área de Saúde daquela

Universidade, exceto o curso de odontologia, no qual já está prevista implantação, o que demonstra o interesse das universidades em usar as plantas medicinais na saúde da população.

Atualmente em Campina Grande através da Universidade Estadual, desenvolvem – se atividades, principalmente, na área de ensino; entretanto é preciso fortalecer as atividades de pesquisa e extensão junto à comunidade. Ainda, não existem nas unidades da rede de serviços de saúde, atividades de Fitoterapia, que sejam educativas, ou com a utilização de fitoterápicos, de maneira planejada e controlada institucionalmente.

A intenção da autora deste estudo, docente da disciplina de Saúde Coletiva, é a reativação e implantação da Fitoterapia na rede de serviços de saúde, pois sente-se que o momento é propício uma vez que, além do desejo e interesse de um grupo de docentes, há o interesse e determinação institucional, com a lei n.º 3136 de 29 de maio de 1995(anexo 1), aprovada pela Câmara de Vereadores que determina implantação da Fitoterapia na rede municipal de saúde (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, 1995).

OBJETIVOS

Esta pesquisa teve como finalidade realizar um diagnóstico sobre o uso da Fitoterapia popular na atenção de saúde das famílias, da área urbana, urbana – rural e rural do município de Campina Grande, Paraíba, no intuito de utilizar as informações como meio de incentivar e subsidiar as autoridades locais para implantação da Fitoterapia na rede básica de saúde.

Para consecução dessa finalidade, foram formulados para este estudo os seguintes objetivos específicos:

- identificar algumas características sócio–econômicas das famílias da área urbana, urbana-rural e rural, onde a universidade estende seus serviços de saúde;
- identificar algumas características dos “especialistas” das famílias da área urbana, urbana-rural e rural que usam e recomendam plantas medicinais nos cuidados de saúde da família;
- verificar em que proporção essas famílias utilizam as plantas medicinais;
- levantar os nomes populares e classificar, cientificamente, essas plantas utilizadas pelo “especialista” nos cuidados de saúde da família da área urbana, urbana-rural e rural;
- verificar em que proporção o “especialista” faz uso das plantas medicinais, quanto às indicações, modo de preparar, de usar e de administrar, para as famílias da área urbana, urbana-rural e rural e descrever as receitas utilizadas com plantas medicinais;
- relacionar as associações das plantas medicinais, utilizadas pelos “especialistas” da área urbana, urbana-rural e rural;

- verificar os locais onde o “especialista” da família obtém as plantas medicinais, usadas nos cuidados de saúde da família;
- levantar os nomes populares e classificar, cientificamente, as plantas nocivas citadas pelos “especialistas”.
- verificar se as indicações terapêuticas atribuídas para as principais plantas utilizadas pelos “especialistas” coincidem com as indicações da literatura científica consultada.

MATERIAL E MÉTODO

1 – Área e população de estudo

Este estudo foi desenvolvido em Campina Grande, Paraíba, em colaboração com a Universidade Federal da Paraíba, Campus II.

A área classificada para fins deste estudo constitui-se de: urbana, urbana-rural e rural. A primeira compreende distritos sanitários da Palmeira e Bela Vista, localizados na sede do município; a segunda, a vila onde funciona a sede do distrito de Galante; e a terceira, a área rural, propriamente dita, que é representada pelos aglomerados rurais, núcleos, povoados e outros aglomerados, segundo critérios adotados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE(1991).

Essa classificação em áreas distintas tem a finalidade de levantar possíveis diferenças específicas com relação à Fitoterapia popular nas áreas urbana, urbana-rural e rural.

A escolha dessas sub – áreas é justificada porque se encontram localizadas unidades de saúde onde a integração docente assistencial da Universidade Federal é realizada, com a participação dos docentes da disciplina Saúde Coletiva, pretendendo-se implantar um programa de Fitoterapia em saúde pública para a comunidade.

A população, em 1996, era constituída de 18.773 famílias(residentes na área urbana, 16.921(90,1%); na área urbana – rural 867(4,6%) e na área rural 985(5,2%)). O número de bairros, localidades, população e famílias das áreas urbana, urbana – rural e rural está representado na Tabela 1.

Tabela 1 – Número de bairros, localidades, população e de famílias da área urbana e rural, do município de Campina Grande, Paraíba, 1997.

SEDE DO MUNICÍPIO	ÁREA						
	Urbana				Rural*		
	N.º de Bairros	N.º de Famílias	N.º de Localidades	População	N.º de Localidades	N.º de Famílias	População
Distritos Sanitários							
I Francisco Pinto	10	10.024	-	50.116	-	-	-
II Bela Vista	09	9.759	-	48.797	-	-	-
III Palmeira	08	7.162	-	35.825	-	-	-
IV Catolé	09	10.580	-	52.914	-	-	-
V Liberdade	08	11.308	-	56.549	-	-	-
VI Malvinas	05	10.824	-	54.127	-	-	-
Subtotal	49	59.657	-	298.328	-	-	-
Sede dos Distritos							
Vila Galante	-	867	-	4.335	45	985	4.925
Vila Catolé de Boa Vista	-	377	-	1.885	45	1.036	3.420
Vila São José da Mata	-	491	-	2.455	35	1.830	8.310
Sub-total	-	1735	-	8.675	125	3.851	16.665
TOTAL	49	61.392	-	307.003	125	3851	16.665

FONTES: Secretária Municipal de Saúde de Campina Grande – Paraíba.
Fundação Nacional de Saúde, Delegacia Regional de Campina Grande – Paraíba.

* Foram incluídos todos os agrupamentos populacionais da área rural, vinculados ou não a um proprietário.

2 – Amostra

As amostras das famílias foram obtidas para os estratos definidos pelas áreas urbana, urbana – rural e rural.

O valor populacional a ser estimado para cada área é a porcentagem de famílias que usa, pelo menos, uma planta medicinal em seu cotidiano. A partir dos níveis esperados para esses valores (P) e dos erros tolerados para os resultados a serem obtidos(d), os tamanhos mínimos das amostras(Tabela 2) foram obtidos pelo uso da Tabela apresentada na página 25 do Manual de LEMESHOW and LWANGA, (1991).

Tabela 2 – Tamanho mínimo da amostra de famílias (n) por área, segundo a probabilidade (p) e o erro tolerado (d), em Campina Grande, 1997.

ÁREA	p	d	n
Urbana	0,50	0,05	384
Urbana/rural	0,95	0,06	51
Rural	0,95	0,06	51

As amostras realizadas no Bairro do Jeremias (área urbana), (Tabela 3), e em outras localidades da área rural (Tabela 6) foram maiores que as planejadas. Na área urbana isto ocorreu devido três famílias, que foram entrevistadas como sendo do Bairro do Araxá, pertenciam ao Bairro do Jeremias. Por resolução do pesquisador, essas famílias foram computadas no seu respectivo bairro (Jeremias).

O outro motivo foi o seguinte: como a área rural era muito distante e de difícil acesso, para evitar retornos dispensáveis, foi adotado o critério de entrevistar uma família a mais por localidade dessa área.

Na área urbana, foi utilizado o procedimento de amostragem por conglomerados em dois estágios. Sortearam-se, inicialmente, quadras, e a seguir domicílios em cada quadra selecionada. Por este motivo, foi ampliado o número de famílias da amostra definido na Tabela 2 para 600 famílias (SILVA, N.N., 1998). Foram sorteadas duas quadras por bairro, realizando-se o sorteio sistemático de famílias pela aplicação do intervalo (I) calculado pela expressão: $I = \frac{16921}{600} \times \frac{2}{NQ}$, onde, NQ é o número de quadras existentes em cada bairro (Tabela 3).

O número de famílias por bairro foi calculado por: $nf = \frac{600}{16921} \times NF$, onde, NF é igual ao número de famílias em cada bairro.

Determinou-se, assim, a amostra de 600 famílias proporcional aos tamanhos dos bairros, apresentada na Tabela 3.

Tabela 3 – População, tamanho da amostra esperada e realizada e o número das quadras sorteadas por bairro da área urbana do município de Campina Grande, 1997.

N.º de Ordem	Bairro	*N.º de famílias (NF)	*N.º de quadras (NQ)	Intervalo (I)	N.º de famílias na amostra		N.º das quadras sorteadas
					esperada	realizada	
1	Jardim Continental	306	48	1,17	11	11	02-04
2	Louzeiro	227	11	5,12	8	8	02-05
3	Conceição	874	32	1,76	31	30	18-16
4	Palmeira	1.286	47	1,20	46	44	08-46
5	Prata	927	44	1,28	33	29	22-30
6	São José	967	38	1,48	34	31	13-21
7	Centenário	1.718	53	1,06	61	60	33-27
8	Bela Vista	1.200	52	1,08	43	40	24-38
9	Monte Santo	1.620	46	1,23	57	57	12-25
10	Jeremias	2.450	53	1,06	87	90	31-13
11	Cuités	276	27	2,08	10	10	01-11
12	Araxá	123	29	1,94	4	3	20-06
13	Universitário	600	26	2,16	21	20	15-12
14	Pedregal	2.128	25	2,26	75	71	14-15
15	Bodocongó	1.425	98	1,0	51	49	50-34
16	Novo Bodocongó	132	10	5,64	5	4	10-06
17	Serrotão	662	20	2,80	23	18	7-03
Total		16.921	659	-	600	575	-

* FONTE: IBGE (1992).

Na área urbana – rural, a amostra de 100 famílias foi obtida por sorteio sistemático, pela aplicação do intervalo $(I) = \frac{867}{100}$, aplicado ao total de famílias(NF) de cada uma das 21 quadras definidas. O número esperado de famílias foi calculado por: $nf = \frac{100}{867} \times NF$ (NF é igual ao número de família por setor), apresentado na

Tabela 4.

Sortearam-se, inicialmente, as quadras e, a seguir, os domicílios em cada quadra selecionada. Por este motivo, foi ampliado o número de famílias da amostra definida na Tabela 2, para 100 famílias.

Tabela 4 – População, tamanho da amostra esperada e realizada por setor da área urbana/rural do município de Campina Grande, 1997.

Setor	*Número da Quadra	**Número de Famílias	Nº de famílias na amostra por setor	
			Esperada	Realizada
I	1	61	25	24
	2	46		
	3	-		
	4	14		
	5	32		
	6	61		
Sub-Total	-	214	25	24
II	1	136	21	19
	2	-		
	3	03		
	4	40		
Sub-Total	-	179	21	19
III	1	79	33	35
	2	82		
	3	45		
	4	12		
	5	53		
	6	03		
	7	07		
	8	07		
Sub-Total	-	288	33	35
IV	1	34	21	22
	2	90		
	3	62		
Sub-Total	-	186	21	22
TOTAL	21	867	100	100

FONTE: * Fundação Nacional de Saúde - Delegacia Regional de C. Grande – Paraíba.

** IBGE (1992)

Na área rural, foi aplicada amostragem por conglomerados em dois estágios, com partilha proporcional ao número de famílias de cada localidade, segundo SILVA(1998).

Foram sorteadas dez localidades e, em seguida, dez famílias para cada localidade sorteada, apresentada na Tabela 5 e 6.

Tabela 5 – População por setor da área rural da Vila de Galante no município de Campina Grande, 1997.

SETOR	Localidades	N.º de famílias (N)
V	01) Fazenda Ubaiaá	14
	02) Fazenda Floresta	4
	03) Fazenda Floresta Feliciano	8
	04) Sítio Amorim	4
	05) Fazenda Liberal	4
	06) Fazenda Luango	4
	07) Fazenda Juá	1
	08) Fazenda Cândida	9
	09) Fazenda Barreto Benedita	4
	10) Propriedade Deserto	7
	11) Fazenda Deserto	15
	12) Sítio Barreto	20
	13) Sítio Brito	25
	14) Fazenda Santo Antônio	3
	15) Sítio Várzea do Arroz	5
	16) Fazenda Amorim	17
	17) Sítio Tatu	34

Continua

SETOR	Localidades	N.º de Famílias (N)
VI	18) Fazenda Galante	24
	19) Fazenda Várzea do Arroz	31
	20) Fazenda Sítio Brito	17
	21) Sítio Surrão dos Poços	15
	22) Sítio Lagoa do Surrão	31
	23) Sítio Pedra D'Água	21
VII	24) Fazenda Massapê	17
	25) Massapê de Galante	39
	26) Sítio Massapê de Galante	44
	27) Sítio Santana I	71
	28) Sítio Pau Careta	47
VIII	29) Sítio Jorge	5
	30) Sítio Bela Vista	21
	31) Sítio Tatu	45
	32) Sítio Santana II	22
	33) Sítio Massepê	94
	34) Sítio Fazenda Velha	26
	35) Associação da Fava	38
	36) Fazenda Belo Horizonte	2
IX	37) Fazenda Cruzeiro	15
	38) Fazenda Bela Vista	1
	39) Sítio Jorge	64
	40) Fazenda Jacu	17
	41) Fazenda Cássia Neves	10
	42) Fazenda Laranjeira	16
	43) Fazenda Maria da Luz	4
	44) Fazenda Caridade	42
X	45) Santa Terezinha	28
TOTAL		985

FONTE: IBGE, (1992)

Conclusão Tabela 6.

TABELA 6 – Tamanho da amostra esperada e realizada por localidade na área rural do município de Campina Grande, 1997.

Localidades sorteadas	N.º de famílias na amostra		Amostra realizada por setor	
	Esperada	Realizada	Setor	N.º de famílias entrevistadas
Fazenda Amorim	10	11	V	11
Sítio Surrão dos Poços	10	10	VI	21
Sítio Pedra D'Água	10	11		
Fazenda Massapê	10	10	VII	21
Sítio Pau Gareta	10	11		
Sítio Tatu	10	11	VIII	43
Sítio Bela Vista	10	10		
Sítio Massapê	10	13		
Associação da Fava	10	09		
Fazenda Jacú	10	11	IX	11
TOTAL	100	107	-	107

3 – Procedimentos utilizados para sorteio e identificação das famílias

Na área urbana, utilizou-se o mapa base da cidade (anexo 5) com as divisões e limites dos bairros, segundo a Lei Municipal nº 1542 de 06/05/1987, SEPLAN(1987) (anexo 2). Todas as quadras foram numeradas em ordem crescente e em sentido horário.

As 34 quadras da área urbana, sorteadas pelo processo aleatório simples(SILVA, 1998) foram identificadas no mapa, através dos limites dos bairros e dos nomes das ruas; em seguida, marcou-se um ponto inicial para cada quadra e a partir deste ponto as entrevistas foram iniciadas, seguindo o sentido horário, obedecendo ao intervalo determinado na Tabela 3.

Nas situações em que o tamanho da amostra era maior que o número de famílias existentes nas quadras sorteadas, as entrevistas passavam a ser realizadas na quadra subsequente, seguindo os mesmos passos, anteriormente, descritos. Desta forma, foram entrevistados 575 famílias das 600 esperadas no processo de amostragem(Tabela 3).

Na área urbana-rural, foi necessário solicitar apoio da equipe de campo da Fundação Nacional de Saúde(SUCAM) para identificação dos setores com suas respectivas quadras, isto porque as quadras projetadas dos setores II, III e IV não tinham denominação de ruas, exceto setor I, que representava o centro da vila do distrito de Galante. Com auxílio do mapa de trabalho de campo da SUCAM, foram identificados os setores com suas respectivas quadras. Depois dos setores delimitados, quadras numeradas e identificadas, foram iniciadas as entrevistas com as famílias das vinte e uma quadras existentes, de acordo com tamanho da amostra

prevista, Tabela 4, obedecendo ao intervalo de um domicílio para outro de $I = 9$. O início casual e os demais critérios foram idênticos aos da área urbana, deste modo foram entrevistados 100 famílias(Tabela 4).

Na área rural, das quarenta e cinco localidades existentes na zona rural da vila do distrito de Galante (anexo 6), foram numeradas e selecionadas dez localidades através de sorteio(Tabela 5 e 6).

Em seguida, para cada localidade sorteada, foram utilizados os mapas de trabalho de campo dos guardas da SUCAM, para identificação das famílias por localidade. Novo sorteio foi realizado para cada uma, com o objetivo de selecionar dez famílias para serem entrevistadas cuja identificação seria feita pela numeração do domicílio, e os demais critérios foram os mesmos das áreas urbana e urbana – rural, atingindo 107 famílias(Tabela 6).

A identificação das famílias da área rural foi bastante difícil, pois a população era dispersa e na maioria das vezes, de difícil acesso, além dos problemas climáticos, e ausência da família por estarem seus membros no campo, houve dificuldades para o acesso em algumas localidades por ausência de transporte ou condições das estradas, que a maioria eram vicinais, entretanto com o apoio que se teve da equipe da SUCAM foi possível entrevistar todas as famílias previstas da amostra planejada.

4 – Variáveis

As variáveis para este estudo foram:

4.1 – Caracterização da família

- Endereço
- Localização
- Número de membros da família
- Número de membros da família por idade
- Número de membros da família por sexo
- Grau de escolaridade dos membros das famílias
- Renda mensal das famílias em salário mínimo
- Razões para o não uso das plantas

4.2 – Caracterização do especialista da família

- Nome
- Idade
- Sexo
- Escolaridade
- Religião
- Fontes de aprendizagem
- Razões para o uso das plantas

4.3 – Plantas utilizadas pelo especialista da família

- Nome popular das plantas utilizadas
- Indicações terapêuticas
- Parte usada
- Modo de usar
- Modo de preparo
- Modo de administrar
- Indicações de plantas tóxicas
- Local onde obtém

4.4 – Descrição das receitas utilizadas pelo especialista da família

- Etapas do preparo
- Ingredientes usados
- Associação das plantas usadas

4.5 – Identificação botânica das plantas usadas

- Família
- Espécie
- Gênero

5 – Técnica da coleta de dados

O estudo realizado foi tipo “survey” descritivo e a pesquisa enquadra-se na linha dos estudos etnográficos com enfoque para a saúde pública. Os dados foram coletados no período de janeiro de 1996 a dezembro de 1997, utilizando-se a técnica da entrevista estruturada, através da visita domiciliar. A escolha desta técnica foi baseada pelas seguintes razões: podia ser aplicada à população heterogênea(WITT, 1973); possibilitava que as questões fossem melhor investigadas; facilitava a obtenção de dados mais fidedignos; dava oportunidade de contato direto com as famílias, favorecendo melhor compreensão do fenômeno estudado e, por fim, possibilitava menor número de recusas.

O instrumento da coleta de dados utilizado foi um questionário constituído de perguntas abertas e fechadas cuja estrutura foi dividida em cinco partes(anexo 3): caracterização da família, caracterização do “especialista” da família, plantas utilizadas pelo especialista da família, descrição das receitas utilizadas pelo “especialista” da família e indicação de plantas nocivas pelo “especialista” da família.

Além do questionário, outros materiais foram utilizados na coleta de dados: sacos e sacolas de plástico, para colocar as plantas coletadas; etiquetas para identificação (nomenclatura popular, local da coleta, data da coleta, indicação terapêutica); tesoura de podar para cortar a parte da planta a ser identificada; jornais para envolvê-las no processo de secagem; corda de agave fina, nylon ou similar para fixar a prensa; prensa de madeira, eucatex ou papelão grosso para colocar as partes

coletadas envolvidas em papel jornal, que iriam ser submetidas à secagem e por fim estufa, para secagem das plantas.

O questionário foi submetido a um teste prévio com 45 famílias, sendo 15 em cada área(urbana, urbana – rural e rural). Estas foram selecionadas em áreas que apresentavam características semelhantes às das áreas de estudo.

Em consequência do teste prévio, ocorreram modificações e reformulações na estrutura do questionário, bem como, em relação à maneira como seriam abordadas algumas questões, por exemplo, a remoção de algumas variáveis(previstas no ante projeto, tais como: dose, frequência, tempo de tratamento, horário, quantidade dos “remédios caseiros” e outras).

Para orientar o preenchimento do questionário e a coleta das plantas, foi utilizado um roteiro com instruções(anexo 3), bem como um “rapport”(anexo 7) que facilitasse a abordagem dos entrevistadores junto às famílias.

As fases ou etapas da coleta de dados baseadas em NOGUEIRA(1983), bem como as suas atividades e opções estão, resumidamente, apresentadas no fluxograma que segue:

As entrevistas foram realizadas pelo pesquisador e um aluno do 7º período do curso de Sociologia, o qual foi, previamente, treinado e supervisionado pela pesquisadora. Inicialmente, os entrevistadores se identificavam, explicavam os motivos da pesquisa e solicitavam a cooperação da família para participar. Após o preenchimento do questionário, as plantas que eram usadas pelos “especialistas” das famílias, se possível, eram colhidas na mesma ocasião.

Entretanto, na maioria das vezes, principalmente na área rural, foi necessário que os entrevistadores voltassem para coletá-las, visto que algumas plantas usadas estavam distante da casa, por exemplo, na fazenda do patrão, sítio, roçado, sítio do vizinho, etc.; nestes casos marcava-se uma outra visita, de acordo com a disponibilidade da família.

A técnica utilizada para a coleta das plantas medicinais foi a seguinte: a planta, sempre que possível, foi colhida com folhas, frutos e flores; em seguida, foi limpa e enxugada; a seguir, colocada na prensa, envolvida com jornais, de modo que as folhas, os frutos, os caules e as raízes ficassem bem estirados(foi necessário colocar na prensa o mais rápido possível); por fim, colocada junto à planta uma etiqueta ou ficha com seus dados(nome da planta, indicações terapêuticas, data da coleta, local da coleta).

Enquanto a planta não ia para a estufa, o jornal era mudado, diariamente, e ela era colocada ao sol para que não se desenvolvessem fungos, nem o espécime fosse prejudicado. Essa técnica foi orientada pela professora M.^a de Fátima Agra, do setor de botânica da Universidade Federal da Paraíba.

O último passo foi a identificação botânica das plantas, que após coletadas, foram catalogadas, prensadas, colocadas ao sol para secagem e, posteriormente, enviadas para o setor de botânica do laboratório farmacêutico da Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João Pessoa, para secagem em estufa e identificação botânica pela professora M.^a de Fátima Agra.

Algumas plantas usadas pelos “especialistas” das famílias não sofreram esse processo de identificação pelos seguintes motivos: eram adquiridas em farmácias, feiras livres, supermercados, e as famílias não as tinham em suas casas na ocasião da

coleta; algumas como as frutas e hortaliças, por serem bastante conhecidas dispensaram a identificação botânica e apenas foram identificadas, através da bibliografia consultada, sob orientação da referida professora.

Outras não foram possíveis serem identificadas, uma vez que não foram encontradas nos locais ou por estarem estragadas, devido a seca ou chuva.

ASPECTOS FÍSICOS DAS ÁREAS TRABALHADAS

VISTA PANORÂMICA DE CAMPINA GRANDE

ACESSO À ÁREA URBANA

ACESSO À ÁREA URBANA-RURAL

ACESSO À ÁREA RURAL

REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA COLETA E CLASSIFICAÇÃO DAS PLANTAS

COLETA

PREPARO DO MATERIAL PARA SECAGEM

MATERIAL EM PROCESSO DE SECAGEM

LABORATÓRIO DE TECNOLOGIA FARMACÊUTICA(LTF)

LABORATÓRIO DE BOTÂNICA DA U.F.P.B. EM JOÃO PESSOA

**PLANTAS CLASSIFICADAS À DISPOSIÇÃO DO HERBÁRIO
PROFESSOR LAURO PIRES XAVIER – JOÃO PESSOA – PB.**

RESULTADOS

1 – Características do Município de Campina Grande, no estado da Paraíba.

O município de Campina Grande situa-se na mesoregião do agreste do estado da Paraíba, possui uma área de 970 km², o que corresponde 1,72% da área total do estado, com uma densidade demográfica de 336 hab/Km², distando 120 Km da capital.

Segundo o censo do IBGE de 1991, o crescimento populacional anual para década de 1990 estava em torno de 2,52%, estimando-se, atualmente, uma população em torno de 378.856 habitantes, sendo que destes 70,5% são considerados, economicamente ativos e 94,3% concentram-se na área urbana do município.

O município possui uma rede de unidades de ensino do 1º e 2º graus composta de 462 estabelecimentos, 55% destas unidades são públicas, há também duas unidades de ensino profissionalizante e duas universidades públicas.

Quanto à rede de unidades de saúde, existem quatorze hospitais privados, dois públicos (Hospital Universitário e o Instituto de Saúde Elpidio de Almeida), uma unidade mista, uma unidade de fisioterapia, seis centros de saúde e vinte e duas unidades básicas de saúde (SECRETARIA DE SAÚDE MUNICIPAL, 1997).

O município dispõe de 3.260 leitos hospitalares, (8,6 por 1000 habitantes), 1220 médicos (3,2 por 1000 habitantes), 155 enfermeiros (0,4 por 1000 habitantes) e 240 odontólogos (0,6 por 1000 habitantes).

Quanto ao sistema de saneamento básico, a cidade de Campina Grande possui 65% dos domicílios com canalização interna e ligada ao sistema de abastecimento de água, 35% sem canalização interna. Quanto ao sistema da rede de esgoto, 39,4% dos

domicílios são ligados e 65,7% da população tem coleta de lixo regular (PLANO DE SAÚDE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE CAMPINA GRANDE, 1996).

Além disso, a área dispõe de três rádios FM's e quatro AM's, dois jornais diários, duas estações de televisão, três teatros, dez clubes, vinte e três bibliotecas, seis museus e dois cinemas (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MUNICÍPIO, 1997).

Anualmente, são realizados os seguintes eventos: Encontro para Nova Consciência, Micarande, Campina Grande Mostra Negócio, O Maior São João do Mundo, Festival de Inverno, Congresso de Teoria e Crítica Literária e a Feira de Tecnologia.

2 – Características das famílias estudadas

Das 782 famílias entrevistadas, 575(73,5%) moram na área urbana, 100(12,8%) na urbana-rural e 107(13,7%) na rural (Tabela 7). A média de membros das famílias entrevistadas é de 4 membros.(Tabela 7)

Tabela 7 – Distribuição das freqüências e a média de membros das famílias entrevistadas, segundo as áreas, em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Áreas	Famílias entrevistadas			
	N.º	%	Membros da família	
			N.º	Média
Urbana	575	73,5	2273	3.9
Urbana- Rural	100	12,8	420	4.2
Rural	107	13,7	493	4.6
TOTAL	782	100,0	3186	4.0

Na composição das famílias quanto ao número de membros, os dados da tabela 8 mostram que 23,7% do total das famílias possuíam até 2 membros; 56,4% de 3 a 5 membros, e de 6 a mais membros 19,9%.

Além disto, verifica-se, em relação às áreas, que a maior porcentagem das famílias com menor número de membros(até 2) encontrava-se na área urbana-rural(31,0%) e a menor na área rural com 18,7%; quanto às famílias que possuíam maior número de membros(de 6 e mais membros), a área rural(26,2%) superou em relação às demais áreas(Tabela 8).

Tabela 8 – Distribuição do número de membros das famílias entrevistadas segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Número de Membros	Áreas						TOTAL	
	Urbana		Urbana-Rural		Rural			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Até 2	134	23,3	31	31,0	20	18,7	185	23,7
3 5	338	58,8	44	44,0	59	55,1	441	56,4
6 9	94	16,3	22	22,0	21	19,6	137	17,5
+ 9	09	1,6	3	3,0	7	6,6	19	2,4
TOTAL	575	100,0	100	100,0	107	100,0	782	100,0

Com relação ao sexo, constata-se o seguinte: nas áreas urbana e urbana-rural, a porcentagem de indivíduos do sexo feminino(58,3% e 54,5% respectivamente), superou um pouco os do sexo masculino, sendo que na área rural acontece o inverso, com 51,3% de homens para 48,7% de mulheres. O total é de 46,9% de homens e 53,1% de mulheres.(Tabela 9)

Tabela 9 – Distribuição do sexo dos membros das famílias entrevistadas segundo as áreas de Campina Grande, Paraíba, 1997.

Sexo	Área						TOTAL	
	Urbana		Urbana-rural		Rural			
	N °	%	N °	%	N °	%	N.º	%
Masculino	1050	46,2	191	45,5	253	51,3	1494	46,9
Feminino	1223	53,8	229	54,5	240	48,7	1692	53,1
TOTAL	2273	100,0	420	100,0	493	100,0	3186	100,0

A distribuição por faixa etária encontra-se na tabela 10, onde se verifica a maior porcentagem (44,5%) pertencia à faixa de 15 anos a 44 anos, sendo seguida

pela faixa de menores de 1 a 14 anos(30,3%), caracterizando a população estudada como jovem, pois apenas 12,2% do total são maiores de 60 anos.

Tabela 10 – Distribuição dos membros das famílias entrevistadas por faixa etária, segundo as áreas Campina Grande, Paraíba, 1997.

Faixa Etária	Áreas							
	Urbana		Urbana- Rural		Rural		Total	
	N °	%	N °	%	N °	%	N °	%
< 1 – 14 anos	656	28,8	126	30,0	182	36,9	964	30,3
15 – 44 anos	1036	45,6	174	41,4	208	42,2	1418	44,5
45 – 60 anos	313	13,8	52	12,4	49	9,9	414	13,0
+ 60 anos	268	11,8	68	16,2	54	11,0	390	12,2
TOTAL	2273	100,0	420	100,0	493	100,0	3186	100,0

Na tabela 11, verifica-se que o grau de escolaridade das famílias entrevistadas era o seguinte: 35,5% dos membros maiores de 14 anos não tinham escolaridade ou eram apenas alfabetizados; a maior proporção 53,5% haviam freqüentado ou haviam estudado as séries do 1º grau e apenas 11,0% 2º ou 3º grau.

Tabela 11 – Distribuição do grau de escolaridade dos membros das famílias entrevistadas, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Escolaridade	Área							
	Urbana		Urbana- Rural		Rural		TOTAL	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Sem escolaridade	269	12,8	103	26,6	65	14,6	437	15,0
Alfabetizado	447	21,2	86	22,2	70	15,8	603	20,5
1º Grau	1085	51,5	185	47,8	300	67,6	1570	53,5
2º Grau	236	11,2	13	3,4	09	2,0	258	8,7
3º Grau	69	3,3	-	-	-	-	69	2,3
TOTAL	2106	100,0	387	100,0	444	100,0	2937	100,0

A tabela 12 mostra a situação da renda familiar, em salários mínimos, verificando-se que das 782 famílias entrevistadas 548, que corresponde 70,1% das famílias, possuíam renda até dois salários mínimos. Observando-se os dados por área, visualiza-se que a maior porcentagem das famílias com renda inferior a um salário mínimo, encontrava-se na área rural, com 35,5 % e, a menor, na urbana com 3,1%.

Na tabela 12, o item “outros” engloba pessoas que não informaram a renda com receio de que a coleta de dados fosse “negócio de controle do governo” ou que não queriam responder por sentirem-se “envergonhados” em dizer o quanto dispunham para as despesas da casa.

Tabela 12 – Renda familiar em salários mínimos das famílias entrevistadas, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Renda familiar mensal em salários mínimos	Áreas						TOTAL	
	Urbana		Urbana-rural		Rural			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
< 1	18	3,1	5	5,0	38	35,5	61	7,8
1 – 3	364	63,3	76	76,0	47	43,9	487	62,3
3 – 5	96	16,7	8	8,0	9	8,4	113	14,5
5 – 9	29	5,1	-	-	-	-	29	3,7
9+	11	1,9	-	-	1	1,0	12	1,5
Outros	57	9,9	11	11,0	12	11,2	80	10,2
TOTAL	575	100,0	100	100,0	107	100,0	782	100,0

3 – Características dos “especialistas” em fitoterapia popular das famílias que usavam plantas medicinais.

Verifica-se, na tabela 13, que dos 648 “especialistas” 607(93,7%) eram do sexo feminino e 41(6,3%) do sexo masculino. Ao observar os dados por área, constata-se que as áreas urbana-rural e rural apresentavam maior porcentagem de “especialistas” do sexo masculino com 8,2% e 8,7% respectivamente, quando comparadas com a área urbana que apresentava 5,5%.

Tabela 13 – Distribuição dos especialistas por sexo segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Sexo	Áreas							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		TOTAL	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Masculino	26	5,5	7	8,2	8	8,7	41	6,3
Feminino	445	94,5	78	91,8	84	91,3	607	93,7
TOTAL	471	100,0	85	100,0	92	100,0	648	100,0

Quanto à faixa etária, observa-se na tabela 14 que do total de 648 especialistas, 47,5% situavam-se entre 13 anos á 44 anos, e 52,5% entre 45 anos e mais.

Para todas as áreas, constata-se que o grupo etário que concentra o maior número de “especialistas” é o de 15 anos a 44 anos, sendo que o grupo de “especialistas” com mais de 60 anos concentrava-se, em maior porcentagem nas áreas urbana-rural com 31,8% e rural com 26,1%, enquanto a área urbana 21,2%(Tabela 14).

Tabela 14 – Distribuição dos “especialistas” por faixa etária, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Faixa etária	Áreas							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		TOTAL	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
≤ 14 anos	-	-	-	-	1	1,1	1	0,2
15 - 44 anos	227	48,2	37	43,5	43	46,7	307	47,3
45 - 60 anos	144	30,6	21	24,7	24	26,1	189	29,2
+60 anos	100	21,2	27	31,8	24	26,1	151	23,3
TOTAL	471	100,0	85	100,0	92	100,0	648	100,0

Em relação à religião dos “especialistas”, constata-se predominância da religião católica, com 85%, em seguida, a evangélica com 14% (Tabela 15).

Tabela 15 – Religião dos “especialistas”, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Religião	Áreas							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Católica	394	83,7	75	88,2	81	88,0	550	85,0
Evangélica	74	15,7	9	10,6	9	9,8	92	14,0
Protestante	-	-	1	1,2	2	2,2	03	0,5
Sem informação	3	0,6	-	-	-	-	03	0,5
TOTAL	471	100,0	85	100,0	92	100,0	648	100,0

Os dados apresentados na tabela 16 representam o grau de escolaridade dos “especialistas”, observando-se que 43,0% não tinham escolaridade ou eram apenas alfabetizados; 45,1% possuíam 1º Grau incompleto ou completo, e 11,9% 2º Grau

completo ou incompleto ou 3º Grau completo ou incompleto. Constatase, também, que a escolaridade dos “especialistas” da área rural, é 100% de nível de 1º grau.

Tabela 16 – Grau de escolaridade dos “especialistas”, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Escolaridade	Áreas							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		TOTAL	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Sem escolaridade	75	15,9	27	31,7	24	26,1	126	19,4
Alfabetizado	107	22,7	25	29,4	21	22,8	153	23,6
1º Grau	214	45,4	31	36,5	47	51,1	292	45,1
2º Grau	64	13,6	2	2,4	-	-	66	10,2
3º Grau	11	2,4	-	-	-	-	11	1,7
TOTAL	471	100,0	85	100,0	92	100,0	648	100,0

Quanto ao grau de parentesco dos “especialistas” na composição familiar, os dados da tabela 17 mostram que 91,2% deles eram mães ou madrastas.

Tabela 17 – Grau de parentesco dos “especialistas” na estrutura da família segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Grau de Parentesco	Áreas							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		TOTAL	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mãe ou madrasta	436	92,6	74	87,0	81	88,0	591	91,2
Pai ou padrasto	19	4,0	5	6,0	5	5,4	29	4,5
Avós	13	2,8	6	7,0	2	2,2	21	3,2
Tios	1	0,2	-	-	2	2,2	03	0,5
Filhos	1	0,2	-	-	2	2,2	03	0,5
Outros membros*	1	0,2	-	-	-	-	01	0,1
TOTAL	471	100,0	85	100,0	92	100,0	648	100,0

* Outros membros: sogros, cunhados, primos.

Na tabela 18, constatam-se as diversas fontes de aprendizagem sobre plantas medicinais, referidas pelos “especialistas”. Destas, 87,2% eram os familiares, 8,5% eram não familiares e 4,3% eram outras fontes(livros, cursos, rádios, TV).

Por área, observa-se que a fonte de aprendizagem representada pela família era maior na área urbana com 90,3% e menor na área rural com 77,2%. E com relação à fonte de aprendizagem representada pelos não familiares, ela era mais freqüente com os “especialistas” da área rural(22,8%) e menos na área urbana(3,8%). Além disto, observa-se que a fonte de aprendizagem “através de outros meios”, foi citada somente pelos “especialistas” da área urbana (5,9%).

Tabela 18 – Distribuição das fontes de aprendizagem dos “especialistas” sobre plantas medicinais, segundo as áreas, em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Fontes de Aprendizagem	Áreas							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		TOTAL	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
- Familiares								
Mãe	314	63,7	54	61,4	51	50,5	419	61,4
Pai	30	6,1	5	5,7	6	5,9	41	6,0
Avós	42	8,5	11	12,5	16	15,8	69	10,1
Pais e Avós	28	5,7	-	-	2	2,0	30	4,4
Outros membros*	31	6,3	2	2,3	3	3,0	36	5,3
Subtotal	445	90,3	72	81,9	78	77,2	595	87,2
- Não familiares								
Vizinhos e amigos	10	2,0	10	11,4	13	12,9	33	4,8
Raizeiros e Pessoal de Saúde	2	0,4	1	1,1	3	3,0	6	0,9
Outros**	7	1,4	5	5,6	7	6,9	19	2,8
Subtotal	19	3,8	16	18,1	23	22,8	58	8,5
- Outros meios								
Livros	8	1,6	-	-	-	-	8	1,2
Cursos	6	1,2	-	-	-	-	6	0,9
Rádio e TV	15	3,1	-	-	-	-	15	2,2
Subtotal	29	5,9	-	-	-	-	29	4,3
TOTAL	493	100,0	88	100,0	101	100,0	682	100,0

* Outros membros: sogras, cunhadas, primos, tios

** Outros: consigo mesmo, com o povo, não se lembrava, não sabia.

Nota: Alguns “especialistas” citaram mais de uma fonte.

4 – Uso das plantas medicinais pelos “especialistas” em Fitoterapia popular entre as famílias.

As famílias entrevistadas (782) foram divididas em dois grupos: as que usavam fitoterapia(648) e as que não a usavam(134).

Na tabela 19, verifica-se que 82,9% das famílias faziam uso da fitoterapia.

Das famílias que a usavam, a maior porcentagem concentrava-se na área rural com 86,0%, e as que não a usavam, na área urbana, com 18,1%.

Tabela 19 – Distribuição das famílias entrevistadas que usavam ou não a Fitoterapia, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Áreas	Famílias que:				TOTAL	
	Usavam fitoterapia		Não usavam fitoterapia			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Urbana	471	81,9	104	18,1	575	100,0
Urbana-Rural	85	85,0	15	15,0	100	100,0
Rural	92	86,0	15	14,0	107	100,0
TOTAL	648	82,9	134	17,1	782	100,0

4.1 – Motivos referidos pelas famílias para usarem e para não usarem a Fitoterapia.

Verifica-se que a porcentagem predominante, em relação aos motivos pelos quais as famílias não usavam Fitoterapia é por não acreditarem e não gostarem de plantas, com 35,0%, seguido da preferência a “remédios de farmácia”, com 28,0%.

Observa-se ainda, que a maior porcentagem das famílias que se referiram à falta de espaço ou disponibilidade de água, para manter o plantio de plantas e, portanto, usá-las, encontravam-se nas áreas urbana-rural com 23,5% e rural com 18,8%(Tabela 20).

Tabela 20 – Motivos* pelos quais as famílias não faziam uso da Fitoterapia, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Motivos	Áreas						TOTAL	
	Urbana		Urbana-Rural		Rural			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
a) Não acreditavam e não gostavam	44	35,5	6	35,3	5	31,2	55	35,0
b) Preferiam remédios de farmácia	36	29,0	4	23,5	4	25,0	44	28,0
c) Não têm apoio ou orientação médica	19	15,3	2	11,8	2	12,5	23	14,6
d) Não têm espaço ou disponibilidade de água	6	4,8	4	23,5	3	18,8	13	8,3
e) Não têm informação ou conhecimento sobre planta	10	8,1	-	-	-	-	10	6,4
f) Não têm sentido necessidade	7	5,7	1	5,9	2	12,5	10	6,4
g) Outros motivos	2	1,6	-	-	-	-	2	1,3
TOTAL	124	100,0	17	100,0	16	100,0	157	100,0

* Algumas famílias citaram mais de um motivo
Dentre os motivos citados pelas famílias incluem-se:

a) Não acreditam e não gostam = acreditam só em remédio de “farmácia”, têm mais fé, confiam mais, não gostam de chá, acham que não têm efeito, não acreditam, é ilusão “remédio de planta”.

- b) Preferem remédios de “farmácia” = tomam a dosagem certa, acham mais prático e seguro, os resultados são mais rápidos, tomam sem precisar de prepararem, preferem remédios de “farmácia”.
- c) Não têm apoio ou orientação médica = só acreditam em remédios prescritos pelo médico, são proibidos pelo médico, os médicos não passam, os médicos não ensinam como tomar, não usam porque têm problemas de saúde ou de idade e os médicos proibem, têm medo dos médicos brigarem.
- d) Não têm espaço ou disponibilidade de água = não têm espaço para plantar, não dispõem de água para manterem a planta viva, é difícil manterem a planta em casa devido a seca.
- e) Não têm informação ou conhecimento sobre plantas = faltam conhecimentos sobre as plantas, desconhecem as plantas, precisam aprender como usar, desconhecem os efeitos, não sabem usar; têm medo de usar por falta de conhecimento.
- f) Não têm sentido necessidade = não têm tido necessidade, não sentem necessidade, não precisam, nunca sentem necessidade.
- g) Outros motivos = acreditam só em Jesus para curar, não gostam do sabor de remédio com planta, não sabem por que não usam.

Os motivos citados pelos “especialistas” para usarem e recomendarem as plantas estão agrupados e representados na tabela 21.

Entre os motivos referidos pelos “especialistas”, prevalecem, com 53,5% os que usavam e recomendavam por “acreditar, gostar e sentir-se melhor com remédios caseiros”, seguido daqueles que usavam “por tradição familiar”, com 16,7%.

Tabela 21 – Motivos* pelos quais os “especialistas” em plantas medicinais usavam e recomendam a Fitoterapia, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Motivos	Áreas						Total	
	Urbana		Urbana-Rural		Rural			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
a) Por acreditar, gostar e sentir-se melhor com remédios caseiros	303	56,5	50	50,5	42	40,8	395	53,5
b) Por tradição familiar	86	16,1	20	20,2	17	16,5	123	16,7
c) Relacionados ao serviço de Saúde	67	12,5	7	7,1	3	2,9	77	10,5
d) Sociais e econômicos	30	5,6	6	6,1	13	12,6	49	6,6
e) Por ser eficaz e natural	25	4,7	9	9,1	20	19,4	54	7,3
f) Por ser dispensável a consulta médica e mais fácil de usar	20	3,7	5	5,0	6	5,8	31	4,2
g) Outros motivos	5	0,9	2	2,0	2	2,0	9	1,2
TOTAL	536	100,0	99	100,0	103	100,0	738	100,0

* Os “especialistas” indicaram mais de um motivo.

Entre os motivos citados pelos “especialistas” incluem-se:

- a) Por acreditar, gostar e sentir-se melhor com remédio caseiro = acreditam mais, gostam mais, gostam mais que remédio de “farmácia, confiam mais, preferem remédio de planta, têm mais fé.
- b) Por tradição = os pais usam, os mais velhos recomendam, são criados tomando remédio de mato, os avós dizem que o remédio do mundo é planta, as famílias sempre o usaram, o povo “antigo” usava e curava, são acostumados a usarem com os pais, os mais velhos ensinavam que só faz bem remédio de “mato”.
- c) Relacionados aos serviços de saúde = falta atendimento hospitalar, falta atendimento nos postos, não têm médico, serviços de saúde são distantes, não gostam do médico, evitam procurar atendimento por ser muito difícil, moram longe do posto.

- d) Sociais e econômicos = evita gastos, remédios de “farmácia” estão muito caros, não tinham dinheiro para comprar medicamentos, não tinham dinheiro para pagarem o transporte para irem ao posto toda hora, eram mais baratos ou não custavam nada.
- e) Por ser eficaz e natural = faz mais efeito que remédio de “farmácia” é mais eficaz e natural, não faz mal à saúde, não é tóxico, resolve mais que remédio de “farmácia”, é saudável, usam sem medo remédio do “mato”.
- f) Por ser dispensável à consulta médica e mais fácil de usar = as doenças mais simples tratam em casa, existem doenças que não precisam de médicos, só precisam de médicos para doenças que não curam em casa, as plantas são fáceis de conseguirem, podem dispor da planta em casa, os vizinhos têm ou conseguem no mato, é fácil de preparar.
- g) Outros motivos = usam a planta para substituírem o café, para ajudar efeito dos remédios de “farmácia”, acham bonito.

4.2 – Modo de preparar, de administrar e de usar as plantas.

Nas 6042 indicações utilizadas pelos “especialistas”, nos cuidados de saúde das famílias, diversas foram as maneiras relatadas nas preparações com plantas medicinais. Eis os principais modos de preparo: o chá(infusão, ou decocção) com 63,4%, seguido do sumo, com 9,3% e xarope ou lambedor com 8,6% do total das indicações (Tabela 22).

Tabela 22 – Modo de preparo das plantas medicinais utilizadas pelos “especialistas” em plantas medicinais, segundo áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Modo de preparo*	Área							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		Indicações	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
a) Chá	2366	65,2	675	68,2	787	55,2	3828	63,4
b) Sumo ou suco	326	9,0	86	8,7	150	10,5	562	9,3
c) Xarope ou lambedor	305	8,4	79	8,0	137	9,6	521	8,6
d) Maceração	263	7,2	53	5,4	118	8,3	434	7,2
e) Compressa	212	5,8	62	6,3	158	11,0	432	7,1
f) Emplastro	105	3,0	13	1,3	24	2,0	142	2,4
g) Pó	30	0,8	14	1,4	35	2,4	79	1,3
h) Garrafada	22	0,6	7	0,7	15	1,0	44	0,7
TOTAL	3629	100,0	989	100,0	1424	100,0	6042	100,0

* No preparo dos remédios caseiros, os “especialistas” deste estudo utilizavam

diversos modos, os quais são descritos a seguir:

a) chá: (decocção, cozimento, chá cozido) = preparação líquida para uso interno e externo feita com partes das plantas verdes, secas ou torradas, picadas ou transformadas em pó, que são colocadas em uma vasilha com água e levadas ao fogo para ferver, ou infusão(chá abafado) = preparação líquida para uso interno e externo feita com partes das plantas verdes, secas, ou torradas, picadas ou transformadas em pó, que são colocados em uma vasilha e sobre as mesmas colocam água fervente.

b) sumo = preparação líquida para uso interno e externo obtida com partes das plantas frescas pisadas ou amassadas, manualmente, coada e espremida com auxílio de um pano ou peneira ou suco = preparação para uso interno, obtida com partes das plantas trituradas no liquidificador ou não com auxílio de um líquido(água, leite) e coada com auxílio da peneira.

- c) xarope ou lambedor = preparação líquida açucarada para uso interno, feita com partes das plantas seca e/ou fresca, água e açúcar, preparada por um dos seguintes modos:
- cozinham as partes das plantas, fazem um chá bem forte, coam, colocam açúcar e levam novamente ao fogo até apurar(dar ponto de mel).
 - cozinham as partes das plantas com água e açúcar, até apurar, coam ou não.
 - cozinham as partes das plantas com água e açúcar no bafo da panela ou em banho maria.
 - colocam uma camada das partes das plantas picadas ou não, em uma vasilha, sobre as plantas colocam uma camada de açúcar, deixam ao relento durante a noite para “serenar” ou seja receber o sereno(orvalho) da noite.
- d) maceração = preparação líquida para uso interno ou externo, feita com partes das plantas picadas ou pisadas, que são colocadas em uma vasilha com água ou álcool de “molho” por algumas horas ou de um dia para o outro.
- e) compressa = preparação para uso externo, que consiste em utilizar parte da planta molhada ou não em algum tipo de gordura, ou embeber um pedaço de pano, gaze ou algodão em chá(infusão ou decocção), maceração, leite(látex) ou no sumo da planta, usada quente ou fria.
- f) emplastro ou cataplasma = preparação para uso externo feita com partes das plantas pisadas, amassadas, ou picadas, misturadas ou não com algum tipo de farinha, usada quente ou fria, envolvida ou não em algum tipo de pano ou algodão.

g) pó = preparação para uso interno e externo, feita com partes das plantas secas ou torradas, trituradas até tornar-se pó, que pode ser ou não peneirada em um pano fino ou peneira.

h) garrafada = preparação líquida para uso interno, feita com partes das plantas picadas, colocadas de “molho” em uma garrafa com vinho branco ou cachaça, enterrada ou não, na terra, durante alguns dias.

Em relação à maneira de administrar as plantas medicinais, os “especialistas” usavam preparações de uso interno e externo. Dessas, a mais freqüente era por via oral (beber ou comer) com 78,2%, seguida do uso tópico com 7,7% (Tabela 23).

Tabela 23 – Modos de administrar as plantas medicinais utilizadas pelos “especialistas” em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Modos de Administrar*	Área						Total	
	Urbana		Urbana-Rural		Rural			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
a) Beber ou comer	2673	76,6	1165	88,0	1073	73,0	4911	78,2
b) Tópico	276	8,0	49	3,7	162	11,0	487	7,7
c) Banhar ou lavar	163	5,0	33	2,5	104	7,0	300	4,8
d) Gargarejar	146	4,0	46	3,5	37	2,5	229	3,6
e) Friccionar	57	1,6	11	0,8	37	2,5	105	1,7
f) Inalar	33	0,9	8	0,6	19	1,3	60	0,9
g) Bochechar	60	1,7	10	0,7	40	2,7	110	1,8
h) Cheirar	7	0,2	2	0,1	-	-	9	0,1
i) Outros	73	2,0	-	-	-	-	73	1,2
TOTAL	3488	100,0	1324	100,0	1472	100,0	6284	100,0

Nota: Os “especialistas” utilizavam, às vezes, mais de um modo de administrar por indicação.

* Os modos que eram usados para administrarem os remédios caseiros entre os membros das famílias são:

a) beber ou comer = mastigar e ingerir partes das plantas fresca, seca, crua, cozida, torrada ou trituradas.

- b) tóxico = colocar direto na área afetada, o sumo, leite(látex) puro retirado das plantas frescas, ou partes das plantas trituradas ou não.
- c) banhar ou lavar = imersão ou banhar o corpo ou suas partes, em água quente ou fria, resultante da decocção, infusão ou da maceração de partes das plantas.
- d) gargarejar = agitar na boca, especificamente, na região das amígdalas, o chá ou maceração preparado com as plantas, puro ou acrescido de outro ingrediente (sal, vinagre, etc).
- e) friccionar = fricção(esfregar ou passar) partes da planta, sumo, ou maceração, em partes do corpo.
- f) outros = outros modos que não estão incluídos na classificação acima, tais como: manter a planta em jarro no ambiente da pessoa doente, plantar a planta na porta principal da casa, pendurar a planta no fumeiro da casa etc.
- g) inalação(abafador) = aspirar(cheirar) o vapor(fumaça) que resulta da dococção ou infusão de partes de plantas em água.
- h) bochechar = agitar na boca o chá ou maceração preparado com as plantas, puro ou acrescido de outro ingrediente(sal, vinagre, goma, etc.)
- i) cheirar = aspirar o odor das plantas misturadas com outro ingrediente ou não, que podem ser usadas maceradas, manualmente, ou não.

Nas preparações medicinais caseiras, os “especialistas” utilizavam as plantas de diversos modos: secas e/ou frescas(Tabela 24), quente, fria e/ou morna(Tabela 25) e com ou sem açúcar (Tabela 26). Verifica-se na, Tabela 24, que a preferência dos “especialistas” eram pelas plantas frescas, com 55% do total.

Tabela 24 – Estado físico das partes das plantas medicinais utilizadas pelos “especialistas” em plantas medicinais segundo áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Estado físico das partes das plantas	Área							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Fresca	2485	53,3	602	54,2	981	61,2	4068	55,0
Seca	1366	29,3	244	22,0	360	22,4	1970	27,0
Ambos	808	17,4	264	23,8	262	16,4	1334	18,0
TOTAL	4659	100,0	1110	100,0	1603	100,0	7372	100,0

* Os “especialistas” utilizaram, às vezes, mais de uma parte da planta por indicações.

Com relação à temperatura das preparações com plantas medicinais, os “especialistas”, usavam mais na temperatura fria(55,5%), do que quente(4,4%)(Tabela 25).

Tabela 25 – Temperatura dos preparados de plantas medicinais utilizadas pelos “especialistas”, segundo áreas, em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Modo de uso	Área							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Fria	2027	55,9	472	47,7	855	60,0	3354	55,5
Morna	629	17,3	259	26,2	358	25,0	1246	20,6
Quente	135	3,7	32	3,2	98	7,0	265	4,4
Um ou outro	838	23,1	226	22,9	113	8,0	1177	19,5
TOTAL	3629	100,0	989	100,0	1424	100,0	6042	100,0

Quanto ao paladar, os “especialistas” tinham preferência maior para preparações com açúcar (42,6%). Somente na área rural, usavam maior proporção dos remédios caseiros sem açúcar (50,6%), Tabela 26.

Tabela 26 – Tipo de paladar usado nas preparações utilizadas pelos “especialistas” em plantas medicinais em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Tipo de paladar das Preparações	Área							
	Urbana		Urbana-Rural		Rural		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Com açúcar	1497	41,3	542	55,8	532	37,3	2571	42,6
Sem açúcar	1339	37,0	339	34,4	720	50,6	2398	39,7
Um ou outro	793	21,7	108	10,9	172	12,1	1073	17,7
TOTAL	3629	100,0	989	100,0	1424	100,0	6042	100,0

4.3 – Terminologia usada pelos “especialistas”.

Os “especialistas” deste estudo utilizavam uma variedade de termos, para explicar os modos de preparar e de administrar os remédios caseiros; além disto, usavam uma terminologia própria para designarem alguns problemas de saúde ou algumas partes do corpo.

Essa terminologia encontra-se descrita a seguir:

“ficar de molho” = deixar a planta em contato com algum líquido.

“bem forte” = chá preparado com maior quantidade de planta em relação ao líquido utilizado.

“esfregar” = friccionar

“Óleo de cozinha” = óleo comestível

“banha de galinha” = gordura do tecido adiposo da galinha

“cheirar a fumaça” = aspirar o vapor, inalar

“serenar” = deixar a planta de um dia para o outro, ao relento da noite.

“leite de peito” = leite materno.

“banho de assento” = deixar a genitália feminina em contato ou lavar com o líquido resultante da decoção, infusão ou maceração de plantas.

“tomar no dente” = colocar um líquido quente ou frio, resultante da decoção, infusão ou maceração de plantas, sobre o dente furado, deixar o líquido em repouso, sem bochechar.

“deixar descansar” = deixar em repouso

“tomar abafador ou bafo no rosto” = inalar

“leite ferrado” = ferver o leite com uma pedra dentro.

“leite assustado” = jogar uma pedra bem quente(em brasa) sobre o leite frio batido com planta.

“boca do fumeiro” = local da saída dos gases(fumaça) do fogo de lenha.

“apurar” = deixar em ponto de mel(xarope) ou deixar a água mudar de cor(maceração).

“pedra em brasa” = colocar no fogo e deixar até ficar vermelha.

“tomar” = beber.

“goma” = massa de mandioca

“pancada de vento” = corrente de ar

“leite de” = látex das plantas.

Os termos utilizados para designar alguns problemas de saúde ou algumas partes do corpo são os que seguem:

"arrochar as carnes" = prolapso de útero ?

"barriga inchada, fofa, bucho inchado" = distensão abdominal

"caroço" = tumoração na pele.

"papeira" = parotidite

"coceira" = prurido na pele

"cólica de criança ou de menino" = cólicas infantis

"cólica seca" = dores abdominais sem diarreia.

"cólica daqueles dias ou cólica de mulher" = cólica menstrual.

"disenteria, caganeira" = diarreia

"olhos ramelados" = inflamação nos olhos com secreções
(conjuntivite).

"dor nos olhos, doença dos olhos" = designação para conjuntivites

"dente furado" = dente cariado

"piorréia, dente mole" = periodontite

"gengiva Inflamada" = gengivite

"gengiva estrilada" = gengivite com tártaro.

"saída, nascimento, ou aparecimento dos dentes" = erupção dentária.

"catarro no peito, catarro preso, peito cheio" = bronquite.

"empachamento ou empachada" = dilatação abdominal, e sensação de peso na região epigástrica e hipocôndrica, com sensação de ter comido em excesso.

"azia" = pirose

"intestino sem funcionar ou preso" = prisão de ventre.

"corrimento ou escorrimento de mulher" = leucorréia.

"desarranjo" = diarreia

"enjôos" = náuseas

"três sol, terçol" = hordéolo

"mau olhado, olho de lula, coisa feita, catimbó, quebranto, corpo carregado" = efeitos nocivos causados por pessoa que tem capacidade para isso, com finalidade de prejudicar a vida de um inimigo ou adversário.

"dor de garganta" = amigdalite, faringite.

"ouvido estourado" = otite

"frieira" = micose entre os dedos dos pés.

"sarna" = escabiose

"pereba" = ferida na pele.

"inchaço ou inchação" = edema

"perder menino" = abortar

"pedra nos rins" = litíase renal

"ramo" = paralisia parcial de um membro do corpo.

"doença do coração" = infarto, derrame.

"hemorróides" = oxiúros

"hemorróides de botão" = hemorróides.

"sangue grosso, afinar sangue" = hipertensão? taxa alta de colesterol?

"fraqueza" = anemia, desnutrição

"sangue fraco" = anemia

"fástio" = falta de apetite

"espinhela caída" = síndrome relacionada com o apêndice xifóide(doente que fica em posição recurvada devido a dor).

"dor no espinhaço" = dor na região lombar.

"dor nas juntas" = artrite, artrose.

"coração disparado" = taquicardia

"piolho" = pediculose.

"corpo quente ou esquentado" = febre.

"constipação" = gripe, resfriado.

"fraqueza dos nervos" = nervoso, nervosismo.

"cabeça aperriada ou agoniada" = impaciência, nervosismo.

"mal estar" = indisposição, sensação desagradável.

"papeira" = parotidite

"cansaço" = asma

"tosse braba, comprida ou de cachorro" = coqueluche

4.4 – Plantas utilizadas pelos “especialistas”

Cerca de 195 espécies de plantas distribuídas entre diferentes famílias botânicas eram utilizadas pelos “especialistas”. As famílias botânicas mais frequentes eram: Euphorbiaceae(17), Solanaceae(13), Cucurbitaceae(10), Laminaceae(16), Malvaceae(9), Myrtaceae(8), Liliaceae(12), Asteraceae (9), Fabaceae(11) (Tabela 30).

Quanto ao número de espécies usadas pelos “especialistas”, no mínimo usam 03 espécies e no máximo 30. E quanto ao número médio de plantas

utilizadas, a Tabela 27 mostra que a área rural apresentava média maior em relação às demais áreas, ou seja, 7 plantas, em média por “especialista”.

Tabela 27 – Média de plantas usadas por “especialistas” entre as famílias, segundo as áreas, em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Áreas	Frequência das plantas usadas	Número de “especialistas”	Média
Urbana	2753	471	6.0
Urbana-rural	528	85	6.0
Rural	631	92	7.0
TOTAL	3912	648	6.0

Dentre as partes das plantas utilizadas nas diversas indicações, observa-se, na Tabela 28, que a mais usada era a folha, com 60,1% seguida da casca(13,3%); e a entrecasca a menos utilizada com 0,5%, em relação ao total das partes das plantas utilizadas nas indicações.

**Tabela 28 – Distribuição das partes das plantas utilizadas pelos “especialistas”,
segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.**

Partes das Plantas*	Área						Total	
	Urbana		Urbana-Rural		Rural			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Folha	2795	60,0	740	66,6	899	56,1	4434	60,1
Casca	605	13,0	108	9,7	270	17,0	983	13.3
Flor	536	11,5	109	10,0	103	6,4	748	10,1
Fruto	330	7,0	93	8,3	107	6,7	530	7,2
Raiz	159	3,4	17	1,5	74	4,6	250	3,4
Caule	139	3,0	32	3,0	74	4,6	245	3,3
Semente	44	1,0	6	0,5	28	1,7	78	1,1
Toda planta	43	0,9	5	0,4	23	1,4	71	1,0
Entre casca	8	0,2	-	-	25	1,5	33	0,5
TOTAL	4659	100,0	1110	100,0	1603	100,0	7372	100,0

* Algumas vezes os “especialistas” utilizavam mais de uma parte da planta por indicação.

Quanto ao local mais procurado pelos “especialistas”, para adquirir as plantas que usavam nas diversas preparações caseiras, aparece em primeiro lugar os raizeiros(32,3%), e, em segundo, as residências(30,5%). Verificando-se esses dados por área(Tabela 29) mostra que o local mais comum para aquisição das plantas na área rural(48,5%) e urbana-rural(36,0%) eram as residências, enquanto que na área urbana(37,3%) as feiras e os raizeiros.

**Tabela 29 – Locais de aquisição das plantas, citados pelos “especialistas”
entrevistados, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba,
1997.**

Área	Locais de Aquisição										Total	
	Casa, quintal e ao redor de casa		Feiras e raizeiros		Vizinhos		Fármacias e Supermer- cados		*Outros			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Urbana	699	25,3	1026	37,3	631	23,0	301	11,0	96	3,4	2753	100,0
Urbana-Rural	190	36,0	103	19,4	174	33,0	03	0,6	58	11,0	528	100,0
Rural	306	48,5	135	21,0	130	21,0	03	0,5	57	9,0	631	100,0
TOTAL	1195	30,5	1264	32,3	935	24,0	307	7,8	211	5,4	3912	100,0

* mato, roçados, sítios, fazenda do patrão, ou do amigo e terrenos baldios.

Na Tabela 30, constata-se, por área, todas as espécies que foram usadas pelos “especialistas” em 5427 indicações.

Tabela 30 – Plantas medicinais utilizadas pelos “especialistas” entrevistados, segundo nome popular, botânico, número de indicações, por área e, em ordem decrescente, em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
erva-cidreira, cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Brown.	Verbenaceae	275	76	92	443
capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (Jacq.) DC.	Poaceae	208	77	49	334
sabugueiro, sabugueira	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlecht.	Caprifoliaceae	206	57	50	313
erva-santa, mastruz, mastruço, mintruz, mentruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	112	52	67	231
romã	<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae	154	32	45	231
boldo-seco, bordo, boldo-do-chile, boldo	<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	165	20	30	215
arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	134	16	48	198
hortelã miúdo, hortelã da folha miúda, hortelã vick	<i>Mentha villosa</i> Huds.	Lamiaceae	102	37	42	181
erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae	98	32	392	162
eucalipto, calipi	<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae	80	25	43	148
hortelã-graúdo, hortelã-da-folha-larga, hortelã-da folha grande, hortelã-da-folha grossa	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Lamiaceae	59	13	68	140
colônia	<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Zingiberaceae	50	43	47	140
falso-saião, saião, saião-legítimo	<i>Kalanchoë waldheimi</i> Hom.& Per.	Crassulaceae	66	28	19	113
cajueiro-roxo, castanha-do-caju, caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	60	10	30	100

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
malva-rosa	<i>Geranium sp.</i>	Geraniaceae	68	13	14	95
camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Asteraceae	74	14	2	90
endro	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Apiaceae	43	28	25	96
laranjeira, laranja comum, laranja lima, lima	<i>Citrus sp.</i>	Rutaceae	46	16	25	87
goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	49	18	11	78
chá-preto	<i>Tea sinensis</i> L.	Theaceae	61	6	8	75
juazeiro, juá, joazeiro	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae	31	9	30	70
anador	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Asteraceae	45	11	11	67
alecrim, alicrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	52	5	7	64
macassá	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Lamiaceae	26	15	23	64
canela	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl.	Lauraceae	43	11	5	59
louro	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Lamiaceae	38	15	6	59
pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	42	6	5	53
quixaba	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem & Schult.) T.D.Penn.	Sapotaceae	17	4	26	47
chuchu	<i>Sechium edule</i> Sw.	Cucurbitaceae	32	7	7	46
melão-de-são- caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	26	6	10	42
aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anacardiaceae	18	2	20	40
cabacinha	<i>Luffa operculata</i> Cogn.	Cucurbitaceae	25	4	11	40

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	24	2	8	34
quebra-pedra	<i>Alternanthera tenella</i> Colla	Amaranthaceae	-	-	2	2
boa-noite-roxa, boa-noite, boa- noite-branca	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don.	Apocynaceae	22	8	4	34
macela, macela-do-reino	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Asteraceae	20	6	7	33
tanchagem, transagem	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	26	6	-	32
mororó	<i>Bauhinia cheilanta</i> (Bong.) Steud.	Caesalpiniaceae	18	4	9	31
mamão-de-corda, mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	16	4	11	31
carrapateira, mamo- -na, mamona- branca	<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae	11	3	17	31
pinhão-roxo	<i>Jatropha gossyphiifolia</i> L.	Euphorbiaceae	11	4	15	30
cebola-branca, cebola-do- mato, cebola roxa	<i>Allium scalonicum</i> L.	Liliaceae	9	2	19	30
abacate	<i>Persea americana</i> L.	Lauraceae	18	4	5	27
alho, alho-roxo	<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae	14	6	7	27
manjerição, manjerição-da- folha-miúda, alfavaca, afavaca	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	14	2	9	25
urtiga-branca	<i>Cnidoscylus urens</i>	Euphorbiaceae	10	3	12	25
limão, limoeiro, limão-galego	<i>Citrus medica</i> L.	Rutaceae	18	-	7	25
mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Fabaceae	9	5	10	24
pimenta- malagueta, pimenta-vermelha	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	15	3	5	23
muçambê, mussambê	<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	Capparaceae	10	1	11	22
erva-babosa, babosa	<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae	22	-	-	22

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
salsa	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Convolvulaceae	12	5	5	22
vassourinha-de-botão	<i>Borreria verticillata</i> G. W. Meyer	Rubiaceae	7	2	13	22
acônito, acônico	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	10	6	5	21
cravo-do-reino, pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae	11	9	-	20
banana-prata, bananeira	<i>Musa</i> sp.	Musaceae	10	5	3	18
fedegoso	<i>Heliotropium indicum</i> L.	Boraginaceae	9	1	7	17
imburana, emburana, umburana	<i>Bursera leptophloeos</i> (Mart.) Engl.	Burseraceae	5	4	8	17
cumarú	<i>Amburana cearensis</i> (Alemão) A. C. Smith	Burseraceae	3	4	9	16
alfazema, alfazema-braba, afazema	<i>Hyptis suaveolens</i> Poit.	Lamiaceae	10	-	6	16
beterraba	<i>Beta vulgaris</i> var. <i>esculenta</i> Salisb.	Chenopodiaceae	8	5	3	16
saião-roxo	<i>Datura metel</i> L.	Solanaceae	9	2	5	16
pepaconha, papaconha, ipecacuanha	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) G. K. Schulze	Violaceae	6	-	10	16
confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	13	1	1	15
marmeleiro, memeleiro	<i>Croton sonderianus</i> Müll. Arg.	Euphorbiaceae	6	3	5	14
azeitona, azeitona-preta, oliveira	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels.	Myrtaceae	10	2	2	14
cabaça	<i>Lagenaria vulgaris</i> Ser.	Cucurbitaceae	3	-	10	13
cardo-santo, caldo-santo	<i>Argemone mexicana</i> L.	Papaveraceae	9	1	3	13
espinho-cigano, espinho-guabiru	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Asteraceae	10	1	2	13
malva, malva-do-reino	<i>Malva</i> sp.	Malvaceae	8	4	-	12

Continua

Nome popular	Especie	Familia	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
tomate, tomate-do-mato, tomateiro	<i>Lycopersicon esculentum</i> L.	Solanaceae	8	-	4	12
jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Caesalpiniaceae	8	1	2	11
velame	<i>Croton campestris</i> A.St. Hil.	Euphorbiaceae	8	-	3	11
ibatenon, babatimão, barbatimão	<i>Pithecellobium avaremotemo</i> Mart.	Mimosaceae	9	2	-	11
batata-inglesa, batatinha	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Solanaceae	11	-	-	11
coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Apiaceae	6	-	5	11
girassol	<i>Helianthus annus</i> L.	Asteraceae	4	1	6	11
Catingueira	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Caesalpiniaceae	3	2	5	10
Tatajuba	<i>Chloroflora tinctoria</i> Gaud.	Moraceae	4	2	4	10
coco-da-bahia, coco, cabelo-de-coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	Palmae	10	-	-	10
maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Passifloraceae	10	-	-	10
milho, estigma de milho, cabelo de milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	10	-	-	10
bom-nome	<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Celastraceae	-	-	9	9
favela	<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> Pax & K. Hoffm	Euphorbiaceae	6	2	1	9
algodão-de-seda	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Malvaceae	3	-	6	9
fumo fumo-de-roló	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae	2	-	7	9
coco-catolé	<i>syagrus comosus</i> Mart.	Palmae	8	-	-	8
coroa-de-frade	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Cactaceae	5	-	3	8
couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	Cruciferae	5	-	3	8

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.r.	R.	Total
jerimum, jirimum-caboclo,	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae	3	-	5	8
manjerioba, manjeroba	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Caesalpiniaceae	1	1	5	7
algodão-preto, algodão-mocó	<i>Thespesia populnea</i> (L.) Corr.Serr.	Malvaceae	4	1	2	7
urinana	<i>Zornia brasiliensis</i> Vog.	Fabaceae	7	-	-	7
graviola	<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	3	1	2	6
coité, cuité	<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae	4	1	1	6
alcachofra	<i>Cynara scolymus</i> L.	Asteraceae	6	-	-	6
sucupira	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Fabaceae	3	2	1	6
jaboticaba	<i>Myrciaria cauliflora</i> Berg.	Myrtaceae	2	-	4	6
oiticica	<i>Licania rigida</i> Benth.	Chrysobalanaceae	2	1	2	5
castanhola	<i>Terminalia catappa</i> L.	Combretaceae	5	-	-	5
batata-de-puiga, batata-de-purga	<i>Operculina alata</i> Urban.	Convolvulaceae	2	-	3	5
batata-doce, batata-roxa	<i>Ipomoea batatas</i> L.	Convolvulaceae	3	-	2	5
avelós, aveloi	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Euphorbiaceae	4	-	1	5
fava	<i>Phaseolus</i> sp.	Fabaceae	2	1	2	5
feijão-guandu, guandu, gandu	<i>Cajanus indicus</i> L.	Fabaceae	5	-	-	5
alpiste, alpista, apista	<i>Phalaris canariensis</i> L.	Poaceae	5	-	-	5

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
espada-de-iansã, espada-de-são jorge, espada-de- ogum	<i>Sansevieria thyrsiflora</i> Thumb.	Liliaceae	2	-	3	5
Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae	4	1	-	5
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb) Altschul	Mimosaceae	3	1	1	5
gergilim, gergilim- de-cobra, girgilin	<i>Sesamum orientale</i> L.	Pedaliaceae	-	-	7	7
cana-do-brejo	<i>Poa</i> sp.	Poaceae	4	-	1	5
cana-de-açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Poaceae	3	1	1	5
capitão, capitãozinho	<i>Gomphrena demissa</i> Mart.	Amaranthaceae	4	-	-	4
manga-espada, mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	1	3	-	4
comigo-ninguém – pode	<i>Dieffenbachia amoena</i> Hort. ex. Gent.	Araceae	4	-	-	4
melindro, milindro, melindre, bilindio	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae	4	-	-	4
abacaxi	<i>Ananas sativus</i> Schult.	Bromeliaceae	4	-	-	4
pinhão-branco, pinhão-bravo, pinhão-de-cerca	<i>Jatropha molissima</i> (Pohl.) Baill.	Euphorbiaceae	2	-	2	4
espiriteira, espriteira	<i>Heliconia</i> sp.	Heliconiaceae	4	-	-	4
angélica, angélica- branca	<i>Funkia subcordata</i> Spreng.	Liliaceae	2	1	1	4
algaroba, agaroba	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Mimosaceae	4	-	-	4
mari, marizeiro, umari	<i>Geoffraea spinosa</i> Jacq.	Fabaceae	-	2	2	4
erva-moura, valmoura	<i>Solanum americanum</i> Mill	Solanaceae	4	-	-	4

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
boldo amargo, malva amargosa, hortelã-homem, hortelã-macho, hortelã-brabo, hortelã-bahia, sete dores	<i>Plectranthus Barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	3	-	1	4
gogoia	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn.	Solanaceae	1	-	3	4
aliamba, liamba	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Verbenaceae	4	-	-	4
chumbinho	<i>Lantana camara</i> L.	Verbenaceae	2	2	-	4
braúna, baraúna	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Anacardiaceae	-	1	2	3
ipê-roxo, pau-d'arco-roxo	<i>Tabebuia avellanedae</i> Griseb.	Bignoniaceae	-	-	3	3
cabeça-de-nego, cabeça- de-negro	<i>Willbrandia</i> sp.	Cucurbitaceae	-	-	3	3
sena, sene	<i>Senna</i> sp.	Fabaceae	3	-	-	3
manjerona	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	-	2	1	3
malva-corama, malva-de- embira	<i>Urena lobata</i> L.	Malvaceae	3	-	-	3
quiabo	<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Malvaceae	-	1	2	3
cedro(sem fl.e fr.)	<i>Cedrela odorata</i> L.	Meliaceae	-	-	3	3
pega-pinto	<i>Boerhaavia coccinea</i> Mill.	Nyctaginaceae	3	-	-	3
quina-quina	<i>Coutarea hexandra</i> Schum.	Rubiaceae	2	-	1	3
jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	3	-	-	3
cenoura	<i>Daucus carota</i> L.	Apiaceae	3	-	-	3
rabo-de-raposa	<i>Conyza sumatrensis</i> (L.) Cronq.	Asteraceae	2	-	-	2
cardeiro	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae	-	-	2	2

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
mata-pasto	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) Irwin&Barnaby	Caesalpinaceae	-	2	-	2
cravo-de-defunto, rosa-amarela	<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae	2	-	-	2
burra-leiteira (sem fl)	<i>Sapium sp.</i>	Euphorbiaceae	-	1	1	2
pinhão-manso, pinhão	<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	-	-	2	2
chá-mate	<i>Illex paraguariensis</i> A. St. Hil.	Illiciaceae	2	-	-	2
mata-pasto-do-pará	<i>Cassia alata</i> L.	Caesalpinaceae	2	-	-	2
malva-branca	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae	1	-	1	2
cravo, cravo-branco	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Caryophyllaceae	2			2
ameixa	<i>Ximenia americana</i> L.	Oleaceae	2	-	-	2
camapu, cumapu	<i>Passiflora foetida</i> L.	Passifloraceae	-	1	1	2
café	<i>Coffea arabica</i> L.	Rubiaceae	2	-	-	2
vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae	2	-	-	2
beringela, beringela-roxa	<i>Solanum melongena</i> L..	Solanaceae	1	1	-	2
cominho, cumim, cuminho	<i>Cuminum cyminum</i> L.	Apiaceae	2	-	-	2
cana-de-macaco canela-de-macaco	<i>Costus aff. discolor</i> Rosc.	Zingiberaceae	2	-	-	2
aliaça, liaca	Não foi possível identificar		-	-	1	1
casca-de-maria	Não foi Possível identificar		-	-	1	1

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
estouro-de-bucho	Não foi possível identificar		-	-	1	1
insulina	Não foi possível identificar		1	-	-	1
lima-de-imbigo, lima-de-umbigo	<u>Citrus sp.</u>	Rutaceae	-	1	-	1
maliar	Não foi possível identificar		-	-	1	1
milítana	Não foi possível identificar		1	-	-	1
piaca	Não foi possível identificar		-	-	1	1
pinha	<i>Annona squamosa</i> L.	Annonaceae	-	-	1	1
pereiro	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Apocynaceae	1	-	-	1
alfinete, afinete	<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae	1	-	-	1
salsaparrilha	<i>Smilax sp.</i>	Smilacaceae	1	-	-	1
agrião	<i>Spilanthes stolonifera</i> DC.	Asteraceae	1	-	-	1
barriguda	<i>Ceiba glaziovii</i> Kuntze	Bombacaceae	-	-	1	1
salamambaia, samambaia	<i>Tillandsia usneoides</i> L.	Bromeliaceae	1	-	-	1
pequi, piqui	<i>Caryocar brasiliensis</i> Camb.	Caryocaraceae	-	-	1	1
alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	Asteraceae	1	-	-	1
carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less) DC.	Asteraceae	1	-	-	1
repolho	<i>Brassica oleraceae</i> L.	Cruciferae	1	-	-	1

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
maxixe, maxixe-de-corda	<i>Cucumis anguria</i> L.	Cucurbitaceae	-	-	1	1
melancia	<i>Citrillus vulgaris</i> Schrad.	Cucurbitaceae	1	-	-	1
pepino	<i>Cucumis sativus</i>	Cucurbitaceae	1	-	-	1
mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae	1	-	-	1
maniçoba (sem fl.)	<i>Manihot</i> sp.	Euphorbiaceae	-	-	1	1
lacre	<i>Vismia guianensis</i> Aublet & Choisy	Guttiferae	1	-	-	1
esterco, esterco-de-passarinho	<i>Phthirusa pyrifolia</i> (Kunth.) Eichl.	Loranthaceae	1	-	-	1
jurema, jurema-preta	<i>Mimosa acutistipula</i> Benth.	Mimosaceae	1	-	-	1
batata-contra-erva	<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Moraceae	1	-	-	1
maconha	<i>Cannabis sativa</i> L.	Moraceae	-	-	1	1
figo, figueira	<i>Ficus carica</i> L.	Moraceae	-	-	1	1
cumati, cubati	<i>Psidium albidum</i> Camb.	Myrtaceae	1	-	-	1
pimenta-d'água	<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	Piperaceae	-	1	-	1
louco	<i>Plumbago scandens</i> L.	Plumbaginaceae	-	-	1	1
brejo	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Portulacaceae	-	-	1	1
genipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	1	-	-	1
chanana	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Turneraceae	1	-	-	1

Continua

Nome popular	Espécie	Família	Número de indicações por área			
			U.	U.R.	R.	Total
gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> L.	Zingiberaceae	-	1	-	1
TOTAL			3255	867	1305	5427

Conclusão da Tabela 30

Legenda: U = urbana; UR = urbana-rural; R = rural

4.5 – Problemas de saúde para os quais as plantas foram usadas

No quadro I, aparecem as terminologias sobre os problemas de saúde para os quais as plantas eram usadas. Para facilitar a visualização, esses problemas estão agrupados de acordo com critérios adotados pelo autor da pesquisa, e baseados nos dados coletados.

Quadro I - Agrupamentos dos problemas de saúde para os quais os “especialistas” usavam plantas medicinais.

Agrupamento dos problemas de saúde	Problemas de saúde segundo a terminologia popular:
1) Bucais	dor de dente, dente furado, dente cariado, dente inflamado
	hemorragia dental, sangramento gengival
	boqueira, ferida de boca, sapinho, afta
	piorréia, gengivite, dente mole, gengiva inflamada, inflamação do dente
	facilitar o nascimento dos dentes, saída do dente, erupção dentária
	limpar os dentes, clarear os dentes
	mau hálito, boca fedida

Continua

Agrupamento dos problemas de saúde	Problemas de saúde segundo a terminologia popular:
2) Gastrointestinal	<p>diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, dor intestinal, problemas ou dor de estômago, dor abdominal, problemas digestivos, infecção intestinal, desidratação.</p> <p>má digestão, empachamento, indigestão, barriga fofa, barriga inchada, bucho inchado, problemas de fígado, comida que ofende, gases, mal estar</p> <p>úlceras, gastrite, azia, apendicite, vesícula</p> <p>prisão de ventre, intestino preso, intestino sem funcionar.</p> <p>vômitos, enjôos, náuseas</p> <p>cólica de bebê, cólica de nenem, cólica de menino, cólica</p>
3) Na garganta, nariz e nos pulmões	<p>problema de garganta, amigdalite, dor de garganta, rouquidão, inflamação na garganta, rouquice</p> <p>tosse</p> <p>asma, cansaço, falta de ar</p> <p>bronquite, pneumonia, broncopneumonia, problemas pulmonares</p> <p>catarro no peito, peito cheio, catarro, arrancar catarro</p> <p>sinusite</p>
4) No canal auditivo	dor de ouvido, inflamação no ouvido, otite, ouvido estourado
5) Oculares	<p>inflamação nos olhos, conjuntivite, dor nos olhos, olhos ramelados, olhos vermelhos, irritação nos olhos</p> <p>terçol, três sol</p>
6) Na pele	<p>verruga</p> <p>frieira</p> <p>mancha-branca, erisipela ou vermelhidão na pele</p> <p>furúnculos, abscessos, tumores</p> <p>corte, feridas de pele, pereba, cicatrização, rachão nos pés, ferimentos</p> <p>caspa</p> <p>impingem</p> <p>sarna, coceira, coceira no corpo</p> <p>eczema, ferida-braba, ferida que não sara</p>

Continua

Agrupamento dos problemas de saúde	Problemas de saúde segundo a terminologia popular
7) Genitais femininos	<p>corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira vaginal, inflamação de útero, inflamação de ovário, arrochar as carnes, inflamação de mulher, inflamação</p> <p>cólica menstrual, cólica de mulher, cólica daqueles dias, dor de mulher, cólica pré – menstrual, regular menstruação, amenorréia</p> <p>amenorréia, pouco sangue</p>
8) Urogenital masculino	<p>inflamação na uretra, inflamação na próstata</p> <p>aumentar a potência sexual</p>
9) Obstétricos	<p>aborto, perder o menino</p> <p>engravidar, embuchar, emprenhar</p> <p>diminuir o leite do peito, diminuir o leite da mãe, diminuir o leite materno</p> <p>aumentar leite materno, aumentar o leite da mãe ou da mulher</p> <p>facilitar o parto, ajudar no parto</p> <p>evitar filho, evitar menino, evitar barriga, evitar bucho, evitar gravidez</p>
10) Renais	<p>problema renal, inflamação urinária, pedra nos rins, crise renal</p>
11) Cardíacos e circulatórios	<p>hipertensão, pressão alta</p> <p>enfarte, trombose, ramo, congestão, derrame, problemas do coração, problemas circulatórios, coração disparado, taquicardia</p> <p>hemorragias, perda de sangue</p> <p>hemorróides de botão, hemorróides</p> <p>afinar sangue, sangue grosso</p> <p>varizes</p> <p>edema, inchaço no corpo</p>

Agrupamento dos problemas de saúde	Problemas de saúde segundo a terminologia popular
12) Nutricionais	anemia, sangue fraco, desnutrição, fraqueza emagrecer, perder peso falta de apetite
13) Nos ossos e articulações	problema de coluna, espinhela caída, dor no espinhaço, dor nas costas, contusões, pancadas, traumatismos reumatismo, artrite, artrose, dor nas juntas, febre reumática
14) Parasitoses externas	pediculose, piolho
15) Parasitoses internas	vermes, lombrigas, amebas, oxiúro, giardias
16) Dores	dor de cabeça, cefaléia enxaqueca dor no corpo, dor, qualquer dor, dor em geral
17) Febres e gripes	corpo quente, corpo esquentado, febre, febre alta gripe, resfriado, constipação
18) Psiconeurológicos	insônia, falta de sono falta de memória, esquecimento nervosismo, nervoso, doença de cabeça, fraqueza dos nervos, cabeça aperriada ou agoniada, impaciência, problemas mentais tonturas desmaios dormência
19) Infecto-contagiosas	tuberculose, doença do pulmão parotidite, papeira, caxumba sífilis, doenças venéreas, doenças do mundo hepatite, icterícia coqueluche, tosse comprida, tosse braba, tosse de cachorro

continua

Agrupamento dos problemas de saúde	Problemas de saúde segundo a terminologia popular
	sarampo, catapora
	lepra ou hanseníase
	infecção
20) Espirituais	quebranto, mau olhado, olho grande, olho de lula, evitar atraso de vida, corpo carregado, encosto, bruxaria, evitar catimbó, inveja
21) Outros	diabete, açúcar no sangue
	câncer, doenças sem cura, aquela doença
	mordida de cobra ou inseto
	intoxicação, alergia
	deixar de beber
	deixar de fumar
22) plantas que usam de modo contínuo	substituindo o café, a água, ou porque gostavam para evitar doenças

Conclusão Quadro I

Das indicações, para as quais os “especialistas” usavam as plantas medicinais, as mais freqüentes eram para: problemas gastrointestinais (21,1%), seguidos de problemas de garganta, nariz e pulmões (18,2%), febres e gripes(13,3%). As menos freqüentes eram para ossos e articulações parasitoses externas (0,7%) e urogenitais masculinos(0,1%) (Tabela 31).

Tabela 31 – Distribuição dos agrupamentos dos problemas de saúde, segundo a frequência isolada e associada das indicações das plantas utilizadas, em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Agrupamentos dos problemas de saúde	Indicações				TOTAL	
	Isoladas		Associadas			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Gastrointestinal	1216	22,7	59	8,7	1275	21,1
Na garganta, nariz e pulmões	807	15,0	296	43,7	1103	18,2
Febres e gripes	680	12,7	126	18,6	806	13,3
Psiconeurológicos	497	9,3	5	0,8	502	8,3
Cardíacos e circulatórios	373	7,0	20	2,9	393	6,5
Genitais femininos	299	5,6	87	12,9	386	6,4
Bucais	235	4,4	9	1,3	244	4,3
Dores	205	3,8	11	1,6	216	3,6
No canal auditivo	190	3,5	17	2,5	207	3,4
Pele	195	3,6	6	0,9	201	3,3
Parasitoses internas	147	2,7	5	0,8	152	2,5
Outros	81	1,5	5	0,8	86	1,4
Nutricionais	74	1,4	9	1,3	83	1,4
Renais	79	1,5	-	-	79	1,3
Oculares	68	1,3	3	0,4	71	1,2
Obstétricos	61	1,1	-	-	61	1,0
Infecção-contagiosas	51	0,9	7	1,0	58	1,0
Espirituais	51	0,9	11	1,6	62	1,0
Nos ossos e articulações	44	0,8	1	0,2	45	0,7
Urogenitais masculinos	9	0,2	-	-	9	0,1
Parasitoses externas	3	0,1	-	-	3	0,...
TOTAL	5365	100,0	677	100,0	6042	100,0

Nota: Não foi considerada a frequência (62) das plantas usadas de modo contínuo (Quadro II, classificação 22).

Quadro – II – Distribuição das plantas usadas pelos “especialistas”, segundo o número de indicações por agrupamento dos problemas de saúde em Campina Grande, Paraíba, 1997

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
abacate		1					1			20	1	1	3										27
abacaxi			1								2										1		4
acerola			2														3						5
acônito, acônico			7														14						21
agrião																	1						1
alcachofra		6																					6
alecrim, alicrim	3	8	10	2	2		4			7	9	1	1			4	4	7			2		64
alface																		1					1
alfazema, alfazema-braba, afazema		16																					16
alfinete, afinete											1												1
algaroba, agaroba							1														3		4

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
algodão-de-seda						6	3																9
algodão-preto, algodão mocó				2		4	1																7
alho, alho-roxo	4	5		4							6									4	4		27
aliaça, liaca						1																	1
aliamba, liamba																				4			4
alpiste, alpista, apista											5												5
ameixa		1	1																				2
anador	2	10	1				3									40	11						67
angélica, angélica-branca			2	2																			4
angico			2				1									1	1						5
aroeira	17		4			4	8					1	2			1		2			1		40
arruda	1	13	1	66	7		80		1		1				2	13	1	1		11			198
avelós, aveloi	3					2																	5
azeitona, azeitona-preta, oliveira						1					4	3									6		14

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
babatenon, babatimão, barbatimão		1					6														4		11
babosa, erva- babosa	2	2				4					13				1								22
banana-prata, bananeira	8		9														1						18
barriguda													1										1
batata-contr- ervas		1																					1
batata-de-puiga, batata-de-purga			1			1					3												5
batata-inglesa, batatinha																11							11
batata-doce, batata-roxa	5																						5
beringela, beringela-roxa																					2		2
beterraba			7									9											16
boa-noite, boa- noite-roxa, boa-noite-branca			2	23			4		3				1								1		34

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
boldo-amargo, malva amargosa, hortelã bravo, hortelã macho, hortelã homem, hortelã bahia, sete dores		1	1		2																		4
boldo seco, bordo, boldo boldo-do-chile	1	189			2	1					2	1				1	1	12	1			4	215
bom-nome		1				1	2	2		1			1								1		9
braúna, baraúna	3																						3
bre-do											1												1
burra - leiteira (sem fl)	1					1																	2
cabaça		6				7																	13
cabacinha	2		36						2														40
cabeça-de-nego, cabeça-de-negro								2	1														3
café		1									1												2

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
cajueiro-roxo, caju, castanha do caju	19	8	5			2	56		2							1	2				5		100
camapu, cumapu											2												2
camomila		10									7	1				1	1	68	1			1	90
cana-do-brejo		1								2	1								1				5
cana-de-açúcar											5												5
canela		27									3	2				4		17				6	59
canela-de- macaco, cana-de- macaco								1		1													2
capim-santo		156	5	1			1			2	5	11			1	11	16	106				19	334
capitão, capitãozinho			4																				4
cardeiro			1														1						2
cardo-santo, caldo-santo	2		11																				13
carqueja		1																					1
carrapateira, mamona, mamona-branca	3					1			7							19					1		31

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
casca de maria			1																				1
castanhola									2		3												5
catingueira	5	1	2												1		1						10
cebola branca, cebola roxa, cebola do mato		2	10			1					1						6		10				30
cedro (sem fl. e fr.)	1	1									1												3
cenoura		2					1																3
chá mate																		2					2
chá preto		27			29					3	2	3				6	2					3	75
chanana							1																1
chuchu											45										1		46
chumbinho			2								1								1				4
coco da bahia, coco, cabelo-de- coco	1	1							3	3									2				10
coco-catolé		1							1	4			2										8
coentro	2		1			8																	11
coité, cuité				4						2													6

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
colônia		1	3								3					9	122	2					140
comigo-ninguém-pode																				4			4
cominho, cumim, cuminho							2																2
confrei		1	1		2		2			1		2				2					4		15
coroa-de-frade			6								1				1								8
couve		8																					8
cravo, cravo branco																2							2
cravo-de-defunto, rosa-amarela			2																				2
cumaru	1		8								2						4						16
cumati – cubati			1																				1
emburana, imburana, umburana	10		3			1			3														17
endro		20	1				12				39		1			16		7					96
erva – doce		29				9				12	6				14	7	75				2	8	162

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
erva cidreira, cidreira		253	3				5				18	23	1			5	12	115	1			8	443
erva moura, valmoura		2									1				1								4
espada-de-iansã, espada-de-são- jorge, espada-de- ogum																				5			5
espinho – cigano, espinho-guabiru	1	3	7								1						1						13
espriteira, espiriteira			1								1						2						4
esterco, esterco- de-passarinho																	1						1
estouro-de-bucho	1																						1
eucalipto, calipi			14													4	126	1	3				148
fava						5																	5
favela							9																9
fedegoso			3			2			11								1						17
feijão-guandu, guandu																4		1					5
figo, figueira																					1		1

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
fumo, fumo-de-rolo		2				3					1			1							2		9
gengibre	1																						1
genipapo													1										1
gergilim, gergilim-de- cobra, girgilin	1				1	4							1										7
girassol					1		1				2	1					3	2			1		11
gogoia	1	2								1													4
goiabeira		78																					78
graviola							1			1		2	1								1		6
hortelã-graúdo, hortelã-da-folha- larga, hortelã-da- folha-grossa, hortelã-da-folha- grande, hortelã	2	6	63	5	8	-	9				10				7	4	12	10	4				140
hortelã miúda, hortelã da folha miúda, hortelã vick	1	30	12	5	-	1	13	-	1	-	31	1	-	-	67	11	4	2	2				181

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
insulina																					1		1
ipê-roxo, pau-d'arco-roxo						2															1		3
ipecacuanha, papaconha, pepaconha	9	3	2			1	1																16
jabuticaba		5										1											6
jatobá	1		6				2						1				1						11
jerimum, jerimum-caboclo, jirimum		4		4																			8
juazeiro, juá, joazeiro	43		5			15											7						70
jurema, jurema- preta	1																						1
jurubeba		3																					3
lacre						1																	1
laranjeira, laranja-lima, lima, laranja comum	1	11	2		1	1					2	4	1			2	2	47			1	12	87

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
lima-de-imbigo, lima-de-umbigo		1																					1
limão, limoeiro, limão-galego	2	1				12					1						8		1				25
louco						1																	1
louro		45	2		1	2	1									2	3	2				1	59
macassá		1	1	61							1												64
macela, macela-do-reino		29							1							1		2					33
maconha			1																				1
maliar																			1				1
malva-branca						2																	2
malva-corama, malva-de-embira			3																				3
malva-rosa		4	53								1		1			1	34	1					95
malva, malva-do-reino			3														9						12
mamão-de-corda, mamoeiro		8				3					2				15	3							31
mandioca					1																		1

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
manga – espada, mangueira							1			1			1						1				4
maniçoba (sem fl.)						1																	1
manjeriço, manjeriço-da- folha-miúda, alfavaca, afavaca		1	2	11	2	1										3	3		1	1			25
manjerioba, manjeroba		1							2							2				2			7
manjerona		1			1												1						3
maracujá		1									1	1						7					10
mari, marizeiro, mari, umari			2														1		1				4
marmeleiro, memeleiro	4	8	1												1								14
mastruz, mastruço, mintruz, mentruz, erva-santa	1	51	94		2	2				1			2		30	1	43	1	3				231
mata-pasto		2																					2
mata-pasto-do- pará						2																	2

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
maxixe, maxixe-de-corda						1																	1
melancia																					1		1
melão-de-são-caetano		2			1	6	1				15		4	1	11				1				42
melindro, milindro, melindre bilindio			2								2												4
milho, estigma de milho, cabelo de milho		2							1	3									4				10
militana		1																					1
mororó										3	4		1								23		31
muçambê, mussambê		1	19														2						22
mulungu	21					1					1							1					24
oiticica																					5		5
pega-pinto										3													3
pepino											1												1
pequi, piqui	1																						1
pereiro		1																					1

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
piaca								1															1
pimenta-d'água	1																						1
pimenta-do-reino, cravo-do-reino	11	1	8																				20
pimenta- malagueta, pimenta-vermelha						22					1												23
pinha														1									1
pinhão manso, pinhão						1															1		2
pinhão roxo	5					2										1				20	2		30
pinhão-branco, pinhão-bravo, pinhão-de-cerca	1					3																	4
pitanga		48	2								1						1				1		53
quebra-pedra		2	2			1	4	2	7	14			1				2		1				36
quiabo		1	2																				3
quina-quina		1	2																				3
quixaba	3	3	2			2	27						9						1				47

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
rabo-de-raposa						2																	2
repolho						1																	1
romã	2	4	208		5	4	7		1														231
sabogueiro, sabugueiro, sabugueira	1	4	30								80					4	185	3	6				313
saião, saião- legítimo, falso- saião	1	16	58			3	3				2		2		1		20	2	3		2		113
saião roxo		6	5														5						16
salsa						21	1																22
salsaparrilha																			1				1
samambaia, salamambaia													1										1
sena, sene			1						2														3
sucupira			3										3										6
tanchagem, transagem	1		31																				32
tatajuba	10																						10

Continua

Plantas	Indicações por agrupamentos de problemas de saúde																						Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
tomate-do-mato, tomateiro	1					11																	12
urinana		1								6													7
urtiga-branca	4	2	1			1	15	1			1												25
vassourinha			2																				2
vassourinha-de-botão	1	1							1		10		1		8								22
velame	5					6																	11
TOTAL	235	1216	807	190	68	195	299	9	61	79	373	74	44	3	147	205	680	497	51	51	81	62	5427

Legenda:

1 = Bucais

2 = Gastro intestinais

3 = Na garganta, nariz e pulmões

4 = No canal auditivo

5 = Oculares

6 = Na pele

7 = genitais femininos

8 = Urogenitais masculinos

9 = Obstétricos

10= Renais

11= Cardíacos e
circulatórios

12= Nutricionais

13= Nos ossos e articulações

14= Parasitoses externas

15= Parasitoses internas

16= Dores

17= Febres e gripes

18= Psiconeurológicos

19= Infecto contagiosas

20= Espirituais

21= Outros

22= Plantas que usavam de modo contínuo

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
beterraba+cenoura+limão	1			1	anemia, sangue fraco, desnutrição, fraqueza
beterraba+cenoura+tomate	1			1	anemia, sangue fraco, desnutrição, fraqueza
beterraba+colônia+hortelã+mastruz + sabugueiro		1		1	tosse
beterraba+hortelã+sabugueiro	1			1	tosse
beterraba+laranja	1		1	2	anemia, sangue fraco, desnutrição, fraqueza
beterraba+saião	1		2	3	gripe, resfriado, constipação
boldo +endro		2		2	má digestão, empachamento, indigestão, barriga fofa
boldo+canela	1			1	barriga inchada, problemas de fígado, comida que ofende, gases.
boldo+capim-santo+louro	2			2	má digestão, empachamento, indigestão, barriga fofa.
boldo+chá-preto	1			1	problemas de fígado, comida que ofende, gases.
boldo+erva cidreira	1		1	2	diarréia, disenteria, dor de barriga, má digestão, empachamento.
boldo+goiabeira	1			1	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, dor intestinal.
boldo+louro	1			1	má digestão, empachamento, indigestão, barriga fofa, barriga inchada, bucho inchado.
boldo+macela	1			1	barriga inchada, bucho inchado, problemas de fígado, comida que ofende

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
bananeira-prata+colônia+hortelã-gordo	1			1	asma, cansaço, falta de ar
barbatimão+cajueiro-roxo	2	3		5	corrimento vaginal. inflamação vaginal. coccira vaginal. inflamação de útero.
barbatimão+cajueiro-roxo+chanana+quixaba+romã +urtiga-branca	4			4	corrimento vaginal. inflamação vaginal. coccira vaginal. inflamação de útero. inflamação de ovário. arrochar as carnes inflamação
barbatimão+cajueiro-roxo+favela	1			1	corrimento vaginal. inflamação de útero. inflamação
barbatimão+cajueiro-roxo+favela +quixaba	1			1	corrimento vaginal. inflamação de ovário. arrochar as carnes.
barbatimão+cajueiro-roxo+jatobá+ pau-d' arco-roxo	1			1	corrimento vaginal. inflamação de útero. inflamação de ovário. inflamação
batata-de-purga+beterraba+cancla+ cravo+ erva-doce	1			1	hemorróides de botão. hemorróides
beladona+capim-santo+malva-rosa	2			2	tosse
beladona+malva-rosa	3			3	tosse. gripe, resfriado, constipação
beterraba+cebola-branca	1	1	1	3	tosse
beterraba+cebola-branca +cenoura +erva-doce+laranja verde +louro +malva-rosa +mastruz. +sabugueiro		6		6	bronquite, pneumonia. bronco pneumonia. problemas pulmonares
beterraba+cenoura+goiaba		1		1	anemia, sangue fraco. desnutrição, fraqueza
beterraba+cenoura+laranja	1			1	anemia, sangue fraco. desnutrição, fraqueza

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
arruda+hortelã+manjerição	2			2	inflamação nos olhos, conjuntivite, dor nos olhos.
arruda+jerimum-de-leite	1			1	dor de ouvido, inflamação no ouvido, otite, ouvido estourado
arruda+macassá	6	1	2	9	dor de ouvido, inflamação no ouvido, otite, ouvido estourado
arruda+macassá +manjerição	1			1	dor de ouvido, inflamação no ouvido
arruda+macassá+pinhão-roxo			1	1	dor de dente, dente furado
arruda+mandioca+manjerição	1			1	olhos ramelados, olhos vermelhos, irritação nos olhos
arruda+manjerição+malva-rosa	1			1	dor de cabeça, cefaléia
arruda+pinhão-roxo	3		2	5	evitar atraso de vida, corpo carregado, encosto, bruxaria, evitar catimbó, inveja, olho grande
arruda+romã	1			1	quebranto, mau olhado, olho grande, olho de lula, evitar atraso de vida.
azeitona+graviola			1	1	diabete, açúcar no sangue
banana-prata+capim-santo+hortelã-gordo+malva-rosa+mastruz	1			1	tosse
banana-prata+couve+repolho		2		2	úlceras, gastrite, azia, apendicite
banana-prata+malva-rosa+mastuz	1			1	tosse
bananeira-prata+capim-santo+mastruz + malva-rosa	1			1	tosse

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
aroeira+cebola-branca+hortelã-miúdo+sabugueiro		1		1	catarro no peito
aroeira+favela	1	1	1	3	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação de ovário, inflamação
aroeira+hortelã-miúdo		1		1	tosse diabete, açúcar no sangue
aroeira+hortelã-miúdo+hortelã-da-folha-grossa+mastruz+sabugueiro+saião		3		3	tosse
aroeira+mororó	2			2	dor de estômago, dor abdominal, problemas digestivos, infecção intestinal, desidratação.
aroeira+quixaba	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal
aroeira+quixaba+romã			1	1	corrimento vaginal, inflamação vaginal.
aroeira+tanchagem	2			2	gengiva inflamada, inflamação do dente
arruda+batatinha	1			1	dor de cabeça, cefaléia
arruda+boa-noite	2			2	dor de ouvido, inflamação no ouvido, ouvido estourado
arruda+comigo-ninguém-pode+pinhão-roxo		2		2	quebranto, mau olhado, olho grande, olho de lula.
arruda+cravo-branco +manjerição	1			1	quebranto, mau olhado, olho grande, olho de lula, evitar atraso de vida.
arruda+hortelã	2			2	dor de cabeça, cefaléia
arruda+hortelã-miúdo	2			2	cólica menstrual, cólica de mulher, cólica daqueles dias, dor de mulher.

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
angico+hortelã			1	1	tosse
angico+hortelã-da-folha-grossa+jatobá+mastruz+malva-rosa	1			1	catarro no peito, peito cheio, catarro
angico+hortelã+jatobá+malva-rosa+pepaconha+sena+sabugueiro	2			2	catarro no peito, peito cheio, catarro
aroeira+bananeira-prata+cebola-branca + colônia+erva-doce +jatobá +macela +malva do reino+malva santa +pepaconha+romã	2			2	coqueluche, tosse comprida, tosse de cachorro, tosse braba
aroeira+barbatimão+quixaba		1		1	inflamação de ovário, arrochar as carnes inflamação
aroeira+cajueiro-roxo			3	3	corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira, vaginal, inflamação de útero, inflamação de ovário, arrochar as carnes inflamação
aroeira+cajueiro-roxo+chanana+favela	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira, arrochar as carnes inflamação
aroeira+cajueiro-roxo+favela	3			3	corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira vaginal, inflamação de útero, inflamação de ovário,
aroeira+cajueiro-roxo+favela+urtiga-branca	1			1	corrimento vaginal, inflamação de ovário arrochar as carnes inflamação
aroeira+cajueiro-roxo+quixaba	1			1	corrimento vaginal
aroeira+cajueiro-roxo+quixaba+urtiga-branca	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação no ovário
aroeira+cajueiro-roxo+romã			1	1	inflamação
aroeira+catingueira+cebola-branca +hortelã-da-folha-grande+mastruz			2	2	gripe, resfriado, constipação

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
anador+angico+espinho-cigano +eucalipto+ hortelã-da-folha-grossa +hortelã-da-folha-miúda+juá+mastruz +sabugueiro			1	1	coqueluche, tosse comprida.
anador+angico+espinho-cigano +eucalipto + hortelã-da-folha-grossa +hortelã-miúdo +juá +sabugueiro			2	2	bronquite, pneumonia, bronco pneumonia.
anador+capim-santo	1		1	2	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, dor intestinal
angico+beterraba+cebola-branca +colônia+ capim-santo +eucalipto +sabugueiro+saião		1		1	catarro no peito, peito cheio, catarro
angico+beterraba+hortelã-da-folha-grossa+ juá			2	2	gripe
angico+beterraba+juá			1	1	tosse
angico+cajueiro-roxo+mororó			1	1	tosse
angico+catingueira+hortelã-da-folha-grande			1	1	catarro no peito, peito cheio, catarro
angico+cebola-branca+cumaru +eucalipto+mastruz+malva-rosa +sabugueiro	1			1	tosse
angico+cebola-branca+cumaru +eucalipto+hortelã+malva-rosa +mastruz +sabugueiro	1			1	tosse
angico+colônia+eucalipto+as-bugueiro			6	6	tosse
angico+cumaru+hortelã-da-folha-grossa+ limão+saião			1	1	gripe
angico+eucalipto			2	2	tosse gripe, resfriado, constipação
angico+favela+pau darco roxo+quixaba	3			3	corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira vaginal, inflamação de útero, problema de coluna, pancadas, traumatismos.
angico+hortelã			1	1	tosse

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
alecrim+hortelã-da-folha-miúda	1		1	2	mal estar
alface+sabugueiro		1		1	hipertensão, pressão alta
alfavaca+hortelã-miúdo		1		1	sinusite
alfazema+endro	1			1	cólica menstrual, cólica de mulher.
alho roxo+cebola-branca+eucalipto+malva-rosa+ sabugueiro	1			1	gripe, resfriado
alho+arruda+boa-noite-branca	2			2	dor de ouvido
alho+banana	2	2		4	vermes, lombrigas, amebas.
alho+beterraba+cebola-branca +muçambê	1			1	tosse
alho+castanha de caju			1	1	mordida de cobra ou inseto
alho+chuchu+girassol	1			1	hipertensão.
alho+colônia+eucalipto+limão+pimenta-do-reino+sabugueiro	1			1	gripe.
alho+eucalipto+malva-rosa+sabugueiro	2			2	tosse
alho+fumo			1	1	mordida de cobra ou inseto
alho+laranja	1			1	gripe, resfriado, constipação
alho+limão+sabugueiro	3			3	gripe, resfriado
alho+pimenta-do-reino	1		1	2	enxaqueca
alho+saião	1			1	tosse
ameixa+mamão	2			2	prisão de ventre, intestino preso

Continua

O “especialista” usava plantas medicinais associadas umas às outras e também misturadas com outras substâncias. No primeiro caso, observa-se o uso de até 11 plantas associadas entre si. (Tabela 32)

Tabela 32 – Distribuição das associações das plantas utilizadas pelos “especialistas”, segundo problemas de saúde e áreas, Campina Grande, Paraíba, 1997.

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U. R.	R.	Total	
acerola+caju+laranja+limão	2			2	gripe, resfriado
agrião+alho+cebola-branca+laranja	1			1	gripe, resfriado
agrião+beterraba+cenoura+laranja	1			1	gripe, resfriado
agrião+cenoura+laranja	1			1	anemia, sangue fraco, desnutrição, fraqueza
agrião+hortelã+mastruz+malva-rosa+jatobá	1			1	tosse
alcachofra+colônia	2		1	3	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, dor intestinal, problemas ou dor de estômago.
alecrim+arruda+macassá	1			1	dor de ouvido, inflamação no ouvido.
alecrim+erva cidreira	2			2	hemorróides de botão, hemorróides
alecrim+eucalipto+hortelã-da-folha-grande+jatobá+malva-rosa+ muçambê +romã+sabugueiro+saião	3			2	tosse

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
bom nome+cajueiro-roxo	1			1	corrimento vaginal, inflamação de ovário, inflamação
bom nome+cajueiro-roxo+quixaba	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação de útero.
cajueiro-roxo+cebola-branca+cumaru+favela+hortelã-da-folha-grossa+ pepaonha	2			2	tosse
cajueiro+roxo+chanana+eucalipto+favela	1			1	inflamação de ovário, arrochar as carnes, inflamação
cajueiro-roxo+chanana+favela +jatobá +pau-d'arco-roxo+urtiga-branca	2			2	corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira vaginal, inflamação de útero.
cajueiro-roxo+favela	2			2	corrimento vaginal, inflamação de útero, inflamação de ovário, inflamação
cajueiro-roxo+favela+pau d'arco +quixaba	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação
cajueiro-roxo+favela+pau-d'arco-roxo + quixaba+urtiga-branca	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação
cajueiro-roxo+favela+pau-d'arco-roxo+ quixaba+romã+sucupira	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal.
cajueiro-roxo+favela+quixaba	2		1	3	corrimento vaginal, inflamação de ovário, inflamação
cajueiro-roxo+favela+quixaba+romã	3			3	gastrite, úlcera, apendicite, azia, câncer, doenças sem cura
cajueiro-roxo+favela+urtiga-branca	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira vaginal, inflamação de útero
cajueiro-roxo+jatobá	1			1	corrimento vaginal, inflamação de ovário, inflamação

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
cajueiro-roxo+pau-d'arco-roxo		2		2	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação de ovário, inflamação
cajueiro-roxo+quixaba	5		7	12	inflamação de útero, inflamação de ovário, arrochar as carnes inflamação
cajueiro-roxo+quixaba+romã	4			4	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação
cajueiro-roxo+quixaba+urtiga-branca	2			2	inflamação vaginal, coceira vaginal, inflamação de útero, inflamação de ovário.
cajueiro-roxo+romã	3			3	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação de ovário
cajueiro+pau-d'arco-roxo+quixaba			1	1	inflamação de útero, inflamação de ovário, inflamação
camomila+erva-doce+laranjeira	1			1	calmante
camomila+hortelã	1			1	cólica de bebê, cólica de nenem, cólica de menino.
cana do brejo+maria três babados	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira vaginal, inflamação de útero
canela+colônia		1		1	corpo quente, corpo esquentado, gripe, resfriado
capim-santo +eucalipto +limão +romã + sabugueiro	1			1	enxaqueca
capim-santo+cebola-branca+colônia+ hortelã+malva-rosa	1			1	gripe, resfriado
capim-santo+cebola-branca+ colônia+ hortelã+malva-rosa+sabugueiro	1	-	-	1	tosse
capim-santo+cumaru+hortelã-da-folha-grossa+laranjeira+saião		1		1	tosse

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
	5	-	-	05	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, dor intestinal, problemas ou dor de estômago, dor abdominal, problemas digestivos, infecção intestinal, desidratação.
capim-santo+erva cidreira	1	1	-	2	hipertensão, pressão alta
	1	-	-	1	dor de cabeça, cefaléia
	1	-	-	1	nervosismo, nervoso, doença de cabeça, fraqueza dos nervos.
capim-santo+erva cidreira +erva-doce	1			1	Impaciência, cabe-ça aperriada ou agoniada
capim-santo+erva cidreira+ sabugueiro	1	1		2	hipertensão, pressão alta
capim-santo+erva cidreira+louro	1			1	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal
capim-santo+erva-doce	1			1	nervosismo, nervoso, doença de cabeça, fraqueza dos nervos
capim-santo+limão	3			3	gripe, resfriado, constipação
capim-santo+louro	1			1	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal
capim-santo+malva-rosa	1			1	corpo quente, febre
capim-santo+malva-rosa+mangará da banana-prata+mastruz	2			2	tosse
capitão+eucalipto+hortelã-da-folha-grossa+jatobá+mastruz+malva-rosa+ sabugueiro	1			1	tosse
capitão+jatobá+sabugueiro	1			1	tosse
capitão+malva-rosa+sabugueiro	1			1	tosse

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
cardo santo+colônia+hortelã+mastruz +muçambê	1			1	tosse
catingueira+marmeleiro			1	1	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, dor intestinal
catingueira+muçambê			1	1	vermes, lombrigas, amebas, oxiuro, giárdias
			2	2	tosse
cebola-branca +hortelã +pepaconha +sabugueiro	2			2	gripe, resfriado, constipação
cebola-branca+colônia+capim-santo+hortelã+malva-rosa+sabugueiro	1			1	tosse
cebola-branca+colônia+eucalipto+hortelã-da-folha-grossa +limão +mastruz +romã+sabugueiro	1			1	tosse
cebola-branca+colônia+eucalipto+malva-rosa	3			3	gripe, resfriado, constipação
cebola-branca+colônia +eucalipto +hortelã-da-folha-grossa+mastruz+romã +sabugueiro	1			1	tosse
cebola-branca+colônia+eucalipto +hortelã-da-folha-miúda+hortelã vick+malva-rosa+mangueira espada+ mastruz+sabugueiro		1		1	gripe
cebola-branca+colônia+eucalipto+malva-rosa +sabugueiro		1		1	tosse
cebola-branca+cumaru +saião +sabugueiro	1			1	tosse
cebola-branca+cumaru+eucalipto+malva-rosa	1			1	tosse
cebola-branca+cumaru+eucalipto +malva-rosa	1			1	tosse
cebola-branca+cumaru+favela +limão +sabugueiro+saião	1			1	tosse
cebola-branca+eucalipto +mastruz +sabugueiro	2			2	tosse, gripe, resfriado, constipação

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
cebola-branca+eucalipto+hortelã+malva-rosa+sabugueiro	2			2	tosse
cebola-branca+eucalipto+hortelã-da-folha-grossa+sabugueiro	2			2	asma, cansaço, falta de ar
cebola-branca+eucalipto+hortelã-da-folha-larga+malva-rosa+sabugueiro	2	1		3	tosse
cebola-branca+hortelã			1	1	tosse
cebola-branca+hortelã-da-folha-grande		1		1	gripe
cebola-branca+hortelã-da-folha-grande	1	2		3	gripe, resfriado, constipação
cebola-branca+hortelã-da-folha-grande+laranjeira		1		1	catarro no peito, peito cheio, catarro, arrancar
cebola-branca+hortelã-da-folha-grossa	1			1	tosse
cebola-branca+hortelã-da-folha-grossa+hortelã-da-folha-miúda +mastruz	1			1	tosse
cebola-branca+hortelã-da-folha-grossa+laranjeira		1		1	catarro no peito, peito cheio, catarro
cebola-branca+hortelã-da-folha-grossa+malva-rosa+pepaconha	1			1	tosse
cebola-branca+hortelã-da-folha-larga+ malva-rosa+ pepaconha	2			2	catarro no peito, peito cheio, catarro, arrancar
cebola-branca+hortelã-da-folha-larga+malva-rosa+mastruz+sabugueiro	3			3	tosse
cebola-branca+hortelã-da-folha-miúda	5			5	prisão de ventre, intestino preso, intestino sem funcionar, tosse, gripe, resfriado, constipação
cebola-branca+hortelã miúda+hortelã graúda+malva-rosa+sabugueiro			4	4	tosse bronquite, pneumonia, bronco pneumonia
cebola-branca+hortelã+juá+mastruz			1	1	tosse

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
cebola-branca+hortelã+ malva-rosa	4			4	catarro no peito, peito cheio, catarro
cebola-branca+hortelã+malva-rosa	1			1	tosse
cebola-branca+hortelã+ malva-rosa+ muçambê+ romã+sabugueiro+saião	1			1	catarro no peito, peito cheio
cebola-branca+hortelã+ pepaconha+ sabugueiro	2			2	gripe, resfriado, constipação
cebola-branca+juá+mastruz			1	1	tosse
cebola-branca+malva-rosa	2			2	tosse
cebola-branca+malva-rosa+saião	1			1	tosse
cebola-branca+muçambê+ sabugueiro			1	1	tosse
cebola-branca+sabugueiro		1		1	tosse
chanana+quixaba	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação de útero
chuchu+sabugueiro	5			5	hipertensão, pressão alta
colônia+cumaru+ eucalipto+malva-rosa + sabugueiro	1			1	tosse
colônia+espinho-cigano +eucalipto +hortelã da folha gorda +malva-rosa +sabugueiro	2			2	gripe, resfriado, constipação
colônia+espinho-cigano+eucalipto+hortelã-da-folha-grossa+malva-rosa+sabugueiro	1			1	tosse
colônia+eucalipto	2	3	4	9	corpo quente, corpo esquentado, febre, febre alta, gripe, resfriado, constipação
colônia+eucalipto+hortelã-da-folha-grande+ malva-rosa+ sabugueiro	4			4	tosse
colônia+eucalipto+hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa+ sabugueiro	1			1	gripe

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
colônia+eucalipto+hortelã-da-folha-grossa+malva-rosa + muçambê+sabugueiro	1			1	tosse
colônia+eucalipto+hortelã-miúdo+ hortelã mastruz+ mangueira espada	1			1	gripe
colônia+eucalipto+hortelã+ malva-rosa + mastruz+saião	2			2	bronquite, pneumonia, bronco pneumonia, problemas pulmonares
colônia+eucalipto+malva-rosa +sabugueiro	2			2	tosse, gripe, resfriado, constipação
colônia+eucalipto+malva-rosa+mastruz+romã+sabugueiro	1			1	tosse
colônia+eucalipto+malva-rosa+romã+sabugueiro	2			2	gripe, resfriado, constipação
colônia+eucalipto+mangueira espada +mastruz+sabugueiro	2			2	gripe, resfriado, constipação
colônia+eucalipto+sabugueiro	1			1	gripe, resfriado, constipação
colônia+hortelã	1			1	gripe
colônia+hortelã-da-folha-grossa	2			2	sinusite, febre, gripe, resfriado
colônia+hortelã-da-folha-grossa+malva-rosa +sabugueiro	1			1	tosse
colônia+hortelã+malva-rosa+ sabugueiro	1			1	gripe
colônia+hortelã+mastruz+malva-rosa +romã	2			2	gripe
colônia+hortelã+mastruz+sabugueiro		1		1	tosse
colônia+limão	2			2	febre, gripe, resfriado
colônia+malva-rosa	1			1	tosse
colônia+malva-rosa+sabugueiro	1			1	catarro no peito, peito cheio, catarro

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
colônia+manjericão	1			1	asma, cansaço, falta de ar
colônia+manjericão+sabugueiro	1	1		2	gripe
colônia+sabugueiro	4	1	3	8	tosse corpo quente, corpo esquentado, febre gripe, resfriado, constipação
colônia+saião		1		1	corpo quente, corpo esquentado, febre
confrei+saião	1			1	sarampo, catapora
couve+hortelã-miúdo+mastruz	1			1	úlceras, gastrite, azia, apendicite
couve+saião			3	3	úlceras, gastrite, azia, apendicite
cravo de defunto +eucalipto +hortelã-da- folha-grossa+mastruz +sabugueiro	6			6	tosse catarro no peito, peito cheio, catarro
	3			3	gripe, resfriado, constipação
cravo do reino+laranja			2	2	enxaqueca
cumaru+fumo			2	2	sinusite
cumaru+hortelã-da-folha-grande +mastruz+ romã+sabugueiro	1			1	Tosse
cumaru+hortelã-da-folha-grande+ saião			1	1	catarro no peito, peito cheio, catarro
cumaru+hortelã-da-folha-grossa	1	1		2	bronquite, pneumonia, bronco pneumonia, problemas pulmonares
cumaru+hortelã+limão+malva-rosa	1		1	2	tosse gripe, resfriado, constipação
cumaru+mororó	1			1	catarro no peito, peito cheio, catarro
cumaru+urtiga-branca	2			2	tosse

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
endro+hortelã-miúdo+vassourinha de botão		1		1	enfarte, trombose, ramo, congestão, derrame, problemas do coração
erva cidreira+eucalipto+figueira+ hortelã-da-folha-grande+mangará da banana	5			5	catarro no peito, peito cheio, catarro
erva cidreira+hortelã-gordo+pinhão-roxo	2			2	dor de dente, dente cariado, dente inflamado
erva cidreira+laranjeira	1			1	nervosismo, nervoso, doença de cabeça, fraqueza dos nervos
erva cidreira+louro	1			1	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, dor intestinal
erva cidreira+macela	1			1	problemas digestivos, infecção intestinal, desidratação.
erva cidreira+sabugueiro		1		1	hipertensão, pressão alta
erva-doce+hortelã-miúdo+laranjeira +malva do reino	1			1	gripe
erva-doce+sabugueiro		1		1	hipertensão, pressão alta
espinho-cigano+hortelã-da-folha-grossa + mastruz+malva-rosa+sabugueiro	2			2	tosse
espinho-cigano+juá+hortelão da folha grossa+saião			1	1	tosse
eucalipto+favela+hortelã-da-folha-grossa+ limão+malva-rosa	1			1	tosse
eucalipto+favela+hortelã-da-folha-grossa+ limão+malva-rosa+sabugueiro	1			1	tosse
eucalipto+hortelã +malva-rosa+ sabugueiro + saião	6	6	1	13	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-grossa +mastruz+ muçambê+saião +sabugueiro	1			1	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-grossa +limão + malva-rosa	1			1	tosse

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
eucalipto+hortelã-da-folha-grossa +limão + malva-rosa+sabugueiro	2			2	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-grossa +sabugueiro	2			2	gripe, constipação
eucalipto+hortelã-da-folha-grossa+ malva-rosa+sabugueiro	2	1		3	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-grossa+jatobá+ malva-rosa+mastruz+pepaconha+sabugueiro	1			1	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-grossa+jatobá+ malva-rosa+mastruz+pepaconha	1			1	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-grossa+malva-rosa	2			2	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-grossa+mastruz+ romã+saião+sabugueiro	1			1	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-larga+ jatobá+ malva-rosa+romã+sabugueiro	1			1	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-miúda +mastruz+ sabugueiro	2			2	tosse
eucalipto+hortelã-da-folha-miúda+sabugueiro	2			2	tosse
eucalipto+hortelã-gordo+mastruz +saião	2			2	tosse
eucalipto+hortelã+jatobá+malva-rosa+ mastruz+pepaconha	1			1	tosse
eucalipto+hortelã+malva-rosa +sabugueiro	8	1		9	tosse
eucalipto+hortelã+malva-rosa+sabugueiro+ saião	6	6	1	13	tosse
eucalipto+jatobá+malva-rosa+mastruz+ sabugueiro	1			1	tosse
eucalipto+malva-rosa	1			1	gripe, constipação

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
eucalipto+malva-rosa +mastruz	1			1	asma, cansaço, falta de ar
eucalipto+malva-rosa+mastruz+ muçambê+ sabugueiro	1			1	tosse
eucalipto+malva-rosa+sabugueiro	10			10	tosse
eucalipto+mastruz+muçambê +sabugueiro	1			1	asma, cansaço, falta de ar
eucalipto+mastruz+sabugueiro	1			1	gripe, constipação
eucalipto+sabugueiro	16		4	20	corpo quente, corpo esquentado, febre, febre alta, gripe, resfriado, constipação
favela+limão+sabugueiro	1			1	tosse
favela+quixaba	3	1		4	corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira vaginal, inflamação de útero, inflamação
favela+urtiga-branca	1			1	corrimento vaginal, inflamação de útero, inflamação
fumo+mastruz			2	2	eczema, ferida braba, ferida que não sara
goiabeira+jabuticaba	1			1	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, infecção intestinal, desidratação.
goiabeira+laranja	1			1	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, dor intestinal
goiabeira+mamoeiro	1			1	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal.

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
goiabeira+pitangueira	7	2		9	diarréia, disenteria, dor de barriga, problema intestinal, dor intestinal, problemas ou dor de estômago, dor abdominal, problemas digestivos, infecção intestinal, desidratação, cólica de bebê, cólica de nenem, cólica de menino.
goiabeira+romã	1			1	diarréia
graviola+oliveira			1	1	diabete, açúcar no sangue
hortelã-da-folha-grande+hortelã-da-folha-miúda+malva-rosa+saião		1		1	gripe, resfriado, constipação
hortelã-da-folha-grande+juá		1		1	tosse
hortelã-da-folha-grande+juá+malva-rosa+sabugueiro		1		1	gripe, resfriado, constipação
hortelã-da-folha-grande+macassá			1	1	dor de ouvido, inflamação no ouvido, otite, ouvido estourado
hortelã-da-folha-grande+malva-rosa	1			1	tosse
hortelã-da-folha-grande+mangará da bananeira	1			1	catarro no peito, peito cheio, catarro
hortelã-da-folha-grande+mastruz		1	5	6	tosse, catarro no peito, peito cheio, catarro
hortelã-da-folha-grande+ mastruz+sabugueiro			1	1	tosse
hortelã-da-folha-grande+mastruz+ saião			1	1	tosse
hortelã-da-folha-grossa +hortelã-da-folha-miúda		2		2	catarro no peito, peito cheio, catarro
hortelã-da-folha-grossa +sabugueiro +saião	1			1	gripe, resfriado

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
hortelã-da-folha-grossa ou grande+juá		3		3	tosse, gripe, resfriado, constipação
hortelã-da-folha-grossa+ hortelã-da-folha-miúda+sabugueiro			1	1	tosse
hortelã-da-folha-grossa+jatobá+malva-rosa+sabugueiro	1			1	tosse
hortelã-da-folha-grossa+jatobá+pepaconha+sabugueiro	1			1	tosse
hortelã-da-folha-grossa+juá+malva-rosa +sabugueiro		3		3	tosse
hortelã-da-folha-grossa+laranja +mastruz+sabugueiro			1	1	tosse
hortelã-da-folha-grossa+malva-rosa	3			3	tosse, asma, cansaço, falta de ar, gripe, resfriado, constipação
hortelã-da-folha-grossa+malva-rosa +mastruz	2			2	tosse tuberculose
hortelã-da-folha-grossa+mastruz		1	2	3	tosse
hortelã-da-folha-grossa+mastruz +saião+vassourinha de botão			2	2	coqueluche, tosse comprida, tosse braba, tosse de cachorro
hortelã-da-folha-grossa+sabugueiro	1			1	gripe, constipação
hortelã-da-folha-grossa+saião			1	1	tosse
hortelã-da-folha-larga+hortelã-da-folha-miúda+sabugueiro+romã	1			1	gripe, constipação
hortelã-da-folha-larga+ hortelã-miúdo+romã+sabugueiro	1			1	gripe, resfriado
hortelã-da-folha-larga+jatobá+ sabugueiro	2			2	tosse
hortelã-da-folha-larga+ mastruz+ sabugueiro +saião		1		1	gripe, constipação

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
hortelã-da-folha-larga+ mastruz+saião + sabugueiro		1		1	gripe, resfriado
hortelã-da-folha-miúda+ hortelã-da-folha-grande+malva-rosa+saião		1		1	gripe, resfriado
hortelã-da-folha-miúda+hortelã da folha gorda	1			1	tosse
hortelã-da-folha-miúda+ hortelã	1			1	asma, cansaço, falta de ar
hortelã-da-folha-miúda+mastruz	2			2	tosse, gripe, resfriado, constipação
hortelã-da-folha-miúda+sabugueiro		3		3	enfarte, trombose, ramo, congestão, derrame, problemas do coração
hortelã graúdo+sabugueiro	1			1	febre, gripe, resfriado
hortelã homem+ hortelã-da-folha-grossa		1		1	catarro no peito, peito cheio, catarro
hortelã+juá+malva-rosa+sabugueiro		1		1	gripe
hortelã+juá+mastruz			1	1	tosse
hortelã+malva-rosa	1			1	catarro no peito, peito cheio, catarro
hortelã+mastruz+saião			5	5	tosse
jatobá+limão+sabugueiro	1			1	gripe
jatobá+malva-rosa+mastruz+sabugueiro	1			1	tosse
jatobá+malva-rosa+muçambê	2			2	corrimento vaginal, inflamação vaginal, inflamação
jatobá+muçambê+sabugueiro	1			1	tosse

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
juá+mastruz+mororó			2	2	catarro no peito, peito cheio, catarro
juá+mororó+mastruz			2	2	catarro no peito
limão+mastruz	1			1	gripe, resfriado
limão+romã	2			2	problema de garganta, amigdalite, dor de garganta, rouquidão
limão+sabugueiro	3			3	febre, gripe, resfriado, constipação
louro+macela	1			1	problemas de fígado, comida que ofende, gases.
malva-rosa+mastruz	1			1	sinusite
malva-rosa+sabugueiro	6			6	gripe, resfriado, constipação, corpo quente, febre
malva-rosa+saião	2		4	6	tosse catarro no peito, peito cheio, catarro
mamão+maçã	1			1	anemia, sangue fraco, desnutrição, fraqueza
manjerição+pinhão-roxo	2			2	quebranto, mau olhado, corpo carregado, encosto, evitar catimbó, inveja, olho grande
mastruz+hortelã+saião			3	3	tosse
mastruz+sabugueiro +saião	2			2	tosse, gripe, resfriado, constipação
mastruz+saião	2		2	4	úlceras, gastrite, azia, apendicite tosse
melão de são caetano+salsa	3			3	sarna, coceira, coceira no corpo
mororó+oitica		1		1	diabete, açúcar no sangue

Continua

Associações	Áreas				Problemas de saúde
	U.	U.R.	R.	Total	
muçambê+sabugueiro	1			1	tosse
mulungu+pinhão-roxo			1	1	dor de dente, dente inflamado
mulungu+quixaba			1	1	dor de dente, dente inflamado
pau-d' arco-roxo+urtiga-branca	1			1	corrimento vaginal, inflamação de ovário, inflamação
pepaconha+romã	3			3	tosse
pinhão-roxo+mulungu			1	1	dor de dente
romã+quixaba	1			1	problema de garganta, amigdalite, dor de garganta, rouquidão, inflamação na garganta
romã+saião	1			1	problema de garganta, amigdalite, dor de garganta, rouquidão, inflamação na garganta
romã+tanchagem	2			2	mau hálito
romã+vassourinha de botão	1			1	corrimento vaginal, inflamação vaginal, coceira vaginal, inflamação de útero
saião+tomate	1			1	furúnculo
TOTAL	453	96	128	677	

Conclusão da Tabela 32

Legenda: U = Urbana
U.R. = Urbana-rural
R = Rural

4.6 – Relação das plantas tóxicas citadas pelos “especialistas”.

Dos 648 “especialistas” entrevistados, apenas 279(43%) responderam conhecer alguma planta considerada tóxica; e 57,0% afirmaram não conhecer nenhuma planta tóxica.

Das 21 plantas consideradas tóxicas pelos “especialistas”, o comigo-ninguém-pode foi a mais freqüente, citado por 83,8%, seguida da espirradeira(3,5%), carrapateira(1,4%), cabacinha e pinhão-roxo(1,1%)(Tabela 33).

Em relação às áreas, observa-se que 238(50,5%) dos “especialistas” da área urbana conheciam alguma planta tóxica; na área urbana-rural, 25(29,4%) e na rural, apenas 16(17,4%)(Tabela 33).

Tabela 33 – Plantas tóxicas citadas pelos “especialistas” das famílias entrevistadas, segundo as áreas em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Nomenclatura:		Áreas			“Especialistas”		Algumas características da toxicidade		
Popular	Botânica	U.	U.R.	R.	N.º	%	Sintomas*	Substâncias tóxicas	Parte da planta
comigo-ninguém-pode crote, crote-pintado	<i>Dieffenbachia Seguine</i> e <i>Picta</i> Schott. (Araceae)	204	22	08	234	83,8	Por ingestão ou o ato de mastigar, ocasionará as reações: edema de lábio, língua e palato com dor e queimação, disfagia, sialorréia cólicas, náuseas, e vômitos	Oxalato de cálcio, saponinas	Qualquer parte da planta, principalmente, caule, folhas e no látex
espirradeira	<i>Ipomoea fistulosa</i> Mart. ex Choisy (Convolvulaceae)	06	02	01	09	3,5	Reações gastro-intestinais náuseas, vômitos, cólicas, diarreia muco-sanguinolenta. Distúrbios neurológicos e cardíacos	Glicosídeos(oleandrina, nerioside, foli- neurina, rosagenina (casca), e outros).	Qualquer parte da planta, desde as folhas até as raízes.
carrapateira mamona	<i>Ricinus communis</i> L. (Euphorbiaceae)	02	02	-	04	1,4	Náuseas, queimação na garganta, vômitos, diarreia muco-sanguinolenta, cólicas abdominais, taquicardia, sede intensa, distúrbios neurológicos.	Toxoalbumina da semente(ricina).	Qualquer parte da planta, principalmente a mastigada ou a torta da planta.
cabacinha	<i>Luffa operculata</i> Cong. (Cucurbitaceae)	01	-	02	03	1,1	O fruto verde ingerido ocasiona: ação purgativa, cólicas abdominais, diarreia intensa e vômitos.	Saponina que é fortemente hemolítica “in vitro”, muito tóxica para certos animais	Fruto

Continua

Nomenclatura:		Áreas			"Especialistas"		Algumas características da toxicidade		
Popular	Botânica	U.	U.R.	R.	N.º	%	Sintomas*	Substâncias tóxicas	Parte da Planta
manissoba maniçoba	<i>Manihot glauziowii</i> Mull. (Euphorbiaceae)	02	01	-	03	1,1	Irritação da boca, faringe e das vias aéreas superiores acompanhada de salivação intensa, náusea, vômito, cólicas, alterações respiratórias, neurológicas e cardiovasculares, dependendo da gravidade do caso.	Glicosídeo cianogénico chamado manihotoxina, o qual libera ácido cianídrico que é o responsável pela intoxicação. Dose letal de ácido cianídrico para o homem é de 0,065g por quilo.	Qualquer parte da planta, principalmente folhas, entrecascas, raiz, e no seu látex leitoso
pinhão-roxo (semente)	<i>Jatropha gossyphifolia</i> L. (Euphorbiaceae)	03	-	-	03	1,1	Dores abdominais, náuseas, vômitos, diarreia, espasmos musculares das extremidades, hipotensão, distúrbios hidroeletrolíticos e neurológicos.	Glicosídeos, toxalbuminas, alcalóides. Casos fatais têm relatos com a ingestão de 4 a 5 sementes.	Semente
imbé	<i>Philodendron guttiferum</i> Koch. (Araceae)	02	-	-	02	0,7	Por ingestão ou o ato de mastigar, ocasionará as reações: edema de lábio, língua e palato com dor e queimação, disfagia, cólicas, náuseas, e vômitos	Oxalato de cálcio, saponinas	Qualquer parte da planta, principalmente, caule, folhas e no látex
mata-calado mata-zombando	<i>Datura stramonium</i> (Solanaceae)	01	-	01	02	0,7	Náuseas, vômitos, pele quente, seca e avermelhada, mucosa bucal e ocular seca, taquicardia, cegueira parcial, distúrbios de comportamento	Contém dois alcalóides tóxicos: hiosciamina, escopolamina e atropina	Sementes, folhas, raízes

Continua

Nomenclatura:		Áreas			“Especialistas”		Algumas características da toxicidade		
Popular	Botânica	U.	U.R.	R.	N.º	%	Sintomas*	Substâncias tóxicas	Parte da Planta
fedegoso	<i>Heliotropium indicum</i> L. (Boraginaceae)	02	-	-	02	0,7	Aumento do volume abdominal, hepatoesplenogalia, ascite. Doença de evolução imprevisível com alta mortalidade, geralmente evolui para cirrose.	As manifestações tóxicas são devido ao Senecio. Ainda pouco conhecido no Brasil.	?
tingui, tinquim	<i>Mascagnia rigida</i> Griseb (Malpighiaceae)	2	-	-	2	0,7	Ação ictiotóxica, ação hemolítica, ação nos nervos reguladores do ritmo cardíaco	?	Folhas
tinhorão	<i>Caladium bicolor</i> Vent. (Araceae)	1	-	-	1	0,3	Por ingestão ou o ato de mastigar, ocasionará as reações: edema de lábio, língua e palato com dor e queimação, disfagia, cólicas, náuseas, e vômitos	Oxalato de cálcio, saponinas	Qualquer parte da planta, principalmente, caule, folhas e no látex
marmeleiro (raiz)	<i>Croton sonderianus</i> Müll. Arg. (Euphorbiaceae)	1	-	-	1	0,3	Na literatura consultada, não há referência de toxicidade	?	?
pepaconha, ipecacuanha	<i>Hybanthus calceolaria</i> (Violaceae)	01	-	-	01	0,3	Na literatura consultada, não há referência de toxicidade	?	?

Continua

Nomenclatura:		Áreas			“Especialistas”		Algumas características da toxicidade		
Popular	Botânica	U.	U.R.	R.	N.º	%	Sintomas*	Substâncias tóxicas	Parte da planta
urtiga, urtiga branca	<i>Cnidosculus urens.</i> (Euphorbiaceae)	01	-	-	01	0,3	Lesões cutâneas e de mucosas pela ação urticante ou vesicante após contato com a planta	As lesões são de origem mecânica por ação dos pelos e química (substância produzida pelas glândulas de natureza mal conhecida)	Folhas
copo-de-leite	<i>Datura suavelons</i> (Solanaceae)	01	-	-	01	0,3	Por ingestão ou o ato de mastigar, ocasionará as reações: edema de lábio, língua e palato com dor e queimação, disfagia, cólicas, náuseas, e vômitos	Oxalato de cálcio, saponinas	Qualquer parte da planta, principalmente, caule, folhas e no látex
erva-babosa	<i>Aloe vera</i> L. (Liliaceae)	01	-	-	01	0,3	Inflamação renal	?	?
mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd. (Fabaceae)	01	-	-	01	0,3	Na literatura consultada, não há referência de toxicidade	?	?
confrei	<i>Symphytum officinales</i> L. (Boraginaceae)	01	-	01	02	0,6	Danos hepáticos(cirrose ou câncer de fígado) efeitos abortivos, teratogênicos e mutagênicos quando usado internamente	Alcalóides pirrolizidínicos	Folhas

Continua

Nomenclatura:		Áreas			“Especialistas”		Algumas características da toxicidade		
Popular	Botânica	U.	U.R.	R.	N.º	%	Sintomas*	Substâncias tóxicas	Parte da Planta
quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L. (Euphorbiaceae)	01	-	-	01	0,3	Na literatura consultada, não há relato de toxicidade	?	?
batata-de-purga	<i>Operculina alata</i> Urban. Convolvulaceae	01	01	01	03	0,6	Manifestações gastrointestinais por vômitos, náuseas, cólicas abdominais e diarreias. Situações mais graves ocorrem distúrbios hidrolítico.	Látex com resinas purgativas, constituídas por heterosídeos.	Qualquer parte da planta, principalmente raiz e batata.
avelós	<i>Euphorbia tirucalli</i> L. (Euphorbiaceae)	-	-	01	01	0,3	Contato com o látex poderá ocorrer: lesões na pele; perda parcial ou total da visão; lesões na mucosa bucal, faringiana, esofágica e gástrica.	Látex irritante ou cáustico	Qualquer parte da planta.
Total		238	25	16	279	100,0			

* A sintomatologia referida dependerá da gravidade do caso.

FONTES: SCAVONE & PANIZZA(1980); BROWN & MARCY(1991); LORENZI(1991); SCHUARTSMAN(1979).

Conclusão Tabela 33

**FOTOGRAFIAS DAS PLANTAS CONSIDERADAS VENENOSAS PELOS
“ESPECIALISTAS”, CAMPINA GRANDE – PB, 1997.**

COMIGO-NINGUÉM-PODE
Dieffenbachia amoena hort. ex. gent.

ESPIRRADEIRA
Ipomoea fistulosa Mart. ex Choisy (Convolvulaceae)

CARRAPATEIRA
Ricinus communis L. (Euphorbiaceae)

MANISSOBA
Manihot glauziowii Mull. (Euphorbiaceae)

IMBÉ
Philodendron guttiferum Koch. (Araceae)

MARMELEIRO (RAIZ)
Croton sonderianus Müll. Arg. (Euphorbiaceae)

PEPACONHA
Hybanthus calceolaria (Violáceae)

URTIGA, URTIGA BRANCA
Cnidosculus urens. (Euphorbiaceae)

CONFREI
Symphytum officinale L.(Boraginaceae)

AVELÓS
Euphorbia tirucalli L.(Euphorbiaceae)

FEDEGOSO
Heliotropium indicum L.(Boragináceas)

BATATA-DE-PURGA
Operculina alata Urban.Convulvaceae

COPO-DE-LEITE
Datura suaveolens (Solanaceae)

QUEBRA-PEDRA
Phyllanthus niruri L. (Euphorbiaceae)

ERVA-BABOSA
Aloe vera L. (Liliaceae)

MULUNGU
Erythrina velutina Willd. (Fabaceae)

MATA-CALADO
Datura stramonium(Solanaceae)

PINHÃO-ROXO(SEMENTE)
Jatropha gossyphifolia L.(Euphorbiaceae)

CABACINHA
Luffa operculata. Cong. (Cucurbitaceae)

4.7 – Produtos associados às plantas, usados nos problemas de saúde

Substâncias e produtos de origens diversas eram indicados pelos “especialistas”, para alguns problemas de saúde. Alguns usados associados às plantas(Quadro III), outros usados isoladamente(Quadro IV). Nestes quadros, observa-se que algumas destas substâncias ou produtos são nocivos à saúde, como: fezes, óleo diesel, pólvora, soda cáustica, entre outros.

Quadro III - Substâncias ou produtos associados com plantas utilizados pelos “especialistas” das famílias, segundo problemas de saúde, em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Agrupamentos dos problemas de saúde	Associações com plantas e ingredientes	Indicações
1) Bucais	gogoia+cibazol	facilitar nascimento dos dentes
	mingau de goma+semente de gergilim+água	gengivite
	limão+sal	mau hálito
	pepaconha+leite	facilitar nascimento dos dentes
2) Gastrointestinais	mastruz+leite	gastrite, úlcera
	Pepaconha+leite	diarréia ocasionada por erupção dentária
	Batata-inglesa+leite	gastrite
	couve+leite	gastrite
	saião+leite	úlcera, gastrite
	Mastruz+saião+leite	úlcera
	couve+repolho+banana-prata+leite	gastrite

Continua

Agrupamentos dos problemas de saúde	Associações com plantas e ingredientes	Indicações
3) Na garganta, nariz e nos pulmões	Sabugueiro+eucalipto+vick vaporub	gripe
	mastruz+leite	catarro no peito, tosse, gripe
	saião+leite	tosse, gripe
	Mastruz+leite+pedra quente	tosse
	limão+mel de abelha	gripe, tosse
	eucalipto+álcool	sinusite
	cabacinha+álcool	sinusite
	gema de ovo+laranja	gripe
	hortelã+leite	catarro no peito
	hortelã-da-folha-grossa+saião+cumaru+limão+angico+álcool+água	catarro no peito
	saião+mastruz+leite	tosse
4) No canal auditivo	folha de algodão+cachaça	dor de ouvido
	arruda+leite de peito	dor de ouvido
5) Oculares	óleo+folha pimenta	terçol
	romã+água rabelo	inflamação nos olhos
6) Na pele	folha de fava+pólvora	impingem
	limão+pólvora	impingem, verruga
	água+sal+mastruz	erisipela
	cabeça-de-negro+cachaça	erisipela
	pimenta+azeite	furúnculo
	pimenta+manteiga	furúnculo
	pimenta+banha de galinha	furúnculo
	pele de tomate+óleo de amêndoa	furúnculo

Continua

Agrupamentos dos problemas de saúde	Associações com plantas e ingredientes	Indicações
	caroço de algodão+vinho branco fio de cabelo+leite de mamão erva-babosa+sabão de coco sabugueiro+óleo de linhaça leite de pinhão+pólvora folha de juá+óleo	furúnculo verruga caspa furúnculo impingem tumor
7) Genitais femininos	romã+água rabelo cajueiro-roxo+quixaba+aroeira+vinho branco urtiga-branca+vinagre branco arruda+cachaça	corrimento vaginal corrimento vaginal corrimento vaginal cólica menstrual
8) Uro genitais masculinos	cabeça-de-negro+álcool	inflamação na uretra
9) Obstétricos	Manjerioba+cachaça	abortar
10) Renais	—	—
11) Cardíacos e circulatórios	pepaconha+vinho branco	Hemorróides
12) Nutricionais	fubá+farelo de trigo+semente de girassol+casca de ovo+folha de batata-roxa+semente de jerimum	Desnutrição
13) Nos ossos e articulações	arruda+álcool semente de sucupira+biotônico fontoura	reumatismo
14) Parasitoses externas	melão de são caetano+sabão de coco	piolho
15) Parasitoses internas	mastruz+leite saião+leite hortelã de folha miúda+mel	verme oxiúro verme

Continua

Agrupamentos dos problemas de saúde	Associações com plantas e ingredientes	Indicações
16) Dores	arruda+cachaça	dores
	manjerição+álcool	dor de cabeça
	liamba+álcool	dor de cabeça
17) Febres e Gripes	eucalipto+aas	febre
18) Psicológicos	—	—
19) Infecto contagiosas	mastruz+leite	tuberculose
20) Espirituais	—	—
21) Outros	—	—

Conclusão do Quadro III

Quadro IV - Substâncias ou produtos utilizados pelos “especialistas” das famílias, segundo os problemas de saúde, em Campina Grande, Paraíba, 1997.

Agrupamentos dos problemas de saúde	Substâncias ou produtos	Indicações
Bucais	cinza de cigarro	boqueira
	vinagre+sal+água morna	ferida de boca
	vinagre+sal	hemorragia
	vinagre+sal+água morna	gengiva inflamada
	água morna+sal	gengiva inflamada
	mel rosado+violeta genciana	ferida de boca
	bicarbonato de sódio	ferida de boca
Gastrointestinais	soro caseiro	diarréia
	goma+sal+vinagre	dor de barriga
	goma+sal+vinagre+açúcar	diarreia

Continua

Agrupamentos dos problemas de saúde	Substâncias ou produtos	Indicações
Na garganta, nariz e nos pulmões	vinagre+mel de urucu tanajura cupim vick vaporub pena de urubu	amigdalite amigdalite bronquite nariz entupido asma
No canal auditivo	leite de peito banha de galinha banha de teju	dor de ouvido dor de ouvido dor de ouvido
Oculares	chave de aço aliança de ouro sal+água leite de peito	terçol terçol inflamação nos olhos inflamação nos olhos
Na pele	sal grosso soda cáustica óleo de mocotó iodo fezes de vaca rabo de raposa do mato óleo diesel água quente+sal grosso	verruga verruga furúnculo impingem frieira mancha branca frieira frieira
Cardíacos e circulatórios	aguardente alemã	trombose

Continua

Agrupamentos dos problemas de saúde	Substâncias ou produtos	Indicações
Nutricionais	fubá+mel	anemia
Nos ossos e articulações	óleo de transformador fezes e urina de vaca	reumatismo reumatismo
Outros	pena de urubu banha de teju anil	deixar de beber mordida de cobra mordida de cobra

Conclusão do Quadro IV

4.8 – Principais plantas utilizadas, segundo as indicações terapêuticas mencionadas pelos “especialistas” e as da literatura científica consultada.

O quadro V apresenta as plantas mais utilizadas pelos “especialistas” das famílias entrevistadas com suas indicações, para os problemas de saúde, bem como as indicações encontradas na literatura científica. Muitas das indicações dos “especialistas” coincidiram com as científicas, exceto, a da planta endro.

Quadro V – Plantas mais utilizadas, segundo as indicações atribuídas pelo “especialista” em Campina Grande e as mencionadas na literatura científica. Campina Grande, 1997.

Nome popular	Espécie	Indicações mencionadas por:	
		“especialistas” entrevistados	literatura científica consultada*
erva-cidreira, cidreira (Figura 1)	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Brown. (Verbenaceae)	tranquilizante, antidiarréico, hipertensão, antigripal, anticatarral, má digestão, afecções de fígado e rim, analgésico, estimulante do apetite, cólica menstrual	antiinflamatório, analgésico, espasmolítica, antibacteriana, peitoral
capim-santo (Figura 2)	<i>Cymbopogon citratus</i> (Jacq.) DC. (Poaceae)	analgésica, verminose, tranquilizante, hipertensão, problemas gastrointestinais e estomacais, antifebril, antigripal, estimulante de apetite, mal estar, infecção urinária, problema respiratório	hipotensor, diurético estomacal, antibacteriana, tranquilizante, antifúngica, inseticida, espasmolítica, analgésica. obs: pesquisas preliminares da U.F.P.B., estão comprovando a ação sedativa no sistema nervoso central usando a infusão da folha verde coletada na hora.
sabugueiro, sabugueiro, sabugueira (Figura 3)	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlecht. (Caprifoliaceae)	hipertensão, antigripal, antifebril, antitussígeno, analgésica, tranquilizante, antidiarréico, problema estomacal, anticatarral, problema pulmonar, debelar sarampo, facilitar o nascimento de dente.	emética, inseticida, sudorífica, diurética, emenagoga
erva-santa, mastruz, mastruço, mintruz, mentruz (Figura 4)	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L. (Chenopodiaceae)	antigripal, problema pulmonar, anti-catarral, antitussígeno, má digestão, afecções nos olhos, estimulante de apetite, verminose, gastrite, tuberculose, sinusite, diarreia.	anti-helmíntica, inseticida, peitoral, estomacal,
romã (Figura 5)	<i>Punica granatum</i> L. (Punicaceae)	problema de garganta, anti-tussígeno, anti-cataral, cicatrização, gastrite, inflamação, diarreia, mau hálito, abortivo, infecção	anti-helmíntica, hemorragias bucais, diurética, ferimentos de boca, inflamações na garganta, cólicas, diarreia

Continua

Nome popular	Espécie	Indicações mencionadas por:	
		"especialistas" entrevistados	literatura científica consultada*
boldo-seco, bordo, boldo-do-chile, boldo (Figura 6)	<i>Peumus boldus</i> Molina (Monimiaceae)	problema intestinal e estomacal, tranquilizante, afecções nos olhos, hipertensão, afecções renais, estimulante do apetite, antifebril, afecções do fígado, afta, gases, frieira, azia, gastrite, prisão de ventre	melhorar a digestão, estimular a atividade secretora do estômago, males do fígado.
arruda (Figura 7)	<i>Ruta graveolens</i> L. (Rutaceae)	tranquilizante, analgésico, gases, má digestão, diarreia, antifebril, intoxicação, hipertensão, afecções urinárias, estimulante do apetite, problemas de coração	digestiva, espasmolítica, efeito antifertilidade, efeito abortivo, antimicrobiana, antiinflamatório, vasoprotetor, antiparasitária
hortelã da folha miúda, hortelã miúda, hortelã rica (Figura 8)	<i>Mentha x villosa</i> Huds. Lamiaceae	verminose, problema gastro intestinal, analgésico, cólica menstrual, trombose derrame, hipertensão, problemas respiratórios, inflamação nos olhos, cansaço (asma)	digestiva, bactericida, analgésico, carminativa, tônico vermífuga, anti-asmática
erva-doce (Figura 9)	<i>Pimpinella anisum</i> L. (Apiaceae)	antigripal, antifebril, hipotensor, tranquilizante, antitussígeno, antiemético, analgésico, sinusite, mal estar	anti-espasmódica, carminativa, estimulante, expectorante
eucalipto, calipi (Figura 10)	<i>Eucalyptus</i> sp. (Myrtaceae)	asma, anti-catarral, antitussígeno, antigripal, hipertensão, tranquilizante, analgésico, gastrite, úlceras, afecções pulmonares	expectorante, anti-séptico das vias respiratórias
colônia (Figura 11)	<i>Alpinia speciosa</i> Schum. (Zingiberaceae)	antifebril, antigripal, hipertensão, tranquilizante, anti-tussígeno, sinusite, anti-emético, analgésico, asma	expectorante, antiespasmódico, afecções catarrais, e respiratórias, diurético, depurativa, estomáquica, vermífuga, anti-histérica
hortelã da folha grande, hortelã-graúdo, hortelã-da-folha-larga, hortelã da folha grossa, hortelã (Figura 12)	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. (Lamiaceae)	antiinflamatório, antiasmático, problemas pulmonares, problemas cardíacos, anti-hemorrágico, antigripal, má digestão, analgésico, verminose, antitussígeno, mau hálito, abortivo, mal estar, anti-diarréico	analgésico, antibacteriana, expectorante, antiparasitária, sedativa, digestiva, tônica

Continua

Nome popular	Espécie	Indicações mencionadas por:	
		“especialistas” entrevistados	literatura científica consultada*
falso-saião, saião, saião- legítimo (Figura 13)	<i>Kalanchoë waldheimi</i> Hom.&Per. (Crassulaceae)	gastrite, úlcera, antica- tarral, antitussígeno, anti- gripal, antiinflamatório, tranquilizante, hipoten- sor, afecções pulmonares, coqueluche	não foi encontrado nas fontes consultadas.
cajueiro-roxo, castanha do caju, caju (Figura 14)	<i>Anacardium occidentale</i> L. (Anacardiaceae)	antiinflamatório, antica- tarral, analgésico, cicatri- zante, diabete, mau há- lito, antihemorrágico, a- bortivo, gastrite, amenor- réia, enxaqueca, mordida de cobra	hipoglicemiante, tônico, anti-diarréico, diurético, cicratizante, úlcera de boca, afecções de gar- ganta, anti-inflamatório
malva-rosa (Figura 15)	<i>Geranium sp.</i> (Geraniaceae)	antigripal, anti-tussígeno, broncopneumonia, anti- febril, asma, amigdalite, diarréia, tranquilizante, anti-catarral, analgésico, problema de coluna	não foi encontrado nas fontes consultadas.
camomila (Figura 16)	<i>Matricaria chamomilla</i> , L. (Asteraceae)	tranquilizante, hipoten- sor, mádigestão, analgési- ca, intoxicação, hepatite, diarréia, anemia, gastrite, azia, afecções do fígado	estomacal, carminativo, anti-espasmódico, calmante, antifebril
laranjeira, laranja comum, lima, limeira (figura 17)	<i>Citrus sp.</i> (Rutaceae)	tranquilizante, má-diges- tão, diabete, analgésica, afecções nos olhos, hi- potensor, facilitar erupção dentária, estimulante do apetite	estimulante estomacal e digestiva, sedativa, anti- espasmódica e sudori-fera
endro (Figura 18)	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill. (Apiaceae)	trombose, infarto, cólica menstrual, analgésico, hi- potensor, afecções renais, reumatismo, mal-estar, problemas gastro-intesti- nais	carminativa, emenagoga, tônica, galactagoga
goiabeira (figura 19)	<i>Psidium guajava</i> L. (Myrtaceae)	diarréia, prisão de ventre, analgésico, má-digestão, infecção intestinal, cólica de bebê	adstringente, antidisintéri- ca, anti-helmintica
chá-preto (Figura 20)	<i>Tea sinensis</i> L. (Theaceae)	enxaqueca, infecção uri- nária, tranquilizante, an- tifebril, náuseas, diarréia, vômitos, prisão de ventre, má-digestão, afecções nos olhos, problema intestinal e estomacal, cólica de bebê, trombose	anti-bacteriana, anti-fun- gica, estomáquica, carmi- nativa, espasmolítica

Continua

Nome popular	Espécie	Indicações mencionadas por:	
		“especialistas” entrevistados	literatura científica consultada*
juazeiro, juá, joazeiro (Figura 21)	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart. (Rhamnaceae)	caspa, sarna, cicatrizante, clarear dente, sangra- mento gengival, anti- tussígeno, antigripal, anti-catarral, dor de dente, clarear o dente	estomacal, tônico capi- lar, antidiarréico, der- matoses, expectorante nas tosser e bronquites
anador (Figura 22)	<i>Artemisia vulgaris</i> L. (Asteraceae)	dores, cólica menstrual, gripe, febre	?
alecrim, alcrim (Figura 23)	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Lamiaceae)	analgésico, hipertensão, problema cardiovascular, má-digestão, tranquili- zante, antifebril, pneumo- nia, gastrite, mal-estar	estimulante estomacal, carminativa, antiséptica, sudorífica, anorexia, ner- vosismo, problema diges- tivo, bronquites, anti- inflamatória
macassá (Figura 24)	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng. (Lamiaceae)	asma, labirintite, analgé- sico, afecções nos olhos	não foi encontrado nas fontes consultadas.
canela (Figura 25)	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl. (Lauraceae)	hipertensão, vômitos, tranquilizante, analgési- co, estimulante do apetite, náuseas, mádigestão, di- arréia	anti-bacteriana, estomá- tica, carminativa, espas- molítica
louro (Figura 26)	<i>Ocimum campechianum</i> Mill. (Lamiaceae)	analgésico, má-digestão, náuseas, problema instes- tinal e estomacal, tran- quilizante, mal-estar diar- réia	não foi encontrado nas fontes consultadas.
pitanga (Figura 27)	<i>Eugenia uniflora</i> L. (Myrtaceae)	diarréia, desidratação, a- nalgésico, anti-febril, hi- pertensão, diabete	antifebril, antireumática, antidiarréica, adstringen- te, anti-bacteriana
quixaba (Figura 28)	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. et Schult.) T.D.Penn. (Sapotaceae)	anti-inflamatório, trauma- tismo, problema renal, tuberculose, diarréia, dor na coluna	inflamações ovarianas, hipoglicemiante, anti-in- flamatório
chuchu Figura 29)	<i>Sechium edule</i> Sw. (Cucurbitaceae)	hipertensão, diabete	hipertensão, diurético, digestivo
melão-de-são- caetano (Figura 30)	<i>Momordica charantia</i> L. (Cucurbitaceae)	inflamação, hemorróide, sarna, prisão de ventre, reumatismo, verminose	anti-reumática, antidiar- réica, anti-helmíntica, an- ti-leucorrêica, sarna, he- morróide
aroeira (Figura 31)	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão (Anacardiaceae)	dor de coluna, tranqui- lizante, anti-inflamatório, estimulante do apetite, mal-estar, analgésico, di- abete, anti-tussígeno, bo- queira, traumatismos	antiulcerogênica, hemos- tática, balsâmica, cicatri- zante, antiinflamatória, anti-diarréica

Continua

Nome popular	Espécie	Indicações mencionadas por:	
		“especialistas” entrevistados	literatura científica consultada*
cabacinha (Figura 32)	<i>Luffa operculata</i> Cogn. (Cucurbitaceae)	sinusites, dor de dente, abortar	lavagem nasal, sinusites
quebra-pedra (Figura 33)	<i>Phyllanthus niruri</i> L. (Euphorbiaceae)	problemas renais, hemor- róides, hepatite, gastrite, pneumonia, rubéola, pa- peira, caspa, menstruação escassa, inflamação, fe- bre, problemas intestina- is, abortar, problema de garganta, cólica mens- trual, inflamação de útero, regularizar mens- truação, problema de coluna	diurética, analgésica, re- laxante muscular

Conclusão do Quadro V

* Fontes: BRAGA(1960); PICCI(1980); LOKAR(1988); SANTOS(1988); LORENZI(1991); PANTHONG(1991); ALMEIDA(1993); CARRICONDE(1996); YOUNGKIN(1996)

**FOTOGRAFIAS DAS PLANTAS MEDICINAIS MAIS UTILIZADAS,
CAMPINA GRANDE – PB.**

FIGURA 01

FIGURA 02

FIGURA 03

FIGURA 04

FIGURA 05

FIGURA 06

FIGURA 07

FIGURA 08

FIGURA 09

FIGURA 10

FIGURA 11

FIGURA 12

FIGURA 13

FIGURA 14

FIGURA 15

FIGURA 16

FIGURA 17

FIGURA 18

FIGURA 19

FIGURA 20

FIGURA 21

FIGURA 22

FIGURA 23

FIGURA 24

FIGURA 25

FIGURA 26

FIGURA 27

FIGURA 28

FIGURA 29

FIGURA 30

FIGURA 31

FIGURA 32

FIGURA 33

DISCUSSÃO

1 – A Fitoterapia familiar – importância para a saúde da comunidade

Para a saúde da comunidade, a família é um fator importante que deve ser considerado, não como uma parte isolada e doente, mas como um conjunto de pessoas ativas e integradas no contexto dessa comunidade. O estudo da família e da comunidade, da sua cultura, estilo de vida e atitudes frente aos problemas de saúde, bem como a contribuição de seu conhecimento para os programas de saúde têm sido cada vez mais ressaltados por diversos autores, como PACHTER(1994) E SOLER(1976). Para este último, a família deve ser o eixo das ações de saúde, porque é no seu seio que se produz a transmissão de valores, ideais, normas e significações que vão sedimentar as estruturas da sociedade.

O conhecimento e o estudo prévio da comunidade e da família são fundamentais quando se pretende implantar qualquer ação de saúde, visto que facilitarão para estabelecer objetivos, previsão de possíveis barreiras que poderão dificultar a operacionalização das ações e possibilitarão identificar grupos para direcionar e concentrar as ações. Não é necessário estudo sócio-cultural profundo, que demande especialista em ciência da conduta; o importante é fazer um estudo com o mínimo de fatores indispensáveis para adoção ou rejeição do programa de saúde que se pretende implantar(SOLER, 1976).

De acordo com os dados dessa pesquisa, verifica-se que as famílias estudadas diminuíram seu tamanho. Os dados do censo do IBGE de 1991 revelaram que a média de pessoas na área urbana era 4,4; na urbana-rural, 4.2 e na rural 4.9. Por ocasião dessa pesquisa era 3,9; 4,2 e 4,6, respectivamente(Tabela 7).

Os últimos censos realizados, no Estado da Paraíba, revelaram que a taxa média de crescimento geométrico anual decresceu, como também constataram que houve uma perda de 1,26% da população rural(CENSO DO IBGE, 1991). Deve-se, talvez, aos programas de planejamento familiar realizados, através dos serviços de saúde, ou devido à evolução do papel da mulher na sociedade, tendo que trabalhar e estudar fora do ambiente familiar, isto talvez, leve a mulher a limitar a quantidade de filhos.

Mesmo com essas modificações na evolução das famílias, verifica-se, neste estudo, que alguns costumes mais antigos, como o de usar plantas medicinais na medicina familiar, continuaram a existir, pois 82,9% dessas famílias ainda as usavam. Com relação aos “especialistas” em plantas medicinais, nas famílias, mesmo supondo-se que o papel da mulher tenha mudado, verificou-se que, com relação aos tratamentos caseiros com plantas medicinais, ainda era realizado pelas mulheres, ou seja, 93,7% dos “especialistas” eram do sexo feminino(Tabela 13). Em São Paulo, NOGUEIRA(1983) entrevistou mulheres que freqüentavam os centros de saúde da Grande São Paulo e verificou que 86,3% conheciam plantas medicinais e, dessas, 84,6% costumavam usá-las para si e sua família, mostrando que em outras regiões do Brasil, os dados foram semelhantes.

Desde 1980, a Organização Mundial de Saúde vem recomendando a estratégia de assistência primária de saúde, universalmente, acessível como um direito das pessoas, da participação da comunidade na própria saúde, como um dever, reconhecendo as funções da mulher como provedora dessa assistência(OMS, 1983). Por isso, nos programas de atenção à saúde, na área estudada, principalmente, no

caso da implantação de um programa de Fitoterapia, serão as mulheres, provavelmente, as pessoas que serão contactadas e trabalhadas.

Analisando-se a escolaridade das famílias, dado bastante importante para o planejamento de um programa de Fitoterapia, o fator educativo é primordial. Verificou-se que o nível de instrução, nas comunidades pesquisadas é baixo, 15% não tinham escolaridade e 20,5% eram apenas alfabetizados, perfazendo 35,5% esses dois grupos juntos(Tabela 11). Com relação aos “especialistas”, os dois grupos totalizaram 43,0%(Tabela 16). Constatou-se ainda que maior proporção das famílias que usavam plantas medicinais(Tabela 19), residiam na área urbana-rural(85,0%) e rural(86,0%), áreas essas onde se concentrava maior número de “especialistas” com menor grau de escolaridade(Tabela 16). Isso talvez, ocorra, devido estas pessoas receberem maior influência e conviverem mais tempo em contato com a família, fonte principal de transmissão dos conhecimentos dessa prática. Essa hipótese é reforçada quando se verifica que a maioria dos “especialistas”(87,2%) indicou a família como fonte de aquisição de conhecimentos sobre plantas medicinais(Tabela 18).

Com relação à renda média, verificou-se que ela era bem baixa: pois, 70,1% das famílias dispunham de até dois salários mínimos(Tabela 12), o que faz com que seja importante implantar um programa de preparo de remédios caseiros, feitos com as plantas que a família já usa, por serem mais acessíveis e econômicos, já existindo, com relação ao programa algumas experiências no País.

A Klabim é uma indústria de papel e celulose, localizada no Paraná, que ocupa uma área de 203 mil hectares e possui projetos de reflorestamento destinados à produção de celulose. Com apoio dessa empresa foi iniciado, em 1984, um programa

de Fitoterapia na comunidade florestal da fazenda Monte Alegre, onde existem sete núcleos habitacionais com uma população de cerca de 20 mil pessoas constituídas de funcionários e familiares. O referido programa faz parte do atendimento social da Klabim. No início, foram pesquisados os padrões culturais da comunidade e as plantas que eram utilizadas na região, envolvendo a população, raizeiros, benzedeiros e índios.

Os fitoterápicos agora são produzidos a partir de 50 plantas nativas, 58 cultivadas e 18 adquiridas de terceiros. São utilizados, atualmente, 231 fitoterápicos e outros continuam sendo pesquisados. A aceitação das pessoas é quase total: 97% dava preferência aos fitoterápicos, principalmente, pelo sabor, vantagem de preço e pelo fato de serem naturais. Na Klabim, há trabalhos, comprovando que os fitoterápicos utilizados apresentaram eficácia de 88,8% a 97,7%, com uma economia de 38% a 77% em relação ao tratamento convencional para os problemas de saúde mais comuns(ESCOUTO, 1992).

Em Planaltina, cidade satélite de Brasília, existe, no centro de saúde local, um programa de Fitoterapia, que é desenvolvido por uma equipe multiprofissional, da qual faz parte um técnico agrícola com mais de 80 anos de idade, conhecido como “Doutor Raiz”, sendo o responsável pelo horto das plantas medicinais e orientação da equipe em relação ao uso dessas plantas. A equipe multiprofissional utiliza a Fitoterapia integrada com a terapêutica convencional(ESCOUTO, 1992).

Em Curitiba, algumas unidades municipais de saúde também usam a Fitoterapia integrada com a terapêutica convencional. Existem hortas com plantas medicinais nos próprios centros de saúde, onde são distribuídas na forma “in natura”, seca ou fresca ou através de xarope, pomada etc. Ainda há um manual sobre as

plantas, as que podem ser usadas, com suas respectivas indicações terapêuticas e outras orientações técnicas, que servem de base para os profissionais, no atendimento da clientela(AMORIM, 1994).

Em Fortaleza, através da Universidade Federal do Ceará, existem as “Farmácias Vivas”, que são hortas de plantas medicinais, vinculadas a um projeto, especialmente, organizado para oferecer às comunidades interessadas, governamentais ou não, assistência farmacêutica fitoterápica com base científica. O projeto compreende, além do planejamento de hortas medicinais, o fornecimento de mudas, a prestação de assessoria técnico-científica, com vista à manutenção das “Farmácias vivas” das unidades atendidas, e no aproveitamento das plantas na preparação dos remédios fitoterápicos destinados a seus usuários(AMORIM, 1994).

A proposta de resgate da tradição fitoterápica está cada vez mais sendo discutida, como parte da valorização e revalidação recente da medicina tradicional, que faz com que a mesma, de excludente, passe a ser complementar e integrar-se ao sistema formal de saúde existente. Essa integração tem sido chamada de “Integração Terapêutica em Atenção Primária de Saúde” e deve ser desenvolvida por equipes multiprofissionais, grupos terapêuticos e com participação da comunidade (ESCOUTO s.d.). Na área estudada, provavelmente, a participação da comunidade será mais fácil de ser promovida, pois os dados mostram que ela já aceita e usa as plantas medicinais e de algum modo, sabe como encontrá-las e usá-las mais ou menos corretamente. Caberá à equipe responsável pelo futuro programa de integração, colocar em prática a outra fase do projeto, ou seja, discutir com a população os dados deste estudo e propor, conjuntamente com ela, a sua participação

no programa que nada mais será do que a integração da medicina tradicional com a científica, como vem sendo realizada no mundo todo.

A incorporação ou integração da Fitoterapia nos programas de saúde permitirá um avanço, pois além de proporcionar ao usuário uma nova opção terapêutica, segundo VIAL(1984), será bem aceita pela população, não só por ser um pilar da terapêutica popular, mas por ser de fácil obtenção e de baixo custo.

Para a OMS, a integração da medicina oficial com a medicina tradicional e a utilização eficiente dos recursos da Fitoterapia é uma alternativa válida para alcançar melhorias na atenção de saúde das populações(AKERELE, 1988; FARNSWORT, 1986). Para isso há necessidade de que os governos e a medicina oficial adotem uma política nova, frente ao saber médico tradicional, reconhecendo que a sua prática é sustentada por valores culturais próprios, podendo ajudar a resolver problemas de saúde da população, aproveitando a experiência milenar no uso das plantas medicinais(ESTRELA, 1994).

Para que um programa de integração da medicina tradicional, nos serviços oficiais, possa ser implantado com o objetivo de reduzir os custos e aumentar a cobertura das ações de saúde, a Organização Mundial de Saúde(OMS, 1978 e OPS, 1997) recomenda que antes se faça a identificação dos espécimes usados, popularmente, e depois se usem os recursos existentes nos locais. Os dados deste estudo referem-se, principalmente, a essa fase da integração, ou seja, o diagnóstico.

A universidade brasileira tem um papel importante em relação à formação de pessoal da área da saúde qualificado para melhor entender a medicina tradicional, respeitá-la e, no que for possível, integrá-la aos programas de assistência de saúde à comunidade, principalmente no caso da Fitoterapia, que tem se revelado ser a mais

viável. Ela pode desempenhar um papel preponderante na pesquisa com plantas medicinais e na extensão de serviços de saúde à comunidade, usando meios eficazes, econômicos e bem aceitos pela população. No caso da área estudada, a autora deste estudo pretende implantar a Fitoterapia nos serviços de saúde existentes. Para isso, várias ações e atividades deverão ser realizadas, tais como:

- formação de uma equipe multiprofissional com pessoas que tenham conhecimento de Fitoterapia dentro da Universidade e do Município, inclusive representantes dos “especialistas” das famílias; para trabalhar no projeto de implantação na rede de serviços de saúde do município;
- elaboração do projeto em equipe e contactação dos órgãos municipais responsáveis para sua implantação;
- implantação, acompanhamento, avaliação do projeto e publicação dos resultados; e devolução dos dados à população.

Dentre as atividades deste projeto, estão também as de treinamento de recursos humanos, através de cursos ministrados pela Universidade, o cadastramento dos “especialistas” das famílias e outros como raizeiros, curandeiros, para promoção de trabalho em conjunto, o envolvimento dos estudantes da área da saúde e afins no projeto, dos meios de comunicação de massa, a elaboração de um manual sobre o uso de plantas medicinais para o pessoal da área da saúde e outros materiais didáticos além de, realização de cursos e outras atividades educativas na comunidade.

Essas ações e atividades, entretanto, vão exigir uma nova postura frente ao ensino, pesquisa e extensão de serviços realizados pela Universidade. No ensino, o que se pretende realizar, após este estudo, junto às instâncias acadêmicas da Universidade, em primeiro lugar, defendendo a idéia do ensino e pesquisa mais

voltados para a realidade local, reestruturando nossos planos de estudo e priorizando nossas atividades acadêmicas. Em segundo lugar, estabelecendo linhas de pesquisas que contemplem a medicina tradicional, em especial a Fitoterapia. Por fim, estabelecendo programas que possam integrar a medicina tradicional e a oficial, os serviços da universidade e da comunidade, os professores, alunos e os agentes da medicina popular.

✶ O uso de recursos terapêuticos mais econômicos pelas populações menos favorecidas, economicamente, não quer dizer que elas mereçam menos ou produtos de má qualidade, como é o caso da população deste estudo, onde os dados mostram a precariedade da situação sócio-econômica. Em primeiro lugar, porque nem sempre o que é mais econômico, é o de má qualidade. Se fosse assim, os países ricos não estariam investindo tanto na Fitoterapia. Em segundo lugar, por serem mais acessíveis, fáceis de ser encontradas, até nos quintais as plantas medicinais podem ser usadas por pessoas que ainda não têm acesso à alta tecnologia farmacêutica. O importante na utilização da Fitoterapia baseada na cultura pelos serviços de saúde pública é que ela não está sendo aproveitada por esses serviços, e só por aqueles que utilizam serviços mais sofisticados, que são os mais ricos e mais favorecidos. As classes de menor poder aquisitivo, onde a tradição permanece de modo quase intocada, dona desse saber cultural, não aproveita totalmente e de modo mais científico desse tesouro da natureza, em grande parte por culpa dos órgãos responsáveis pela saúde pública.

✶ É necessário que os serviços locais de saúde e as universidades procurem se unir para estudarem propostas para viabilização dos programas de integração do saber popular com o científico, em benefício daqueles que mais precisam.

2 – Os “especialistas” e as plantas medicinais em Campina Grande.

Segundo (BANNERMAN, 1982), as pessoas, que exercem a medicina tradicional podem ser agrupadas em quatro categorias: na primeira, os praticantes recebem formação tanto no sistema oficial de ensino, como no tradicional, como acontece com a acupuntura e a homeopatia; a segunda categoria compreende os que recebem formação principal na medicina tradicional, porém possuem alguns conhecimentos da medicina moderna: são aqueles que geralmente atuam em áreas rurais e utilizam alguns medicamentos alopáticos modernos em situações de urgência; no terceiro grupo, incluem-se as pessoas que nunca receberam treinamento oficial, entretanto possuem diplomas obtidos por meio de cursos por correspondência em sistemas tradicionais particulares e, na última categoria, estão situados a maioria dos praticantes, compreendendo os que nunca receberam treinamento de espécie alguma, seus conhecimentos teóricos e práticos baseiam-se, exclusivamente, nos ensinamentos repassados através da tradição familiar, ou seja, de pais para filhos, que é a situação da maioria dos “especialistas” deste estudo.

Os dados mostram que os “especialistas” das famílias estudadas, concentravam-se nas faixas de idades mais jovens nas três áreas de estudo, e somente 23,3% tinham mais de 60 anos(Tabela 14). Isso nos leva a supor que a transmissão desse conhecimento esteja ocorrendo de pai para filho, hipótese essa reforçada quando analisamos os dados da tabela 18, que mostram que 87,2% dos “especialistas” aprenderam a utilizar as plantas com a família, destes 81,9% foram com mães, pais e avós. As demais fontes de aprendizagem(12,8%) foram pouco referidas quando comparadas com as fontes através da família. Vale ressaltar que os

meios de comunicação foram pouco citados(3,1%) só na área urbana. Parece que eles não influenciaram a transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais, mesmo com a existência em todas as áreas de rádio, televisão e, às vezes, até antena parabólica. Isso, provavelmente, ocorreu devido esses meios não trabalharem o tema, ou talvez essa seja uma prática, eminentemente, repassada de pai para filho, preferindo utilizar as receitas já testadas, anteriormente, pela família.

Na segunda fase do programa de implantação da Fitoterapia na comunidade estudada, quando os profissionais e os representantes da comunidade forem indicados para participarem do mesmo, é importante que todos conheçam, previamente, os dados do levantamento e que os profissionais compreendam como a população já vem utilizando a Fitoterapia, com quem aprenderam, como e porque a utilizam, qual a terminologia usada o que ela significa, enfim, como preparam os seus “remédios caseiros” e para quais doenças usa os mesmos. Há necessidade, também, que haja preparo da equipe multiprofissional para utilizar terminologia acessível aos “especialistas”, usando termos que ela já usa e introduzindo, paulatinamente, os termos científicos. Isto para que haja melhor comunicação e não haja um sentimento de superioridade da equipe em relação à população e aos “especialistas”. Enfim, que toda a linguagem falada ou escrita que envolva comunicação entre um lado e outro, seja muito clara e acessível para ambos, baseada, naturalmente, nos dados deste estudo, coletados com essa finalidade.

Assim, quando alguém dessa população referir-se a tipos de problemas de saúde, como “dente furado”, “boqueira”, “sapinho”, “empachamento”, “comida que ofende”, “peito cheio”, “olhos remelados”, “ferida braba”, “evitar barriga ou bucho inchado”, “espinhela caída”, “constipação”, “cabeça aperriada”, “papeira”, “doença

do mundo” ou “tosse de cachorro” o profissional de saúde, através de treinamento e do conhecimento dos dados deste estudo, poderá entender que, cientificamente se trata, em vez de rir ou não dar importância à linguagem popular, como muitos o fazem. Também saberá como lidar, com respeito devido, com as crenças religiosas que acreditam no poder de plantas, para não só tratar de males orgânicos, mas “espirituais”, como “quebranto” e “mal-olhado”, para essa população, também é um “problema de saúde”.

Grande parte dos profissionais de saúde ainda não valoriza, adequadamente, as crenças e práticas populares dos seus pacientes, a não ser quando elas estão influenciando, negativamente, a saúde deles (MEDEIROS, 1997). Segundo PACHTER (1994), o relacionamento entre as crenças e comportamentos relacionados com a saúde é bastante complexo. As experiências pessoais, as atitudes familiares e as crenças grupais interagem para proporcionar uma estrutura para decisões durante a ocorrência das enfermidades. Esses fatores podem também, afetar a comunicação entre os pacientes e a equipe de saúde. No contexto dos serviços de saúde, a comunicação é mais efetiva quando os clientes e os profissionais de saúde compartilham das mesmas crenças sobre o processo saúde – enfermidade. Mas nem sempre é assim, eles podem ter outras crenças e falar outra linguagem o que pode resultar em discrepância entre os dois comportamentos. O pessoal de saúde necessita então conhecimento sobre a cultura da clientela para poder agir melhor em relação aos cuidados de saúde e atuar de acordo com a diversidade cultural, em vez de “brigar” com ela.

Leininger, que é uma enfermeira e antropóloga americana, diz que os sistemas de medicina popular são práticas de cura, ou de cuidado de saúde nativas,

regionais ou locais que possuem significados e usos especiais, e são constantes nas famílias ou no contexto da comunidade, através dos seus praticantes. Elas também se diferenciam do sistema profissional de saúde que é definido como os serviços prestados pelos profissionais preparados através de programas de estudos formais e legais de instituições. Essa autora afirma que todas as culturas possuem práticas de cuidado de saúde populares e os profissionais devem procurar conhecê-las e quando possível integrá-las (GEORGE, 1983).

As práticas populares de saúde quando compreendidas pelos profissionais de saúde, oferecem base para os padrões, condições e ações dos mesmos, que segundo Leininger (GEORGE, 1983) pode ser: “preservação cultural” ou manutenção, que significa ajudar uma determinada clientela a preservar a saúde com seus próprios meios melhorados. No caso deste estudo, seria o estímulo ao uso, com melhores informações científicas, de plantas usadas pela população que a ciência já estudou e sabe como agem no organismo. Outro, seria a “acomodação cultural”, também conhecida como negociação, que tem como objetivo à clientela de uma determinada cultura, adaptar alguns de seus costumes (por exemplo, usar, além das plantas benéficas, outros tipos de tratamentos mais adequados, trocar alguns veículos usados, no preparo dos remédios por outros menos danosos ao organismo). O último, seria a “repadronização cultural” ou reestruturação, que visa modificações, mudanças de padrões não adequados por outros (por exemplos o uso de plantas medicinais e outros remédios caseiros em doenças graves onde a medicina oficial possui arsenal mais adequado e eficaz (como câncer, tuberculose ou picadas de animais peçonhentos).

Segundo LAMY(1987), a medicina tradicional tem sido usada por uma grande parte da população, tanto por razões econômicas como culturais. Para alguns, ela representa uma manifestação do folclore dos povos “indígenas” e “primitivos”; para outros, a busca de um retorno à natureza. Quando foi indagado aos “especialistas”, quais os motivos pelos quais usavam plantas em seus remédios caseiros, cerca de 16,7% responderam que era por tradição familiar, 6,6% por problemas econômicos e 7,3% por ser eficaz e natural(Tabela 21).

BANNERMAN(1982) acredita que o uso da medicina tradicional é consequência de um certo descrédito em maior ou menor grau em relação à medicina moderna. MAGALHÃES(1966) acrescenta a deficiência dos serviços e a qualidade da assistência, visto que os doentes não são atendidos por falta de condições, ou são atendidos de modo inadequado. Por essas razões, automedicam-se ou dirigem-se a curandeiros. Neste estudo, 53,5% dos “especialistas” utilizavam as plantas por “acreditarem mais e sentirem-se mais seguros” e 10,5% devido a problemas relacionados com os serviços de saúde(Tabela 21).

Camargo(1976) citado por NOGUEIRA(1983) divide a medicina tradicional em material e espiritual. A primeira utiliza-se de recursos materiais; a última, de recursos, elementos ou forças extra-terrenas ou sobrenaturais. Os “especialistas” deste estudo utilizaram as plantas para tratamentos, como recurso material, representado pelo chá(infusão ou decocção)(63,4%), sumo(9,3%), xarope ou lambedor (8,6%), maceração(7,2%), compressa(7,1%), emplastro(2,4%), pó(1,3%) e garrafada(0,7%). Os tipos de preparo, entre as áreas, foram semelhantes, entretanto, na área rural os “especialistas” utilizavam o “chá” em menor proporção(55,2%) e, os demais modos de preparo eram usados mais do que na área urbana e urbana-rural,

exceto em relação ao emplastro que na área urbana foi de 3,0% e na rural foi de 2,0%(Tabela 22). Para o tratamento de alguns problemas de saúde de ordem espiritual(mágicos e religiosos), utilizaram plantas na forma de banhos, “ter em casa”, “trazer no corpo” ou “plantar em casa”. Apesar dos “especialistas” das famílias deste estudo receberem influências dos meios de comunicação de massa, contatos com outros valores de meios urbanizados, informações e ações educativas dos serviços de saúde, ainda persistem entre eles as crenças de “mau olhado”, “quebranto”, “corpo mole”, “encosto”, “corpo carregado”, “olho de lula”, entre outros(Tabela 32). Isso é o que LOYOLA(1987) considera como “doença da alma” ou doenças espirituais cujas origens não podemos verificar na prática, pois são compreendidas segundo a crença de cada um.

Até a década de 70, as práticas da medicina tradicional eram ironizadas, consideradas como primitivas, desprovidas de lógica, ou então consideradas charlatanismo. Naquela época, vários antropólogos levantaram a hipótese de que estavam relacionadas às condições de sub-desenvolvimento sócio-econômico, uma vez que não havia oferecimento adequado de serviços médicos, principalmente nas áreas rurais e acreditavam que, com o progresso da medicina, haveria o declínio de tais práticas (NORONHA, 1990). Essa hipótese, entretanto, não se confirmou: ao contrário, desde 1960 o que se observa é o aumento crescente do número de pessoas que recorrem ao uso das plantas medicinais. Nesse estudo, as plantas medicinais eram utilizadas pela maioria das famílias tanto da área urbana(81,9%) como urbana-rural (85,0%) e rural(86,0%). Esses dados sugerem que o uso da prática da Fitoterapia independe da condição sócio-econômica e do grau de urbanização das populações estudadas.

Independente da ação governamental ou da recomendação dos profissionais de saúde, a população de todo o mundo sempre se utilizou e, provavelmente, ainda se utilizará das plantas medicinais. Alguns, para complementar o tratamento oficial, outros, como recurso terapêutico exclusivo, como uma recusa ou reação a essa medicina, às vezes, como ideal de vida, utilizando medicamentos, alimentos, habitações e costumes alternativos porque são considerados saudáveis ou naturais (NORONHA, 1990). Algumas plantas nesse estudo como: louro, erva-cidreira, erva-doce, laranjeira, capim-santo, canela, boldo, chá preto e cumaru, eram utilizadas de maneira contínua, independente de qualquer sintoma ou doença, mas com a finalidade de evitar adoecer, substituir o café, ou a “água de beber”, os “especialistas” das famílias afirmavam que elas “*não ofende, é coisa natural, e só faz bem à saúde*”(Quadro II). Por conseguinte as plantas eram usadas não só com finalidade curativa, mas também preventiva.

A maioria das plantas usadas(54,5%) eram provenientes dos quintais das residências dos “especialistas” ou das dos vizinhos(Tabela 29). Outras adquiridas em raizeiros, feiras livres ou farmácias, nas áreas urbana(48,3%), urbana-rural(20,0%) e rural(21,5%). Esses dados demonstram ainda mais a preferência e o interesse da população estudada pelas plantas, pois, independente da disponibilidade da planta em hortas caseiras, em roçado, sítio e outros locais., eles procuram adquiri-las no comércio, como qualquer medicamento industrializado.

Apesar dos problemas da seca nordestina, é importante que esta população valorize as plantas medicinais e que seja orientada para cultivar, de uma maneira melhor, as hortas caseiras de plantas medicinais, como já fazem alguns programas de

saúde em vários locais do Brasil, onde a população aprendeu não só a cultivá-las melhor, mas colher, armazenar e usar melhor.

As plantas medicinais, ainda, foram usadas pela população não só nas doenças simples ou banais, mas naquelas consideradas mais complexas, como: problemas cardíacos e circulatórios(6,5%), doenças crônicas(1,4%), e doenças psiconeurológicas (8,3%) (Tabela 31). Verificou-se também em diversos trabalhos, dentre os quais os de BROWN(1991), desenvolvido nos Estados Unidos, constatando que 67% até 95% de todos os episódios de doenças simples ou mais complexas, acometidas no grupo estudado, eram tratados, inicialmente, pelo próprio indivíduo ou pela família com remédios caseiros de plantas medicinais, sem recorrer a especialistas; MOHABIR(1997) em Trinidad e Tobago, que realizou um levantamento com os diabéticos matriculados em 17 centros de saúde, concluiu que 24% utilizava plantas medicinais, principalmente, quando a taxa de insulina apresentava-se alta. Os “especialistas” e as famílias da comunidade, quando o programa de Fitoterapia for implantado, precisam ser orientados sobre os limites do uso das plantas medicinais, bem como as vantagens e cuidados nas dosagens e vias de introdução no organismo.

Os resultados mostram, ainda, que as plantas também foram usadas associadas a outras plantas, tendo sido observado cerca de 352 combinações (Tabela 32).. A maioria dessas associações eram utilizadas nas afecções respiratórias (43,7%) (Tabela 31). Essa situação foi diferente, quando se usou a planta isolada, tendo como a principal indicação os problemas gastrointestinais, com 22,7% (Tabela 31).

Nas associações, os “especialistas” usaram desde duas até onze plantas, em um único tipo de preparação. Acreditavam que quanto mais plantas fossem usadas no

remédio caseiro, mais forte e eficaz seria o resultado, como retrata este depoimento: *“Ói doutora, quanto mais agenti misturar o remedio, mió, não faz má, fica mais forte, serve pra tudo que é de doença, que tá dentro e fora de nós”*. Esse depoimento nos leva a indagar: será que a planta isolada faz o mesmo efeito? Como é feita a escolha para combinações? Até que ponto essas combinações trazem resultados benéficos ou danosos para a população? NOGUEIRA(1983) sugere que talvez, empiricamente, a população tenha descoberto, o que a farmacologia moderna chama de potencialização, ou seja, a virtude de um medicamento poder elevar-se ou potencializar-se com o auxílio de um coadjuvante químico ou físico. Seria necessário, porém, realizar estudos para melhor esclarecer tais questões, para assegurar junto à população o uso dessas associações de forma eficaz e segura. Segundo GEN(1986), o estudo sistemático das plantas medicinais utilizado pela população, com aplicação de métodos científicos para avaliação da sua eficácia e da segurança dos remédios tradicionais, não só contribui para dar uma base racional ao seu uso, mas também descobre outras linhas de investigações.

Para MORGAN(1994), existem aspectos básicos que devem ser considerados na utilização das plantas medicinais, de modo que, permita maior extração e aproveitamento dos seus princípios ativos. Ele diz que a seleção, coleta, conservação, partes das plantas a serem usadas, modo de prepará-las, a dosagem, o tempo de cozimento, variam em cada caso e devem ser, rigorosamente, observados para as plantas proporcionarem ação terapêutica eficaz.

Os “especialistas” desse estudo pareciam conhecer, empiricamente, os limites de como usar as plantas, mesmo sem observarem critérios padronizados no seu preparo e na sua administração. Os resultados parecem benéficos, pois quando lhes

perguntaram se conheciam alguém que tinha adoecido ou morrido, em função de ter tomado remédio de planta, todos responderam que não conheciam, exceto um, que relatou um caso de “intoxicação com erva-cidreira”.

Os “especialistas” citaram 195 espécies de plantas com finalidades terapêuticas(Tabela 30), dentre essas várias foram citadas, também como sendo tóxicas: erva-babosa, mamona, quebra-pedra, pepaconha, fedegoso, comigo-ninguém-pode, avelós, maniçoba, confrei, entre outras(Tabela 33). Reforça a afirmação de ROMÃO(1993), que diz existirem plantas, potencialmente, tóxicas e aquelas que ora funcionam como tóxicas, ora como medicinais, dependendo de fatores tais como: idade, dose, concentração e estado de saúde do indivíduo. De fato, foi possível observar durante o trabalho de campo, que os “especialistas” faziam alguma diferença quando o “remédio” era para crianças ou para pessoas mais idosas. Eles diziam: *“pra criança e gente mais véia tem que ser fraquinho doutora”*. Não tinham, portanto, uma padronização da quantidade da planta que deveria ser utilizada para fazer o remédio. Para alguns, por exemplo, era “meia folha”, para outros, três folhas ou “um punhadinho”, “um pedacinho do tamanho do dedo”. Com relação às doses, também era a mesma coisa: para uns “meia xícara”, “um gole”, para outros “dois dedos” ou “uma colher de sopa”, sendo que a quantidade menos usada foi a “colher de chá”.

A forma mais usada para preparar os remédios caseiros com as plantas foi o “chá”(infusão ou decocção), perfazendo 63,4% das preparações(Tabela 22). Poucos “especialistas”, entretanto, diferenciaram partes das plantas que deveriam ser usadas como infusão e as como decocção. Segundo MORGAN(1994) e

CARRICONDE(s.d.) as folhas e flores devem ser usadas como infuso, as raízes, sementes e casca, como decocto.

Com respeito aos horários e intervalos, também não havia padrão rígido, o “chá” podia ser “dado à vontade até melhorar”. Para algumas doenças, como a tuberculose, “catarro no peito”, gastrite ou parasitoses internas, os sumos, sucos e xaropes, geralmente, deveriam ser tomados pela manhã, em jejum. Alguns remédios foram usados com adição de açúcar, outros não, parecendo estar mais relacionados à melhora do sabor e facilitar a aceitação, principalmente, no caso das crianças. Quanto à temperatura dos “remédios”, houve uma especificação de qual seria a temperatura ideal, que variava conforme o tipo de doença: para os estados febris e gripes, eles, geralmente, eram utilizados quentes ou mornos, nunca frios; para os problemas gastrointestinais, frios, nunca quentes. Segundo PIOVESAN(1956), o conceito de “quente” e “frio” é comum na medicina popular e não significa, simplesmente, a temperatura em si, mas certas qualidades inatas dos alimentos ou remédios, que são consideradas pelos indivíduos de modo arbitrário como “quentes” e “frios”. Essa noção de “quente” ou “frio” é comum na América Latina e está ligada à “teoria humoral”, um pouco truncada, que tem origem na “teoria hipocrática dos humores”(GOLDWATER, 1983).

Logo uma doença pode ser “quente” ou “fria” e os tratamentos aplicados têm que ser com remédios opostos, conforme alguns exemplos que foram constatados nesse estudo: nos casos de “constipação” causada por “pancada de vento” ao acordar, o chá usado tinha que estar bem quente e depois de tomado, a pessoa deveria abafar-se, ou seja agasalhar-se; com a “diarréia com quentura na barriga”, o chá de “olho”

da goiabeira deveria ser frio ou água misturada com “goma” que era considerada “fresca”, para “banho de assento”, nos casos de assadura infantil (dermatite).

Com relação ao estado físico das plantas, as frescas têm maior uso(55,0%) possivelmente, devido à disponibilidade no local do que ao conhecimento, dever-se-ia ser usada assim ou secas. Essa hipótese pode ser reforçada pelos dados da Tabela 29, onde cerca de 60% das plantas utilizadas eram originadas dos quintais das residências dos “especialistas” ou das dos vizinhos, ou dos roçados ou mato em redor. Isto deve ser levado em consideração, na fase de implantação do programa de Fitoterapia na comunidade estudada, refletir se seria positivo utilizar os quintais para ensinamento com o profissional qualificado, e melhorar o cultivo de plantas já estudadas cientificamente.

Os “especialistas” desse estudo usaram as plantas medicinais, algumas vezes de maneira adequada, dentro dos princípios científicos que regem o seu uso, outras vezes, não, e algumas práticas, aliadas a esse uso podem ser consideradas benéficas para a saúde, outras não(Quadro III e IV). Entre as nocivas ou, potencialmente, nocivas temos: o uso de substâncias tóxicas como o óleo diesel, a pólvora, a soda cáustica e o óleo de transformador; o uso de urina e fezes de animais; o uso de plantas para doenças graves, como o diabetes, a tuberculose e os problemas cardíacos; a aquisição de plantas medicinais em feiras livres, em raizeiros, em casas de ervas e outros locais, porque se tem conhecimento de que o controle da procedência, da composição e da conservação são sempre precários.

O levantamento desses dados foi importante para detectar na implantação de um programa de Fitoterapia; na comunidade estudada, quais práticas devem ser

reforçadas ou quais, por serem nocivas, devem ser abandonadas e como deve ser feito o planejamento educativo para que possa ser colocado em prática.

Entre as práticas benéficas, verifica-se a ingestão de plantas ricas em nutrientes como a acerola, o caju, as hortaliças, indicadas, principalmente, para problemas respiratórios e nutricionais; o uso de líquidos na forma de chás, principalmente nos estados infecciosos, febres e diarreias; o uso de massagens ou fricções com partes das plantas, principalmente, nos casos de dores reumáticas e o uso de plantas cuja ação farmacológica já consta da literatura científica coincidindo com as indicações dadas pela população.

Quanto a esse último item, foi feito um levantamento bibliográfico das plantas que foram mais indicadas pelos “especialistas” para os problemas de saúde dos seus familiares(Quadro V). Verificou-se que a maioria das indicações terapêuticas atribuídas coincidiram com as da literatura científica consultada, exceto a da planta endro (*Foeniculum vulgare* Mill) que não houve nenhuma coincidência. Esta planta foi muito utilizada e acreditada como eficaz nos problemas cardiovasculares, e apareceu bastante nos depoimentos: *“Ói doutora quem suber o valor desta planta anda com o galinho no bolso.”*, *“basta tomar um chazinho todo dia que não tem derrame, trombose”*; *“aqui uma mulher ficou sem andar, por causa do ramo, quando voltô do hospitá, entonce todo dia tomava o chá do endro e a muiê tá aí varrendo terreiro”*.

Nas últimas décadas, esforços crescentes vêm sendo desenvolvidos pela comunidade científica e médica, para conferir às plantas medicinais seu valor real no tratamento das enfermidades, devido ao aumento substancial na utilização das plantas, seja na forma “in natura” ou nas formas derivadas como extratos, tinturas e

outras formas, em todo o mundo(MARQUES, 1988; BAKHIET, 1995). Também, seguindo a orientação da OMS, em todo mundo e no Brasil, em várias universidades brasileiras e em outras instituições, estão sendo realizados estudos com plantas nativas já utilizadas há longo tempo pela população, para validação das mesmas e possível implantação da Fitoterapia no sistema oficial de saúde. Entre esses, temos os estudos no México, através do Instituto Mexicano de Plantas Medicinais (IMEPLAM), que realiza um trabalho de grande alcance social, o qual procura recolher, testar e devolver à população depois de, convenientemente, estudadas, as espécies utilizadas na sua medicina tradicional(NEVES, 1982). Em Berlim, na Alemanha, existe uma comissão interdisciplinar de peritos do Departamento Federal de Saúde, mais conhecida por Comissão E, que elaborou 330 monografias sobre drogas vegetais, resultando no mais moderno e comprovado conhecimento científico, sobre as mesmas(NEVES s.d.). No Brasil, desde 1983, a Central de Medicamentos do Ministério de Saúde(CEME) iniciou pesquisas com plantas medicinais com a finalidade de levantar as potencialidades terapêuticas, bem como desenvolver medicamentos ou preparações que sirvam de suporte para estabelecer uma terapêutica complementar, inclusive integrar a lista nacional de medicamentos essenciais(RENAME), consequentemente, validar sua utilização na rede básica de saúde. Das 74 espécies escolhidas para a pesquisa, até 1993, já haviam concluído o estudo de 28 espécies, aparecendo aquelas que não tinham ação terapêutica, as que apresentaram indícios de toxicidade e outras que confirmaram ação terapêutica dada pela medicina popular como: a espinheira-santa(Maytenus ilicifolia) para úlcera péptica e dispepsias, o mentrasto(Ageratum conyzoides) eficaz no tratamento de dor na artrose, o quebra-pedra(Phyllanthus niruri) que possui efeito lítico e/ou preventivo

na formação de cálculos urinários, o guaco(Mikania glomerata) que tem ação bronco-dilatadora, e antitussígena, o hortelã(Mentha spicata) com ação anti-helmíntica, entre outras(ESTRELA, 1994).

A questão da validação das plantas medicinais, para serem usadas na rede de saúde, possivelmente, sempre será motivo de discussão, isto porque uns consideram que o uso milenar da planta já é uma garantia da efetividade, dosagem e ausência de toxicidade, sendo o caminho mais lógico e rápido para incorporar a planta medicinal, seria elaborar extratos, e a partir deles, fabricar produtos galênicos bem controlados, inócuos e baratos, para pôr de imediato no mercado, e bem como apoiar Programas de Atenção Primária de Saúde. Já outros consideram que a planta medicinal deve obedecer aos mesmos critérios que são exigidos para qualquer medicamento, para que possa ser validada, dando-lhe uma margem de efetividade, seguridade, controle e qualidade (SCHEMKEL, et al 1985).

Por ocasião da implantação do programa de Fitoterapia na comunidade, aquelas plantas sobre as quais não existem estudos, elas serão encaminhadas para estudos toxicológicos dentro da própria universidade, antes de serem recomendadas para a população. O importante é garantir à população o direito de usar a planta, com mais informações científicas, mais segurança, mais eficácia e com disponibilidade independente de suas condições sócio-econômicas.

Apesar de existirem, atualmente, recomendações dos órgãos de saúde para a utilização das plantas medicinais na rede básica de saúde, segundo SCHEMKEL et al(1985), as medidas necessárias para efetivar sua utilização, com segurança, no serviço de saúde não têm sido discutidas publicamente, necessitando, para isso, uma discussão mais ampla, abrangendo os aspectos como: o papel do setor privado e da

rede estatal(CEME), na produção e distribuição desses produtos, evitando que os fitoterápicos não se tornem inacessíveis para a população, como, atualmente, ocorre com os medicamentos industrializados; a implantação de uma infra-estrutura de produção, relativa ao cultivo das plantas, evitando exploração predatória capaz de levar à extinção algumas espécies vegetais; a organização de uma infra-estrutura de produção e de controle de qualidade, para atendimento da demanda, com garantia de qualidade do produto e segurança do consumidor; o preparo dos profissionais da área de saúde para atuar neste âmbito de conhecimento; a definição do papel do estado frente à legitimidade de prescrição e utilização desses medicamentos por parte dos curandeiros, raizeiros e outros agentes, uma vez que eles propõem os mesmos recursos terapêuticos, além de desempenharem papel fundamental na preservação e evolução da cultura popular e, por fim, o apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico, nessa área, para evitar a situação de dependência de outros países criada em outros setores de produção de medicamentos.

No Brasil, o Ministério da Saúde parece não ter uma posição clara e pública a respeito da Fitoterapia. A ausência dessa posição, por parte do órgão máximo da saúde pública no país, tem influenciado o retardamento da implantação dessa prática terapêutica de maneira mais abrangente e de forma oficial, como qualquer outra prática ou ação de saúde que é ofertada. Essa falta de decisão política e de apoio técnico tem tido, como consequência, a polêmica e a insegurança entre os profissionais que trabalham na rede de serviços públicos de saúde do país.

É necessário, portanto, para que esse problema seja solucionado, que os órgãos superiores de saúde pública no Brasil, em primeiro lugar conheçam o assunto, procurem formular normas gerais para a implantação da Fitoterapia na rede de

serviços assistenciais e cada vez mais incentivem a participação da Universidade na pesquisa com plantas medicinais. É importante que seja mais divulgado quais as plantas estudadas, as suas propriedades farmacológicas e terapêuticas e como poderiam ser utilizadas de maneira adequada, além das vantagens econômicas para a população e para o país. Também quais as exigências para que os profissionais de saúde possam prescrevê-las, os critérios básicos para a implantação e avaliação da Fitoterapia e como deve ser feito o acompanhamento clínico do usuário de plantas medicinais.

Talvez fosse importante, até adotar critérios que pudessem ser usados para avaliar, valorizar e premiar os serviços que se utilizassem dos recursos fitoterápicos locais ou a pesquisa em Fitoterapia, a fim de que se pudesse substituir, quando possível, os medicamentos industrializados pelos fitoterápicos.

— A substituição parcial desses medicamentos, por plantas medicinais, segundo PENSO, citado por NOGUEIRA(1983), tem sido priorizada nestas últimas décadas, como uma forma de evitar o consumo indiscriminado e exagerado de produtos farmacêuticos que podem trazer danos à saúde. As plantas medicinais, principalmente, quando usadas “in natura”, proporcionam uma “terapia suave” e com menos desvantagens do que as substâncias puras, mesmo que extraídas do reino vegetal.

— O objetivo prioritário de qualquer serviço de saúde é a promoção, proteção e recuperação da saúde e não a promoção do uso de medicamentos. O uso da Fitoterapia deve levar em conta essas considerações, e os profissionais de saúde devem orientar a população sobre o uso não só de medicamentos em excesso ou erroneamente, mas que também o faça quando usar as plantas medicinais. A auto-

medicação com plantas medicinais, sem o controle e orientação adequada pode tornar-se tão danoso como o uso dos medicamentos industrializados. A integração adequada da fitoterapia nos serviços de saúde, enfim, só será possível se houver a integração da medicina tradicional com a medicina oficial, do saber popular, com o saber científico, permitindo uma troca de saber e, provavelmente, beneficiará ambas as partes, principalmente, a assistência à saúde da população.

CONCLUSÕES

As conclusões deste estudo são apresentadas a seguir:

Com relação à composição e dados sócio-econômicos, as famílias estudadas estavam diminuindo o seu tamanho e apresentavam em média 4.0 membros, sendo que na área rural a média foi de 4.6 pessoas por família. Eram constituídas em sua maioria por membros mais jovens, pois apenas 12,2% tinham mais de 60 anos. A escolaridade era baixa, tinham precárias condições sócio-econômicas, pois, (70,1%) possuíam renda de até dois salários mínimos e a religião católica prevaleceu entre as famílias em todas as áreas.

Quanto ao uso das plantas medicinais, 82,9% das famílias tinham em seu lar “especialista” em Fitoterapia popular, o qual costumava usar, para si e sua família, remédios preparados com plantas, sendo que, na área rural, as famílias usavam mais plantas(86%) do que na área urbana(81,9%). A maioria era do sexo feminino(93,7%), concentravam-se nas faixas de idades mais jovens nas três áreas de estudos, e apenas, 23,3% tinham mais de 60 anos, 19,4% não tinham nenhuma escolaridade, e 68,7% eram alfabetizados, haviam freqüentado ou cursavam o primeiro grau.

Com relação à fonte de aprendizagem, 87,2% dos “especialistas” aprenderam a utilizar as plantas com a família, desses 81,9% foram com mães, pais e avós. Afirmaram usar 195 espécies de plantas e 352 associações com plantas com finalidades terapêuticas. As mais utilizadas foram: *Lippia alba*(443), *Cymbopogon citratus*(334), *Sambucus australis*(313), *Chenopodium ambrosioides*(231), *Punica granatum*(231), e *Peumus boldus*(215), e os principais problemas de saúde tratados por eles foram: problemas gastrointestinais(21,7%), de garganta, nariz e

pulmões(18,2%), febres e gripes(13,3%), problemas psiconeurológicos(8,3%), cardíacos e circulatórios(6,5%), genitais femininos(6,4%) e bucais(4,3%).

Os dados mostraram, ainda, que o modo mais freqüente de preparo dos remédios com plantas, era o “chá”(infuso ou deccoto)(63,4%), a parte da planta, a folha(60,1%), usada com mais freqüência fresca(55,0%), o local mais comum para aquisição das plantas era nos quintais das residências dos “especialistas” ou das dos vizinhos(54,5%), e que a maioria dos “especialistas” (57,0%) afirmaram que não conheciam nenhuma planta tóxica. Os dados constataram que as principais plantas utilizadas pelos “especialistas”, a maioria das indicações dadas por eles, para os problemas de saúde, coincidiram com as indicações encontradas na literatura científica consultada.

A Fitoterapia popular era usada, amplamente, por essa população, e vários motivos parecem ter contribuído, entre eles: “por acreditar, gostar, sentir-se melhor com remédios caseiros”(53,5%) e “tradição familiar”(16,7%).

Nessa população, a Fitoterapia popular é uma realidade, e ignorar este fato não beneficiaria nem usuários, nem equipes de saúde, nem tampouco os serviços de saúde.

A incorporação ou integração desta prática tradicional aos programas de saúde das unidades da rede básica permitirá um avanço, no sistema de atenção de saúde, pois proporcionará uma nova opção terapêutica, bem aceita pela população, de baixo custo e de fácil obtenção.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. AGRA, M.F. de. **Farmacopéia popular da Paraíba**. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Ministério da Educação e Cultura, 1977.
2. AGRA, M.F. de. **Plantas da medicina popular dos cariris velhos**. João Pessoa, Editora União, 1996.
3. AIMBIRÉ, C.M.S. et al. **Plantas medicinais**. Curitiba, Icone, 1998.
4. AKERELE, O. Medical plants and primary health care: an agenda for action. **Fitoterapia** (5) : 355-63, 1988.
5. AKERELE, O. Um rumo para a medicina tradicional. **Saúde Mundo**. (jun) : 3-4, 1983.
6. ALAM, M.M. et al. Ethno – medicinal uses of plants growing in the Bulandshahr District of Northern India. **J.Ethnopharmacol**, 19 : 85-88, 1987.
7. ALLEYNE, S.& CRUICKSHANK, K. the use of informal medications – Particular bush teas in Jamaican patients with diabetes mellitus. **Cajanus**, 22(1) : 37-47, 1989.
8. ALMEIDA, E.R. **Plantas medicinais brasileiras**. São Paulo, Hemus, 1993
9. ALMEIDA, M.Z. de. Otimização do comércio de plantas medicinais na cidade de Salvador. Bahia, Salvador s.d.
10. AMORIM, J.A. Relatório de estágio. São Paulo, Faculdade de Saúde de Saúde Pública. São Paulo, 1994.

11. ANNICHINO, G. P.; IMAMURA, C. R. de A.; MAUAD, M. A.; MEDEIROS, L. A.; MORITA, I.; TOWATA, E. A. Medicina caseira em sete localidades da região de Baurú, S.P. **Cad. Saúde Pública**, **2** : 150-66, 1986.
12. ARAÚJO, E. de L. et al. Programa de plantas medicinais: relatório. Recife, Governo de Pernambuco, 1991.
13. BAKHIET, A.O.; ADAN, S. E. I. Therapeutic utility, constituents and toxicity of some medicinal plants: a review. **Vet.Human.Toxicol**, **37**(3) : 255-8, 1995.
14. BALME, F. **Plantas medicinais**. São Paulo, Hemus, 1978.
15. BANNERMAN, R.H. et al. Traditional medicine and health care. Genebra, OMS, 1993.
16. BANNERMAN, R.H. La medicina tradicional en el programa de la OMS. **Cron. Organ. Mund. Salud**, (31) : 479-80, 1977.
17. BANNERMAN, R.H. La medicina tradicional en la moderna atención de salud. **Foro. Mund. Salud**, 3(1): 8-28, 1982.
18. BARRETO, J.M. et al. Assistência fisioterápica aos usuários da hidroterapia com plantas medicinais: avaliação, benefícios e riscos. João Pessoa, Paraíba. In: XIV Simpósio de plantas medicinais do Brasil. Florianópolis, 1996. Anais p.61, resumo B- 057.
19. BARRETT, B. Herbal knowledge on Nicaragua's Atlantic coast: consensus within diversity. **J. Community Healthy**, 20:403-21, 1995.
20. BHAT, R.B.; JACOBS, T. V. Traditional herbal medicine in Transkei. **J.Ethnopharmacol.**, **48** : 7-12, 1995.

21. BIOCCHINI, J. et al. As práticas alternativas na reformulação do sistema de saúde: contribuição para a VII Conferência Nacional de Saúde. In: Luz, M.T., org. **Textos de apoio: a questão da homeopatia**. Rio de Janeiro, PEC/ENSP/ABRASCO, 1987 p. 7-11.
22. BOUISSON, R. As plantas medicinais. **Saúde Mundo** (set) : 3-21, 1973.
23. BOUKEF, I. Utilisations traditionnelles des plantes dans les affections bucco-dentaires. **Actual. Odonto-stomatologiques**, 167 : 541-551, 1989.
24. BRAGA, R. **Plantas do nordeste, especialmente do Ceará**. Fortaleza, Imprensa Oficial do Estado, 1960.
25. BROWN, J.S. & MARCY, S.A. The use of botanicals for health purposes by members of a prepaid health plan. **Res.Nurs.Health**, 14:339-50, 1991.
26. CAMARGO, M.T.L.A. de. **Aspectos metodológicos para pesquisa garrafada**. São Paulo, Almed., 1985.
27. CAMPELO, C.R. & RAMALHO, R.C. Contribuição ao estudo das plantas medicinais no estado de Alagoas – VII. **Acta.Bot.Bras.**, 2 : 67 – 72, 1989.
28. CARRICONDE, C. & MORES, D. **A mata da saúde: cartilha do agente de saúde – projeto ASAREAJ**. Olinda, Centro Nordestino de Medicina Popular, s.d.
29. CARTA DE CARPINA. Carpina, PE. (Apresentada no 1º Encontro Nacional de Fitoterapia em Serviço Público, Carpina, 1989).
30. CEMTASP – CENTRO DE ESTUDOS DE MEDICINA TRADICIONAL E TERAPIAS ALTERNATIVAS EM SAÚDE PÚBLICA. Estatuto. Registro no 6º ofício de Registro Civil de Pessoa Jurídica em 30.10.92. Faculdade de Saúde Pública – USP, São Paulo, 1992.

31. CHIEN – CHUNG, C. Herbário chinês. **Saúde Mundo** (jun) : 20-3, 1978.
32. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE ATENCIÓN PRIMÁRIA DE SALUD, Alma – Ata, 1978. **Atención primaria de salud: informe.** Ginebra, Organización Mundial de la Salud, 1979.
33. CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 8ª, Brasília, 1986. **Relatório final.** Brasília, Ministério da Saúde, 1986.
34. CRUZ, G.L. Dicionário das plantas úteis do Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
35. DEL RIO HIJAS, M.E. El uso de las plantas medicinales en los distintos métodos terapêuticos. In: Jornadas Ibéricas de Plantas Medicinales, Dramáticas y de Receitas Essenciais, 1ª, Madrid, 1989. Madrid, Instituto Nacional de Investigación y Tecnología Agraria y Alimentaria, 1992 p. 399-407.
36. DONOSO, VIAL.; DIAS, E. S.; SALINAS, L. R.; AROS, L. L.; RETA, M. F. Estudio de la medicina botánica como recurso de salud en una población periurbana de Santiago. **Rev. Pediatr.**(Santiago), **27** : 121-119, 1984.
37. ESCOUTO, M.A.B. **Resgate da tradição fitoterápica.** Brasília, Ministério da Saúde, 1992.
38. ESTRELA, E. Plantas medicinales amazonicas: realidade y perspectivas. Quito, Tratado de Cooperacion Amazonica(TCA) Programa de la Naciones Unidas para El Desarrollo(PNUD), 1994.

39. FARNSWORTH, N. R.; AKERELE, O.; BINGEL, A. S.; SOEJARTO, D. D.; GUO, Z. Places des plantes médicinales dans la thérapeutique. **Bull. Organ. Mond. Santé**, **64** : 159 – 75, 1986.
40. FERRARI, B.T. A redescoberta das plantas medicinais. **Rev. Bras. Clin. Terap.**, **13** : 309-16, 1984.
41. FRANCENELY, N.C. de.; SABÓIA, S. M. N.; Ervas, uma terapêutica no campo da enfermagem. **Rev. Bras. Enf.**, **34** : 269 – 313, 1981.
42. FRATE, D.A.; CROOM, E. M.; JUERGENS, J. P.; MEYDRECH, E. F. Use of plant-derived therapies in a rural, Biracal population in Mississippi. **J.M.S.M.A.**, (JAN): 427-9, 1996.
43. FUNDAÇÃO IBGE. SINOPSE preliminar do censo demográfico. Rio de Janeiro, 1991.
44. GEORGE, J. B. MADELEINE LENNINGER In: **Teorias de Enfermagem**. Porto Alegre, Edit. Artes Médicas, 1993.
45. GOLDWATER, C. Traditional medicine in Latin America, IN: BANNERMAN, R.H. et al. Tradicional medicine and health coverage. Geneva, WHO, 1983.
46. GOMES, O.C. **História da medicina no Brasil no século XVI**, Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de História da Medicina, 1974 p.176-94. (Biblioteca Brasileira da História da Medicina).
47. GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado da Saúde. Programa Estadual de Plantas Medicinais-SUS/RJ. Projeto de pesquisa em plantas medicinais: utilização clínica e desenvolvimento de tecnologia para a produção industrial. Rio de Janeiro, 1993.

48. GUYOT, M.A.A. Perspectiva de la fitoterapia. **Alta Fram.Bonaerense**, 9
:131-8, 1990.
49. INVENTÁRIO de plantas medicinais: seleção y caracterización. **Cron.**
Organ. Mund. Salud, **33**: 64-6, 1979.
50. JAIN, S.P. et al. Ethnomedicinal plants of Jaunsar-Bawar Hills, Uttar
Pradesh, India. **J.Ethnopharmacol**, **12** : 213-22, 1984.
51. KUBO, R.R. et al. Levantamento das plantas de uso medicinal no município
de Coronel Bicaco, R.S., Brasil. In: XIV Simpósio de plantas medicinais
do Brasil. Florianópolis, 1996. Anais p.55, resumo B-033
52. LAMY, P. Investigación científica de las plantas medicinales en uso popular
en Mexico. **Ci.Cult.**, São Paulo, **32** : 147-155, 1980.
53. LANDMANN, J. **As medicinas alternativas: mito, embuste ou ciência?**
Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
54. LE GRAND, A. & WONDERGEM, P. A fitoterapia e a promoção da saúde:
estudo comparativo dos medicamentos de ervas medicinais para os
cuidados básicos da saúde. s. n. t.
55. LEMESHOW, S. & LWANGA, S.K. **Determinacion del tamaño de las
muestras en los estudios sanitarios**. Organizacion Mundial de la salud,
Ginebra, 1991.
56. QICHENG, F. Some current study and research approaches relating to the use
of plants in the traditional chinese medicine. **J.Ethnopharmacol**, **2** : 57-
63, 1980.
57. LOHOYA, X. o equilíbrio entre o homem e a natureza. **Saúde Mundo**.
(nov): 8-11, 1977.

58. LOKAR, L.C. & POLDINI L. Herbal remedies in the traditional medicine of the Venezia Giulia Region(North East Italy). **J.Ethnopharmacol**, **22** : 231 – 178, 1988.
59. LONGUEFOSSE, J.L. et al. Medical ethnobotany survey in Martinique. **J.Ethnophar-macol**, **53** : 117-42, 1996.
60. LORENZI, H. **Plantas daninhas do Brasil**. São Paulo, Plantarum, 1991.
61. LOYOLA, M.A. Rezas e cura de corpo e alma. **Ciência Hoje**, **6** : 34-43, 1987.
62. MAGALHÃES, J. **Medicina folclórica**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1966.
63. MAHABIR, D. & GULLIFORD, M.C. Use of medical plants for diabetes in Trinidad and Tobago. **Rev. Panam. Salud. Publica**, **1** : 174-9, 1997.
64. MARIANO, F.J. A medicina popular em Pernambuco. **Rev. Bras. Med.**, Rio de Janeiro, **58**(25/28) : 251-52, 1944.
65. MARQUES, L.C. Utilização adequada de fitoterápicos. **Farmacêutico** (jul-ago): 12, 1988.
66. MARTIUS, R.F.P. von. **Systema material medical vegetabilis brasiliensis**. Leipzig, Fleisher, 1843.
67. MATOS, F. J.; de A.; Plants used in tradicional medicine of China and Brazil. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, 86 (supl.2) : 13-6, 1991.
68. MATOS, F. J.; MACHADO, M. I. L.; ALENCAR, J. W.; MATOS, M.E.O.; CRAVEIRO, A. A. **Farmácias vivas**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, s/d.

69. MATOS, F.J. de A. Plantas medicinais: problemas e possibilidades. **Hort. Bras.** (maio) : 5-10, 1983.
70. MEDEIROS, M.C. et al. Abordagem farmacológica seletiva de plantas do nordeste brasileiro. **Rev.Bras.Farm.**, Rio de Janeiro, **52**(5):241-47, 1971.
71. MEDEIROS, D. L. Práticas terapêuticas não convencionais utilizadas por idosos. São Paulo, 1997 (Tese de Doutorado – Faculdade de Saúde Pública da USP)
72. MENDONÇA, C.A. de. Proposta de implantação do programa de Fitoterapia em Serviço Público. Belém, 1991.
73. MINISTÉRIO DA SAÚDE / MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / MINISTÉRIO DO TRABALHO. Resolução n.º 8, de 11 de março de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 mar 1988. Seção I, p. 3999-4000.
74. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Fundação Serviços de Saúde Pública. Utilização de plantas medicinais pela população das áreas de unidades elementares da Fundação SESP. Rio de Janeiro, 1988. (Série de Estudos e Pesquisas, 1).
75. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria n.º 212, de 11 de setembro de 1981: define no item 2.4.3 o estudo de plantas medicinais como uma das prioridades de investigação e saúde. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 set 1981.
76. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução n.º 546, de 21 de maio de 1993. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 maio 1993. Seção I, p. 6965.

77. MORENA, N.J. **Dicionário das plantas medicinais brasileiras**. Rio de Janeiro, Correio Mercantil, 1862.
78. MORGAN, R. **Enciclopédia das ervas e plantas medicinais**. São Paulo, Hemus, 1994.
79. MOSKALENKO, S.A. Slavic ethnomedicine in the soviet far east. Part I: herbal remedies among Russians/Ukrainians in the Sukhodol Valley, primorye. **J.Ethnopharmacol**, **21**:231-51, 1987.
80. MURRAY, J.; SHEPHERD, S. Alternative or additional medicine? an exploratory study in general practice. **Soc.Sci.Med.**, **37**(8) : 983-88, 1993.
81. NEVES, C.A.K. Fitoterapia: Experiências externas e reflexões para o Brasil. **Fitofarmácia**, 24-25. s.d.
82. NEVES, E.S. Plantas medicinais na saúde pública. **Silvicultura São Paulo**, (16A) : 181-6, 1982.
83. NOGUEIRA, M.J. de C. Fitoterapia e enfermagem comunitária. São Paulo, 1983. [Tese de Livre-Docência – Escola de Enfermagem da USP].
84. NORONHA, M. de. O sucesso das medicinas paralelas. **Arq.Catarin.Med.** **19** : 143-7, 1990.
85. OLIVEIRA, R.A.G. et al. Plantas medicinais: experiência do estágio rural integrado da U.F.P.B. In: XI Simpósio de plantas medicinais do Brasil, João Pessoa, 1990. Anais, resumo 4.01.
86. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. La mujer como provedora de atención de salud. **Cron.Organ.Mund.Salud.**, **37** : 158 – 63, 1983.

87. ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE LA SALUD – ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SAÚDE. **Anteproyecto de ley básica sobre medicamentos herbários.** Washington, D.C., 1996. (PAHO/COLL/QV766.068a)
88. ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD. **Atención primaria de salud: Informe de la Conferência Internacional sobre Atención Primaria de Salud.** Alma-Ata, URSS, 1978.
89. ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD. Discusiones técnicas de la 37ª asamblea de la salud: función de las universidades en las estrategias de salud para todos. **Educ.Med.Salud**, 19 : 129-43, 1985.
90. ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD. **Plantas para la evaluación de medicamentos herbários.** Ginebra, 1991.(WHO/TRM/91.4)
91. ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD. Promoción y desarrollo de la medicina tradicional. Ginebra, 1978. (OMS – Série de Informes Técnicos, 622).
92. ORGANIZACION PANAMERICANA DE LA SAÚDE. Extension de cobertura basada en las estratégias de atención primaria y participación de la comunidad. Washington, 1977.(Publicación Científica, 348).
93. PACHTER, L.M. Culture and clinical care. Folk, illness, beliefs and behaviours and their implications for health care delivery. **JAMA**, 271(9) : 690-694, 1994.
94. PANIZZA, S. Plantas que curam(cheiro de mato). São Paulo, Ibrasa, 1997.

95. PANTHONG, D.; KANJANAPOTHI, D.; TAESOTIKUL, T.; TAYLOR, W.C. Ethnobotanical review of medicinal plants from thai tradicional books, part II: plants with antidiarrheal, laxative and carminative properties. **J.Ethnopharmacol.** **31**:121-56, 1991.
96. PARRY, E.H.O. La gente y la salud. **Foro Mundial Salud**, **5** : 58-62, 1984.
97. PENSO, G. Reencontro com a natureza. **Saúde Mundo**, (jul) : 29-31, 1978.
98. PEROZIN, M.M. et al. **Projeto de fitoterapia do suds. plantas medicinais no serviço de saúde**. Curitiba, SESA/FCMR, 1989.
99. PICCI, V. The exploitations of medicinal plants of the mediterranean área. **J.Ethnopharmacol.**, **2** : 81-9, 1980.
100. PIOVESAN, A. **Antropologia**. Coletânea de textos datilografados. Faculdade de Saúde Pública, USP, São Paulo, 1959.
101. ROMÃO, P.R. et.al. Plantas tóxicas no estado da Paraíba. In: Reunião anual da SBPC, Recife, 1993. Anais p.338, resumo 41-A9.
102. SACRAMENTO, H.T. et al. Fitoterapia uma alternativa para saúde pública. Vitória, Espírito Santo. In: XIV Simpósio de plantas medicinais do Brasil. Florianópolis, 1996. Anais p.59, resumo B-050. João Pessoa, 1990.
103. SANTOS, M.G. Medicina popular: uma prática alternativa nas escolas de periferia do 1º grau. Belo Horizonte, Minas Gerais. In: XI Simpósio de plantas medicinais do Brasil. João Pessoa, 1990. Anais, resumo, 4.73.
104. SCAVONE, O. & PANIZZA, S. Plantas tóxicas. São Paulo, EDUSP, 1980.
105. SCHEFFER, M.C. Roteiro para estudo de aspectos agrônômicos das plantas medicinais selecionadas pela fitoterapia do SUS/PR/CEMEPAR. **Sob. Inf.**, 11(1) : 29-31, s.d.

106. SCHENKEL, E. P.; SIMÕES, C. M. O. O espaço das plantas medicinais e suas formas derivadas na medicina científica. **Cad.Farm**, **1**(2) : 65 – 72, 1985.
107. SCHVARTSMAN, S. **Plantas venenosas**. São Paulo, Sarvier, 1979.
108. SECRETÁRIA DE ESTADO DO PARANÁ / FUNDAÇÃO CAETANO MUNHOZ DA ROCHA. Grupo de planejamento e coordenação. **Projeto de fitoterapia do SUDS: plantas medicinais nos serviços de saúde**. Curitiba, 1989.
109. SECRETÁRIA DE SAÚDE / FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO DISTRITO FEDERAL. Programa de Desenvolvimento de Terapias não Convencionais no Sistema Único de Saúde do Distrito Federal. **Projeto de Fitoterapia**. Brasília, 1990.
110. SEMINÁRIO PARA LEGISLAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS E MEDICAMENTOS FITOTERÁPICOS: relatório final. Rio de Janeiro, Secretária Nacional de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde, 1994.
111. SIGH, Y.N. et al. Folk medicine in Tonga. A study on the use of herbal medicines for obstetric and gynecological conditions and disorders. *J.Ethnopharmacol*, **12** : 305-329, 1984.
112. SILVA, N.N. Amostragem probabilística. EDUSP, 1998.
113. SOLER, R. **Estudo de la cultura local para el desarrollo de los programas de salud**. Washington, D.C., Organización Panamericana de la Salud. 1976 (Documento HP-HE-11).
114. SONAGLIO, D.; FARIAS, M. R.; DIEHL, E. E.; SIMÕES, C. M. O. Fitoterápicos: um recurso terapêutico. **Rev.Ciênc.Saúde**, **11**:147-9, 1992.

115. WINSTON, C.M. et al. Use of traditional and orthodox health services in urban Zimbabwe. **Int.J.Epidemiol.**, **24**(5) : 1006-12, 1995.
116. WITT, A. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo, Resenha Tributária, 1973.
117. XIAO, P.G. Las plantas medicinales en China. **Foro Mund.Salud.**, 7:90-1, 1986.
118. YESILABA, E.; HONDA, G.; SEZIK, E.; TABATA,M. GOTO, K.; IKESHIRO, Y. Traditional medicine in Turkey IV. Folk medicine in the Mediterranean Subdivision. **J.Ethnopharmacol.** **39** : 31-38, 1993.
119. YOUNGKIN, E.L. & ISRAEL, D.S. A review and critique of common herbal alternative therapies. **Nurse Pract.**, 21(10):39,43-5, 49-52, 1996.

ANEXOS

ANEXO 1

ARQUIVO
em 14 de 06 de 1995
Boulevar Ruy Barbosa
DIRETOR

ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
GABINETE DO PREFEITO

ARQUIVE-SE
em 08 de 06 de 1995
Presidente

LEI Nº 3.136

De, 29 de Maio de 1995.

DISPÕE SOBRE ATENDIMENTO
A PACIENTES EM POSTOS DE
SAÚDE DO MUNICÍPIO E DÁ
OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPINA
GRANDE, Faço saber que a Câmara de Vereadores aprovou, e eu sanciono a
seguinte,

L E I

Art. 1º - Fica a Prefeitura de Campina Grande
autorizada a criar o Programa Municipal de Fitoterapia, que será subordinado à
Secretaria de Saúde do Município.

Art. 2º - O Programa Municipal de Fitoterapia tem
como finalidade utilizar ervas medicinais no tratamento dos pacientes que forem
nos postos de Saúde do Município.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua
publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

FÉLIX ARAÚJO FILHO
Prefeito

12 de 06 de 1987
Presidência

ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
GABINETE DO PREFEITO

I Nº 1.542/87

De 06 de maio de 1987.

criada
CRIA E DELIMITA BAIRROS DA CI-
DADE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE,

Faço saber que a Câmara de Vereadores aprovou, e eu sancio a seguinte,

L E I.

1º - Ficam estabelecidos os limites físicos dos bairros, desta cidade, conforme discriminação a seguir:

ACÁCIO DE FIGUEIREDO

Polígono formado por trechos das ruas: Juscelino Kubistck, terras do Senador Antonio Guilhermino Filho, Rua Três Irmãs e Faixa de Domínio do Riacho Bodocongô.

ALTO BRANCO

Polígono formado por trecho de rua prolongamento da Av. Canal, rua Projetada IV do Loteamento Alto Branco, Av. Manoel Tavares, Rua Franklin Araújo, Rua Dalto Travassos de Moura, Trav. Severino R. de Andrade.

ARAXÁ

Polígono formado por trecho das ruas: Av. Alcides Carneiro, Linha Férrea, limite do perímetro urbano e terras pertencentes ao Sr. Esaú Catão.

ARQUIVE-SE

ANEXO 3

QUESTIONÁRIO Nº _____ DATA _____ / _____ / _____

1. Caracterização da família

1.1 Endereço – Rua / Av. _____ N.º _____ Bairro _____
_____ Vila ou sítio _____

1.2 Ponto de referência: _____

1.3 Localização: urbana() urbana/rural() rural()

1.4 Quantas pessoas moram nesta casa? _____

1.5 Quem são? _____

Nome	Idade	Sexo	Escola- ridade	Trabalha?		Quanto ganha por mês?	Ajuda nas despesas da casa?	
				Sim	Não		Sim	Não
1.								
2.								
3.								
4.								
5.								
6.								
7.								
8.								
TOTAL								

1.6 Alguém desta família usa planta medicinal(erva, “remédio do mato”)
quando adocece?

Não() Por que? _____

SIM()

(Caso a resposta for Não, encerrar aqui a entrevista).

(Caso a resposta for SIM, passar para pergunta 1.7)

1.7 Quem desta família mais recomenda(“receita”) plantas medicinais quando
alguém adoece na família?

1.7.1 É pessoa da família() Quem? mãe ()

 pai ()

 avós ()

 tios ()

 filhos ()

 outros membros()

1.8.2 Outra pessoa?() Quem ou quais?

Nome(s): _____

Endereço(s): _____

- Se for outra pessoa que receita ou prepara, anotar o nome e endereço para futuras pesquisas com curandeiros e encerrar a entrevista.
- Se for da família, passar à questão 2.1 e continuar a entrevista, no caso da pessoa que atendeu o entrevistador ser aquela que recomenda sobre o uso das plantas na família. Caso não seja, marcar a entrevista para um outro momento.

2. Caracterização do “especialista” da família:

2.1 Identificação

Nome	Idade	Sexo	Escolaridade	Religião

2.2 Por que o(a) senhor(a) usa plantas medicinais (erva, “remédio do mato”) quando alguém adoece na família?

2.3 Com quem aprendeu a usar as plantas?

- Com pessoa da família?() Quem?_____

Com outra pessoa?()Quem?_____

Outros meios(rádio, TV, cursos, livros)?() Quais? _____

3. Plantas utilizadas pelo “especialista” da família

3.1 Poderia dizer o nome das plantas medicinais que o(a) senhor(a) costuma usar?

N.º de ordem	Nome popular	Onde obtém?

5. Indicação de plantas nocivas pelo “especialista”.

5.1 Finalmente, o(a) senhor(a) conhece alguma planta que seja venenosa?

Não()

Sim() Qual(is)?_____

Instruções para o preenchimento do questionário e roteiro para coleta das plantas:

1 – Preenchimento do questionário

Os questionários serão preenchidos e numerados em ordem crescente, correspondendo de 1 a 600 à área urbana, de 601 a 700 área urbana-rural (Vila de Galante) e de 701 a 800 área rural (sítios, fazendas e povoados da Vila de Galante), obedecendo aos seguintes critérios para que sejam preenchidos.

1.1 e 1.2 – escrever o endereço completo, com ponto(s) de referência(s).

1.3 - colocar um “X” em:

urbana – quando a entrevista for realizada
nos bairros de Campina Grande.

urbana-rural – quando a entrevista for realizada
na vila de Galante.

rural – quando a entrevista for realizada
nos sítios, fazendas ou aglomera-
rados de domicílios da vila de
Galante.

1.5 – Na coluna correspondente ao:

nome: colocar o nome principal da pessoa

idade: considerar a idade em anos completos,
na data da entrevista

escolaridade: Sem escolaridade (SE), serão todos aqueles, maiores de 14 anos de idade, não sabem ler nem escrever um simples bilhete, ou aqueles que somente sabem assinar o nome.

Alfabetizado, serão todos aqueles que tenham freqüentado de 1 a 3 anos de estudo ou que tenham curso de alfabetização de adulto, sabem escrever seu nome, ler e escrever um simples bilhete.

1º Grau – Todos aqueles que freqüentam ou freqüentaram, alguma série da 1ª fase ou 2ª fase ou que tenham mais de três anos de estudo.

2º Grau – Aqueles que freqüentaram ou freqüentam, alguma série do científico, técnico, antigo clássico, ou normal.

3º Grau – Os que freqüentam ou freqüentaram algum período do curso superior em nível de graduação, ou pós-graduação.

trabalha: preencher com “X”

quanto ganha por mês: colocar o valor mensal em real

ajuda nas despesas de casa: preencher com “X”

4.1 – colocar o nome da planta e dos problemas de saúde, do mesmo modo

como foi dito pela pessoa entrevistada.

2 – Roteiro para coleta das plantas

- Retirar a planta com as folhas, flores ou frutos;
- Limpar e enxugar para retirar o excesso de umidade;
- Colocar na prensa, envolvida com jornais, de modo que as folhas, flores, caules e raízes fiquem bem esticados;
- Se a planta for grande, cortá-la em pedaços e depois montar na prensa;
- Colocar junto à ficha ou etiqueta de identificação(nome da planta, local, data da coleta e indicações terapêuticas).

ANEXO 4

4 – Descrições das receitas

As receitas e indicações, de acordo com os problemas de saúde, estão descritas seguidas do número de indicações, entre parênteses.

4.1 – Problemas bucais

4.1.1 – Dor de dente, dente furado ou dente cariado

- Tomar o chá cozido(decocção ou cozimento) ou abafado(infusão) da folha do anador(2)
- Bochechar, sobre o dente, e lavar o rosto do lado afetado com o chá cozido das folhas do alecrim(1) ou das sementes do cravo do reino(1)
- Bochechar sobre o dente o chá cozido ou abafado das folhas do alecrim(2), batata doce(2), erva babosa(1), mastruz(1), saião(1), folha e raiz da batata roxa(1), ou das cascas da aroeira(14), bráúna(3), cajueiro-roxo(3), catingueira(5), cedro(1), umburana(2), jatobá(1), mulungu(7), ou da raiz do espinho cigano(1), mulungu(3), pepaçonha(1), ou da flor(semente) do cravo do reino(1),

marmeleiro(1), ou da semente do mulungu(5), ou do fruto da cabacinha(buchinha)(2), ou do tomateiro(1).

- Bochechar sobre o dente doente o chá cozido das seguintes associações de plantas: arruda + macassá + pinhão roxo(1), erva-cidreira + hortelã gordo + pinhão roxo(2), mulungu + pinhão roxo(1), ou do mulungu + quixaba(1).
- Bochechar o chá cozido morno da raiz do mulungu(3), misturado com sal e vinagre.
- Bochechar o chá cozido da casca do cumaru(1), ou da entrecasca da umburana(1), misturado com sal.
- Colocar de molho no vinho branco as cascas do cajueiro-roxo(1), de um dia para o outro e tomar, diariamente, até melhorar.
- Machucar ou pisar as folhas do muçambê(1), arruda(1), ou as cascas do estoura bucho(1), juazeiro(1), ou as sementes do cravo do reino(1), pimenta-do-reino(3), ou um dente de alho(3), em seguida envolver ou não em algodão e colocar direto sobre o dente.
- Raspar o tronco da mamona(1), pisar com um pouco d'água, e colocar esta papa no dente furado.

- Deixar de molho em água as raspas das cascas do tronco da jurema preta(1), aroeira(1), ou do marmeleiro(1), por algumas horas depois bochechar, várias vezes ao dia, esta água.
- Retirar o leite do fruto da burra leiteira(1), ou da casca do tronco ou folha do pinhão roxo(4), e colocar direto sobre o dente.
- Molhar uma lâ com o chá das cascas do tronco da umburana(3), tatajuba(6), ou da raiz da urtiga branca(3), e colocar sobre o dente.
- Pisar para retirar o sumo das folhas das plantas erva babosa(1), hortelã-da-folha-miúda(1), urtiga-branca(1), tatajuba(2), ou da casca do tronco da umburana(1), ou bananeira(1), tatajuba(2), ou da casca do tronco da umburana(1), ou bananeira(1), em seguida coar em peneira ou pano, molhar uma lâ e colocar sobre o dente afetado.
- Colocar no fogo em panela de ferro a polpa do coco(1) retirar o leite e ainda morno colocar sobre o dente.
- Mascar as sementes do cravo do reino(2), e jogar fora o bagaço.
- Amarrar um dente de alho(1), na unha do dedo polegar do lado do dente que está doendo e deixar até passar a dor(1).

4.1.2 – Hemorragia dental

- Beber e bochechar por alguns minutos sobre o dente com hemorragia o chá das folhas da batata doce(2), ou das cascas do tronco do juá.(1), cajueiro-roxo(2), ou mulungu(1).
- Colocar de molho em água as cascas do cajueiro-roxo(4), ou do juá(1), até a água mudar de cor, depois com esta água, beber um pouco e bochechar o local do sangramento.
- Cortar o tronco da bananeira(6), ou do pinhão roxo(1), retirar o leite e colocar sobre o local com sangramento.

4.1.3 – Boqueira, sapinho, afta, ou ferida de boca.

- Tomar e bochechar chá de boldo(1).
- Machucar um galho do coentro(1) e pôr sobre o local.
- Cortar e deixar o leite ou o sumo das folhas do olho do marmeleiro(2), das folhas cardo santo(2), coentro(1), pinhão de cerca(1), ou de qualquer parte das plantas velame(5), ou avelós(3) e deixar escorrer direto sobre a lesão.

- Cortar um galho da carrapateira(2), passar sobre a boqueira, em seguida, amarrar este galho em um cordão e deixar pendurado na saída do fumeiro até desaparecer a boqueira.
- Molhar uma lâ com chá bem forte da casca ou entre casca da aroeira(2) e colocar direto no local

4.1.4 – Gengivite, gengiva inflamada, piorrêia, dente mole, inflamação no dente

- Bochechar e tomar o chá das sementes ou cascas pisadas da umburana(2), ou das cascas do cajueiro-roxo(7).
- Bochechar o chá das sementes(fruto) pisadas da pimenta-do-reino(2), ou das folhas batata doce(1), ou das cascas da quixaba(1), mulungu(2), ou do fruto piqui(1).
- Colocar de molho, em água, as cascas ou entre cascas do tronco do juá(1), quixaba(2), e da romã(1), esperar que esta água mude de cor e em seguida realizar o bochecho.
- Deixar, de molho, a raiz do cajueiro-roxo(1) em água, vinagre e sal de um dia para o outro, e em seguida bochechar.

4.16.3 – Dor no corpo, dor, qualquer dor, dores em geral

- Beber o chá das folhas da erva-cidreira(1), colônia(1), capim-santo(5), eucalipto(1), marcela(1), alecrim(2), anador(22), arruda(5), louro(1), hortelã-da-folha-miúda(1), hortelã-da-folha-grossa(4), ou das sementes do endro(9), erva-doce(1), ou da arruda + alho(1).
- Colocar de molho no vinho branco as folhas picadas da arruda(1), durante três dias, e tomar, diariamente, um gole.
- Colocar de molho as cascas do angico(1), ou as folhas do confrei(2), em água, de um dia para o outro em seguida ficar tomando esta água três vezes por dia.

- Colocar de molho em água e sal as cascas da aroeira (1) mais as folhas da tanchagem por algumas horas, e em seguida bochechar.
- Pisar um dente de alho(1) com pouco de vinagre e logo em seguida comer.
- Bochechar o mingau morno feito com água, goma e semente de gergelim(1) pisada.
- Esfregar as sementes da pimenta d'água(1) sobre a gengiva.

4.1.5 – Facilitar nascimento dos dentes

- Tomar chá das folhas da laranjeira(1), das flores do sabugueiro(1), vassourinha de botão(1), ou da raiz da ipecacuanha(11), ou gengibre(1).
- Fazer um chá cozido com um pedaço da raiz da ipecacuanha(27), do tamanho do dedo polegar da criança e utilizar um pouco deste chá misturado ao leite ou mingau da criança.
- Cozinhar a raiz da ipecacuanha(5), junto com o leite ou mingau da criança.

- Tomar o chá cozido da raiz da gogoia(1) com $\frac{1}{4}$ do comprimido de cibazol, diariamente, no período do nascimento dos dentes.
- Colocar as folhas da pepaconda(1) de molho em água e usá-la como água para beber ou fazer o mingau ou o leite da criança
- Colocar para secar pisar e peneirar a raiz da pepaconda(7) e usar um pouco deste pó no mingau ou leite que a criança vai tomar.

4.1.6 – Clarear ou limpar os dentes

- Deixar de molho por algumas horas as cascas do juá(2), depois utilizar esta água para limpar os dentes com ou sem escova dental.
- Colocar para secar as cascas do juá(24), pisar e peneirar com um pano ou peneira e utilizar este pó para limpar os dentes com ou sem escova dental.
- Raspar o tronco do juazeiro(13), colocar na escova de dente e escovar os dentes ou usar, diretamente, sobre o dente, esfregando com a ajuda dos dedos.

4.1.7 – Mau hálito

- Gargarejar o cozimento das folhas tanchagem(1), ou cascas da romã(1) ou tanchagem + romã(1).
- Deixar de molho em água, por algumas horas, as cascas do cajueiro-roxo(1), e usar esta água para gargarejar.
- Gargarejar o cozimento feito com as folhas das plantas hortelã (2).
- Gargarejar o sumo do limão(1) misturado com água e sal.
- Mascar e ingerir, diariamente, o sumo das folhas da bananeira(1), hortelã-da-folha-miúda(1) ou da semente do cravo do reino(1).

4.2 – Gastro – intestinais

4.2.1 – Diarréia, disenteria, desidratação, problema intestinal, dor intestinal, dor no estômago, dor abdominal, problemas digestivos.

- Tomar o chá cozido ou abafado das folhas das plantas da alcachofra(1), alecrim(3), anador(4), arruda(11), boldo(43), cana do brejo(1), capim-santo(108), chá preto(11), colônia(1), erva-cidreira(180), gogoia(2), goiabeira(60), laranjeira(3), louro(21), macassá(1), malva amargosa(1), malva-rosa(4), mamoeiro(2), pitangueira(48), ou da flor da alfazema(1), anador(1), camomila(5), goiabeira(8), macela(7), sabugueiro(4), ou da semente do endro(16), erva-doce(13), ou do coco catolé(1), ou da raiz do capim-santo(1), erva moura(2), espinho cigano(3), marmeleiro(1), pepa-conha(3), vassourinha de botão(1), ou da casca do cajueiro-roxo(4), canela(7), catingueira(1), goiabeira(6), jabuticaba(5), laranja(1), mamoeiro(2), marmeleiro(3), pereiro(1), quina quina(1), romã(1), hortelã-da-folha-grossa ou grande(4), hortelã-da-folha-miúda(15).
- Tomar o chá cozido com associações das seguintes plantas: alcachofra + colônia(1), anador + capim-santo(1), boldo + erva-cidreira(1), boldo + goiabeira(1), capim-santo + erva-cidreira + louro(1), capim-santo + louro(1), catingueira + marmeleiro(1),

erva-cidreira + capim-santo(5), erva-cidreira + louro(1), erva-cidreira + macela(1), goiabeira + jabuticaba(1), goiabeira + laranja(1), goiabeira + mamoeiro(1), goiabeira + pitangueira(8).

- Tomar o chá das folhas do mata pasto(2) durante nove dias. De início, fazer o chá com nove folhas, reduzindo o número de folhas até chegar a fazê-lo com uma única folha.
- Colocar as folhas do mamoeiro(1) ou as raspas das cascas ou as entrecascas da quixaba(2), marmeleiro(2), romã(1), goiabeira(1) ou marmeleiro + quixaba(1) de molho em água de um dia para o outro, em seguida tomar esta água à vontade.
- Pisar ou bater no liquidificador com água ou leite as folhas da alcachofra(1), mastruz(6), hortelã-da-folha-grande(3), hortelã-da-folha-miúda(1), ou as flores do cajueiro(3), o fruto do limoeiro(1), ou cenoura(2). Coar em um pano ou peneira e tomar.
- Pisar as folhas da hortelã miúda (2), ou do mastruz(5), espremer em um pano tirar o sumo e tomar.
- Pisar as sementes secas e torradas da macela(1), colocar o pó em água quente, abafar e tomar.

- Mascar as cascas do mamoeiro(1), ou do marmeleiro(1), e jogar fora o bagaço.

4.2.2 – Má digestão, empachamento, indigestão, barriga fofa, barriga inchada, bucho inchado, problema de fígado, comida que ofende, mal estar.

- Tomar o chá cozido ou abafado das folhas do abacateiro(2), alcaçofra(3), malva amargosa (1), alecrim(1), anador(2), boldo(137), canela(3), capim-santo(46), carqueja(1), chá preto(7), erva-cidreira(63), erva santa(3), hortelã-da-folha-grande ou grossa(3), hortelã-da-folha-miúda(8), hortelã sete dores(2), jurubeba(3), laranjeira(1), louro(24), macela(1), mamoeiro(1), manjerição(1), militana(1), ou da flor ou toda planta da alfazema braba(2), ou flor da camomila(2), macela(7), ou da semente da macela do reino(8), erva-doce(4), marmeleiro(1), endro(3), ou da casca da canela(1), cedro(1), laranja(1), laranjeira(1), ou da cebola-branca(1).
- Tomar o cozimento das associações do boldo + capim-santo + louro(1), boldo + chá preto(1), boldo + endro(2), boldo + erva-cidreira(1), boldo + louro(1), capim-santo + erva-cidreira(2), macela + boldo(1), ou da macela + louro(1).

- Pisar as folhas do boldo(1) e da erva-cidreira(1) colocar de molho em água e sal por algumas horas, depois tomar.
- Pisar as flores secas da macela(1), peneirar e com o pó fazer um cozimento e tomar.
- Mascar a folha do boldo(3), hortelã brabo(1), ou a casca da laranja(1), e o bagaço jogar fora.

4.2.3 – Gastrite, úlcera, apendicite, azia

- Tomar o chá das folhas do boldo(4), alecrim(1), saião moxo(6), quebra pedra(1), maracujá(1), urinana(1), confrei(1), mastruz(3), laranjeira(1), capim-santo(1), manjerioba(1), manjerona(1), ou da flor da macela(1), camomila(3), ou da raiz da urtiga(1), ou da folha da favela com as cascas da romã, cajueiro-roxo e quixaba(1).
- Colocar de molho em água a raiz da urtiga-branca(1) ou as cascas do barbatimão (1), bom nome(1), deixar apurar(a água muda de cor) depois tomar à vontade.
- Bater no liquidificador as folhas do mastruz (6) com leite e ovo, coar e tomar.

- Bater no liquidificador com água ou leite as folhas da erva-cidreira(1), saião(14), mastruz(21), couve(6), ou a raiz da laranja lima(1), cajueiro(1), ou a batata inglesa(4), ou couve + hortelã-da-folha-miúda + mastruz(1), couve + saião(3), mastruz + saião(4), ou banana-prata + couve + repolho(1). Coar e tomar diariamente.
- Pisar as folhas da couve(2), mastruz(6), e saião(3) tirar o sumo através da peneira ou pano, misturar no leite puro e cru e tomar em jejum e logo após tomar banho.
- Torrar a semente do cravo do reino(1), pisar, peneirar, e com o pó fazer um cozimento, coar e tomar.
- Mascar as folhas do mastruz(1), ou a casca da batata contra erva(1), ou as sementes do quiabo(1), da romã(2), café(1), ou do milho(1).
- Cortar a erva babosa(2), deixar escorrer o leite e misturá-lo ao vinho branco e mel de abelha. Em seguida, tomar, diariamente, até melhorar.

4.2.4 – Prisão de ventre, intestino preso, intestino sem funcionar

- Tomar o chá das folhas da erva-cidreira(7), boldo(1), melão-de-são-caetano(1), ou dos frutos do melão-de-são-caetano(1), ou das folhas ou das sementes da macela do reino(2), ou da raiz do quebra pedra(1), ou da flor da alfazema braba(1), ou hortelã-da-folha-miúda + cebola-branca(1).
- Colocar de molho em meio copo d'água 3 ameixas (1), por algumas horas, depois tomar esta água à vontade.
- Bater no liquidificador mamão(1) com iogurte natural ou ameixa + mamão(2), e tomar, diariamente, pela manhã em jejum.
- Mascar, diariamente, as folhas da alcachofra(1), e o bagaço jogar fora.
- Comer, diariamente, alho machucado com banana(1).

4.2.5 – Vômitos, enjôos

- Tomar chá das folhas do fumo (1), canela(3), colônia(2), chá preto(1), ou das sementes da erva-doce(4), ou das cascas da canela(13).

4.2.6 – Cólica do bebê, cólica de neném, cólica de menino.

- Tomar o chá das folhas de alfazema(2), chá preto(8), goiabeira(3), lima de umbigo(1), erva-cidreira(1), hortelã-da-folha-miúda(4), ou da flor da alfazema(8), jerimum caboclo(2), cabelo de milho(1), macela(1), ou das sementes da erva-doce(8), endro(1), ou do cabelo de coco(1)(fibras da casca do coco), ou camomila + hortelã(1), ou pitanga + goiabeira(1) ou da cebola roxa(1).
- Torrar e pisar as sementes do jerimum caboclo(2), ou as folhas do fumo(1), peneirar e com o pó fazer um chá e tomar.
- Esquentar a cuia da cabaça(6)(cabaça cortada no meio) no fogo e colocar sobre a barriga do neném.

4.3 – Na garganta, nariz e pulmões

4.3.1 – Problemas de garganta, amigdalite, dor de garganta, rouquidão, inflamação na garganta.

- Tomar o chá cozido ou abafado das folhas do alecrim(1), anad(1), arruda(1), confrei(1), eucalipto(2), hortelã vick(2), malva-rosa(1), mastruz(1), pitanga(1), tanchagem(8), saião(2), hortelã, hortelã-da-folha-grossa, hortelã-da-folha-grande(1), ou da flor da erva-cidreira(1), ou da semente do coentro(1), da pimenta-do-reino(1), ou cascas da romã(17), ou eucalipto + a flor do sabugueiro(1), romã + limão(1), romã + quixaba(1).

- Gargarejar o chá cozido das folhas do alecrim(2), malva do reino(3), tanchagem(20), arruda(1), vassourinha(1), bananeira(4), hortelã, hortelã-da-folha-grande ou hortelã-da-folha-grossa(1), malva-rosa(1), pitanga(1), ou da flor da erva-cidreira(1), ou da raiz do capim-santo(1), ou do limão(1) ou das sementes da pimenta-do-reino(4), ou das cascas da romã(33) ou quixaba + romã(1).

- Cozinhar as folhas do saião(2) com água e açúcar até dar ponto de mel, deixar esfriar e beber várias vezes ao dia.

- Deixar de molho em água de um dia para o outro as folhas da tanchagem(2), ou a semente da ameixa (1), ou a flor de sabugueiro(2), ou a raiz do fedegoso(1), mucambê(1), quebra pedra(1), ou a entrecasca ou a casca da aroeira(3), quixaba(2), umburana(1), cajueiro-roxo(1), ou romã(131); em seguida tomar e/ou gargarejar esta água várias vezes ao dia.
- Bater no liquidificador as cascas(5) e ou as sementes(2) ou fruto(2) da romã(9), ou folhas de mastruz(1), ou romã + folhas do saião(1), com leite, coar, e tomar.
- Retirar as sementes da romã(2), colocar para secar ao sol, pisar, peneirar; fazer o chá com o pó e gargarejar.
- Retirar as sementes da romã(1), salgar as cascas, torrar, pisar, peneirar; fazer o chá com o pó e gargarejar
- Torrar e pisar as sementes da sucupira(2), ou da pimenta-do-reino(2), fazer o chá abafado, coar e gargarejar.
- Mastigar as sementes da romã(2), e o bagaço jogar fora.
- Colocar a casca da romã(12) de molho na água rabelo, tomar e gargarejar diariamente

- Colocar sete sementes da sucupira (1) de molho em um vidro de biotônico fontoura por vinte quatro horas, depois tomar diariamente.
- Pisar as sementes da pimenta-do-reino(1), misturar ao vinagre e sal, dar uma ligeira fervura, deixar amornar e gargarejar.

4.3.2 – Tosse

- Tomar o chá cozido ou abafado das folhas do agrião(1), louro(2), alecrim(4), alfavaca(3), chumbinho(2), colônia(4), erva-cidreira(1), espriteira(1), eucalipto(2), hortelã-da-folha-miúda(4), hortelã vick(1), acônito(7) hortelã, hortelã-da-folha-grossa ou hortelã-da-folha-grande(7), juá(3), malva-rosa(12), mastruz(8), saião(11), ou da flor da boa noite branca(1), catingueira(1), cravo de defunto(2), muçambê(5), sabugueiro(23), ou da raiz do cardo santo(2), espinho cigano(7), fedegoso(1), ou da casca do marmeleiro(1), jatobá(3), aroeira(1), cumaru(1), ou do dente de alho(2).
- Tomar o cozimento das seguintes associações de plantas: agrião + hortelã + malva-rosa + mastruz + jatobá(1), alho + beterraba + cebola branca + muçambê(1), alho + saião(1), angico + cajueiro-roxo + mororó(1), acônito+malva-rosa(2), cajueiro-roxo + mororó(1), catingueira + muçambê(2), colônia + sabugueiro(2), euca-

lipto + hortelã + malva-rosa + sabugueiro + saião(13), hortelã-da-folha-grossa + mastruz(3), hortelã-da-folha-grossa + saião(1), hortelã-da-folha-miúda + cebola-branca(2), limão + romã(01), malva-rosa + saião(2), ou da romã + pepaconda(2).

- Tomar o xarope ou lambedor duas ou mais vezes ao dia preparado com as seguintes plantas ou associações:

Plantas: Das folhas do hortelã, hortelã-da-folha-grossa(40), malva do reino(1), malva-rosa(15), malva amargosa(1), manjerição(2), saião(6), ou da flor do muçambê(2), ou das cascas do abacaxi(1), angico(1), jatobá(2), romã(1), umburana(2), ou do mangará da bananeira(1), ou da cebola-branca(2).

Associações: alecrim + eucalipto + hortelã-da-folha-grande + jatobá + malva-rosa + muçambê + romã + sabugueiro + saião(3); alho + eucalipto + malva-rosa + sabugueiro(2); angico + cebola-branca + cumaru + eucalipto + hortelã + malva-rosa + mastruz + sabugueiro(1); angico + eucalipto(1); angico + hortelã(1); aroeira + hortelã-miúdo(1); aroeira + hortelã-miúdo + hortelã-da-folha-grossa + mastruz + sabugueiro + saião(3); bananeira-prata(mangará) + capim-santo + malva-rosa + mastruz(1); bananeira-prata(mangará) + capim-santo + hortelã-gordo + malva-rosa + mastruz(1); acônito + capim-santo + malva-rosa(2); beterraba + cebola-branca(3); beterraba + cenoura + cebola-branca +

erva-doce + laranja + louro + malva-rosa + mastruz + sabugueiro(3);
beterraba + colônia + hortelã + mastruz + sabugueiro(1); beterraba +
hortelã + sabugueiro(1); beterraba + saião(1); cajueiro-roxo + cebola-
branca + cumaru + favela + hortelã-da-folha-grossa + pepaconha(2);
capim-santo + cebola-branca + colônia + hortelã + malva-rosa + sabu-
gueiro(1); capim-santo + cumaru + hortelã-da-folha-grossa + laranjei-
ra + saião(1); capitão + eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + jatobá +
malva-rosa + mastruz + pepaconha + sabugueiro(1); capitão + euca-
lipto + hortelã-da-folha-grossa + jatobá + malva-rosa + mastruz + sa-
bugueiro(1); capitão + jatobá + sabugueiro(1); capitão + malva-rosa +
sabugueiro(1); cardo-santo + colônia + hortelã + muçambê + mas-
truz(1); cebola-branca + colônia + eucalipto + hortelã-da-folha-grossa
+ limão + mastruz + romã + sabugueiro(1); cebola-branca + colônia +
eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + mastruz + romã + sabugueiro(1);
cebola-branca + colônia + eucalipto + malva-rosa(2); cebola-branca +
colônia + eucalipto + malva-rosa + sabugueiro(1); cebola-branca +
cumaru + eucalipto + malva-rosa(1); cebola-branca + cumaru + favela
+ limão + sabugueiro + saião(1); cebola-branca + cumaru + sabuguei-
ro + saião(1); cebola-branca + eucalipto + hortelã-da-folha-larga +
malva-rosa + sabugueiro(2); cebola-branca + eucalipto + hortelã-da-
folha-larga + malva-rosa + sabugueiro(1); cebola-branca + eucalipto +
mastruz + sabugueiro(1); cebola-branca + hortelã-da-folha-larga +
malva-rosa + mastruz + sabugueiro(2); cebola-branca + hortelã-da-
folha-larga + malva-rosa + mastruz + sabugueiro(1); cebola-branca +

hortelã-da-folha-grossa + hortelã-da-folha-miúda + mastruz(1); cebola-branca + hortelã-da-folha-grossa(1); cebola-branca + hortelã-folha-grossa + malva-rosa + pepaiconha(1); cebola-branca + hortelã-graúdo + hortelã-miúdo + malva-rosa + sabugueiro(2); cebola-branca + hortelã + juá + mastruz(1); cebola-branca + hortelã + malva-rosa(1); cebola-branca + hortelã + sabugueiro + pepaiconha(1); cebola-branca + juá + mastruz(1); cebola-branca + malva-rosa(2); cebola-branca + muçambê + sabugueiro(1); cebola-branca + sabugueiro(1); colônia + cumaru + eucalipto + malva-rosa + sabugueiro(1); colônia + espinho-cigano + eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa + sabugueiro(1); colônia + eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa + muçambê + sabugueiro(2); colônia + eucalipto + hortelã-da-folha-grande + malva-rosa + sabugueiro(4); colônia + eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + muçambê + malva-rosa + sabugueiro(2); colônia + eucalipto + malva-rosa + mastruz + romã + sabugueiro(1); colônia + eucalipto + malva-rosa + sabugueiro(2); colônia + hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa + sabugueiro(1); colônia + hortelã + mastruz + sabugueiro(1); colônia + malva-rosa(1); cravo-de-funto + eucalipto + hortelã-folha-grossa + mastruz + sabugueiro(2); cumaru + hortelã-da-folha-grande + mastruz + romã + sabugueiro(1); cumaru + hortelã + limão + malva-rosa(1); cumaru + urtiga-branca(1); espinho-cigano + hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa + mastruz + sabugueiro(2); eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + jatobá + malva-rosa + mastruz + pepaiconha + sabugueiro(1); eucalipto + favela + hortelã-da-folha-

grossa + limão + malva-rosa + sabugueiro(1); eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + jatobá + malva-rosa + mastruz + pepaconda(1); eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + limão + malva-rosa(1); eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + limão + malva-rosa + sabugueiro(1); eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa + sabugueiro(3); eucalipto + hortelã-da-folha-miúda + mastruz + sabugueiro(2); eucalipto + hortelã-da-folha-miúda + sabugueiro(1); eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa(2); eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + mastruz + romã + sabugueiro + saião(1); eucalipto + hortelã-folha-larga + jatobá + malva-rosa + romã + sabugueiro(1); eucalipto + hortelã gordo + mastruz + saião(2); eucalipto + hortelã grosso + muçambê + mastruz + sabugueiro + saião(1); eucalipto + hortelã + jatobá + malva-rosa + mastruz + pepaconda(1); eucalipto + hortelã + malva-rosa + sabugueiro(4); eucalipto + jatobá + malva-rosa + mastruz + sabugueiro(1); eucalipto + malva-rosa + sabugueiro(2); eucalipto + malva-rosa + sabugueiro(8); eucalipto + muçambê + malva-rosa + mastruz + sabugueiro(1); favela + limão + sabugueiro(1); hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa(1); hortelã-da-folha-grande + juá(1); hortelã-da-folha-grande + mastruz + sabugueiro(1); hortelã-da-folha-grossa + hortelã-da-folha-miúda + sabugueiro(1); hortelã-da-folha-grossa + juá + malva-rosa + sabugueiro(3); hortelã-da-folha-grossa + laranja + mastruz + sabugueiro(1); hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa + mastruz(1); hortelã-da-folha-larga + jatobá + sabugueiro(2); hortelã-da-folha-miúda + mastruz(1); hortelã-da-folha-grossa + jatobá + pepaconda + sabuguei-

ro(1); hortelã-folha-grande + mangará-da-bananeira(1); hortelã-folha-grossa + jatobá + malva-rosa + sabugueiro(1); hortelã + juá + mastruz(1); hortelã + mastruz + saião(1); jatobá + malva-rosa + mastruz + sabugueiro(1); jatobá + malva-rosa + muçambê(1); jatobá + muçambê + sabugueiro(1); malva-rosa + mangará-da-banana-prata + mastruz(1); mastruz + sabugueiro + saião(1); mastruz + saião(2); muçambê + sabugueiro (1); pepaconha + romã(1).

- Fazer o chá bem forte com a flor e casca do cumaru(1), ou mastruz + hortelã-da-folha-grande + sabugueiro(1), coar, colocar açúcar e suco de laranja, levar novamente ao fogo, deixar apurar e em seguida tomar várias vezes ao dia.
- Colocar de molho em água, de um dia para o outro as cascas do angico(1), jatobá(1), ou mari(1), e em seguida beber à vontade.
- Bater no liquidificador com leite ou água e açúcar as folhas de mastruz(22), saião(14), capim-santo(1), hortelã-da-folha-miúda(1), malva-rosa(13), hortelã-da-folha-grande ou grossa(2), malva santa(1), mastruz + saião(1), hortelã + mastruz + saião(2), hortelã-da-folha-grande + mastruz + saião(1), hortelã-da-folha-grande + malva-rosa(1), hortelã-da-folha-miúda + hortelã-da-folha-gorda(1), hortelã-da-folha-grande + mastruz(1), ou fruto da acerola(2), caju(2), ou da beterraba(1), beterraba + saião(2), cebola-branca +

hortelã(1), ou hortelã-da-folha-grossa + saião(1), coar na peneira ou pano e tomar três ou mais vezes, diariamente, até melhorar.

- Pisar as folhas do saião(2), mastruz(5), hortelã-da-folha-miúda(1), espremer o sumo em pano e tomar em jejum e logo após tomar banho.
- Espremer três limões, retirar o sumo, misturar com três colheres de sopa de mel de urucu e tomar uma colher de sopa três vezes ao dia.
- Torrar três dentes de alho(2), pisar e fazer o chá cozido com o pó, abafar, coar e tomar.
- Colocar o mastruz(3) para ferver com leite, com uma pedra dentro; tomar pela manhã(“leite ferrado”).
- Bater as folhas do mastruz(5) com leite frio no liquidificador; colocar três pedras no fogo de lenha para esquentar e jogar dentro do leite batido, abafar e depois tomar(“leite assustado”).
- Pisar as folhas do mastruz (2), colocar em uma vasilha com leite, deixar ferver e tomar em jejum.

4.3.3 – Asma, cansaço

- Beber o chá das folhas do capim-santo(1), macassá(1), malva-rosa(1), hortelã-da-folha-miúda(1), colônia(1), ou da flor do sabugueiro(1), muçambê(3), ou da casca de maria(1), ou da colônia + manjerição(1), hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa(1), ou da semente do cardo santo(1), ou do dente de alho(1), ou de toda planta do melindro(2).
- Tomar o xarope ou lambedor das folhas do hortelã vick(1), malva-rosa(1), hortelã-da-folha-grossa(3), hortelã-da-folha-miúda +(1), ou da flor da angélica(2), boa noite branca(1), ou da casca do cumaru(2), ou da beterraba(2), cebola-branca(1), ou de toda planta da coroa de frade(6), ou das associações das plantas: hortelã-da-folha-grossa + eucalipto + sabugueiro + cebola-branca(2), colônia + hortelã-gordo + mangará-da-bananeira-prata(1), eucalipto + malva-rosa + mastruz(1), ou do eucalipto + muçambê + mastruz + sabugueiro(1).
- Torrar e pisar as cascas do cardo santo(1), as sementes do endro(1), quiabo(1), ou a raiz da maconha(1), e com o pó fazer um chá e tomar várias vezes ao dia, no período da crise.

- Colocar, permanentemente, um jarro de barro com o saião(1) no quarto da pessoa com asma.
- Cortar em fatias o mangará da bananeira(1), hortelã ou hortelã-da-folha-grossa(1), colocar em vasilha de barro, pôr açúcar , abafar por três dias, em seguida, tomar várias vezes ao dia.

4..3.4 – Bronquite, broncopneumonia, pneumonia, problemas pulmonares

- Tomar o chá cozido ou abafado das seguintes plantas: alecrim(2), sabugueiro(3), urtiga(1), cardo santo(1), cubati(1), muçambê(1), quebra pedra(1), ou saião(1).
- Tomar xarope ou lambedor das seguintes plantas ou associações: folhas da hortelã grossa(8), malva-rosa(2), saião(1), da casca do marizeiro(2), ou da cebola-branca(1), ou eucalipto + malva-rosa + colônia + mastruz + saião + hortelã(2), anador + angico + espinho cigano + eucalipto + hortelã folha miúda + hortelã folha grossa + juá + sabugueiro(2), beterraba + cebola-branca + cenoura + erva-doce + laranja + louro + malva-rosa + mastruz + sabugueiro(3), cebola-branca + hortelã-da-folha-miúda + hortelã-da-folha-gráuda

+ malva-rosa + sabugueiro(2), cumaru + hortelã-da-folha-grossa(1).

- Pisar ou passar no liquidificador as folhas do mastruz(11) com leite puro e cru, coar em um pano e tomar em jejum diariamente.
- Colocar a batata de purga cortada em cruz(1), em uma vasilha, sobre a mesma, pôr açúcar deixar receber sereno da noite(“serenar”) e tomar o mel formado durante o dia
- Esquentar uma pedra branca com açúcar preto no fogo e por cima jogar leite frio batido com mastruz(2), abafar, deixar esfriar e tomar.

4.3.5 – Catarro no peito, peito cheio, catarro, arrastar catarro

- Tomar o chá cozido ou abafado das folhas da malva-corama(3), saião moxo(5) erva-cidreira(1), hortelã-da-folha-grande + mastruz(5), folha do muçambê(1), saião(9), tanchagem(1), ou da flor do muçambê(7), sabugueiro(1), ou da raiz do cardo santo(4), fedegoso(1), pepaonha(2), vassourinha(1), ou da casca do angico(1), catingueira(1), mastruz + juá + mororó(2), ou caule do cardeiro(1).
- Tomar o chá da raiz do cardo santo(1) cortado em cruz.

- Tomar o xarope ou lambedor feito com as plantas ou associações das plantas:

plantas: folha do juá(2), malva-rosa(5), mastruz(2), ou saião(1), ou da casca do cajueiro-roxo(2), cumaru(4), ou mangará da bananeira(2), ou toda planta do cardo santo(1), ou da cebola-branca(5), ou da folha e raiz do capim-santo(2).

Associações de plantas: cravo-de-defunto + eucalipto + hortelã-folha-grossa + mastruz + sabugueiro(3); cumaru + hortelã-da-folha-grande + saião(1); cumaru + mororó(1); erva-cidreira + eucalipto + figueira + hortelã-da-folha-grande + mangará da bananeira(5); hortelã-da-folha-grande + mangará da bananeira(1); hortelã-da-folha-grossa + hortelã-da-folha-miúda(2); hortelã-da-folha-grossa + hortelã-homem(1); hortelã folha grande, hortelã folha grossa(16); hortelã + malva-rosa(1); malva-rosa + saião(4).

- Bater no liquidificador com água as folhas do mastruz(10), saião(8), sena(1), ou a banana-prata + couve + repolho(1); malva-rosa + saião(1); peneirar, colocar açúcar ou não e tomar diariamente.
- Pisar e retirar o sumo das folhas do saião(3), mastruz(17), misturar com leite e tomar em jejum e logo após tomar banho.

- Pisar as folhas do mastruz(2), em um pano, espremer e retirar o sumo, em seguida tomar três vezes em dias ímpares(3^a, 5^a, Sábado).

4.3.6 – Sinusite

- Fazer abafador com o cozimento das folhas da colônia(1), eucalipto(7), laranjeira(1),mastruz(3),alfavaca + hortelã-miúda(1); malva-rosa + mastruz(1); colônia + hortelã-da-folha-grossa(1); ou a cabacinha(18), ou a casca da laranja mimo do céu(1).
- Cozinhar as folhas do alecrim(2), eucalipto(3), em água, tomar um pouco e fazer inalação.
- Fazer um chá bem forte com a casca do quina quina(2), molhar um pano neste chá quente, e envolver a cabeça.
- Dividir a cabacinha(3) em quatro partes, fazer um cozimento com uma parte, cheirar a fumaça(inalar o vapor) e jogar o restante da cabacinha fora, sem olhar para trás.
- Partir a cabacinha(6) em quatro partes, uma parte colocar de molho no álcool de um dia para o outro. Passar na testa e cheirar várias vezes ao dia.

- Torrar a semente do quiabo(1), pisar e fazer um chá com o pó, e tomar.
- Cortar em cruz a cabacinha(9) com uma parte fazer o chá, inalar o vapor e banhar o rosto com o restante do chá.
- Pisar a casca com a semente do cumaru com um pedaço de fumo de corda picado(2), misturar bem e cheirar

4.4 – No canal auditivo

4.4.1 – Dor de ouvido, inflamação no ouvido, otite, ouvido estourado.

- Colocar dentro do ouvido as plantas ou associações de plantas, pisadas, envolvidas ou não em pedaço de algodão:

plantas: alecrim(2), arruda(38), capim-santo(1), hortelã vick(1), hortelã-da-folha-miúda(3), macassá(24), manjerição da folha miúda(1) manjerição(5), boa noite(2), batata da angélica(2), ou um dente de alho(1).

associações: arruda + macassá(4); manjerição + arruda + macassá(1); jerimum-de-leite + arruda(1); macassá + arruda + alecrim(1); arruda + alecrim(1); arruda + boa noite(1); arruda + alho + boa noite(1).

- Pisar as folhas da arruda(12), macassá(6), ou um dente de alho(1), misturar com leite de peito e colocar no ouvido.
- Machucar as folhas do algodão(2), manjerição(3), arruda(4), hortelã vick(1), ou a flor da boa noite branca(10), boa noite roxinha(1), jerimum(3), macassá(5), arruda + macassá(3); ou arruda +

boa noite branca + alho(2); Espremer, coar em um pano, retirar o sumo, e pingar duas gotas no ouvido, várias vezes ao dia, até passar a dor.

- Esquentar a folha do hortelã-da-folha-grande(1) no fogo, espremer e deixar cair o sumo direto no ouvido.

- Pisar, espremer, e retirar o sumo das folhas do macassá(27), arruda(35), hortelã-da-folha-grande (4), manjerição(2), malva-rosa(1), ou a flor da angélica(2), boa noite branca(10), jerimum cabloco(1), ou do dente de alho(1), ou as folhas do macassá + arruda(2); macassá + hortelã-da-folha-grande(1); arruda + alecrim(1); ou a flor da boa noite + a folha da arruda(1). Com o sumo molhar uma lã e colocar dentro do ouvido.

4.5 – Oculares

4.5.1 – Inflamação nos olhos, conjuntivite, olhos vermelhos, olhos remelados, dor nos olhos, irritação no olhos.

- Fazer um chá cozido bem forte com as folhas do alecrim(2), louro(1), gergelim de cobra(1), laranjeira(1), boldo(1), chá preto(21), confrei(2), hortelã-da-folha-miúda(6), hortelã macho(2), mastruz(1), manjerição(1), manjerona(1), ou toda planta do melão-de-são-caetano(1), coar e lavar os olhos com este cozimento. No caso do boldo(1) e do chá preto(8) aconselham além de lavar os olhos tomar um pouco.
- Lavar os olhos com o cozimento feito das sementes torradas do girassol(1)
- Picar as folhas das plantas: arruda(4), mandioca(1), mandioca + arruda + manjerição(1), arruda + hortelã + manjerição(2), colocar em um vasilha de barro, deixar receber o sereno da noite e lavar os olhos com esta água.
- Pisar e retirar o sumo das folhas do mastruz(1), arruda(6), manjerição(1), ou da semente da romã(4), e pingar uma gota no olhos.

- Passar as folhas do hortelã-da-folha-miúda(2) no liquidificador com água, coar e lavar os olhos.
- Bater no liquidificador as cascas da romã(1) com água rabelo, coar e lavar os olhos.

4.6 – Na Pele

4.6.1 – Verruga

- Pisar, espremer em um pano, retirar o leite das plantas: avelós(2), ou velame(1), e colocar sobre a verruga até cair.
- Esfregar a castanha do caju(1) ou limão(2) com sal sobre o local, jogar a castanha para trás sem olhar onde a mesma vai cair.
- Espremer e esfregar a cebola braba do mato(1), burra leiteira(1) ou as folhas de louco(1), pinhão(1) ou de louro(2) até esquentar e sangrar, e as partes das plantas utilizadas colocar na saída do “fumeiro” por sete dias ou até a verruga cair.
- Amarrar a verruga com um fio de cabelo molhado no leite mamo(2), e deixar até cair.
- Colocar sobre a verruga, pólvora com limão(2), repetir várias vezes até a verruga cair.

4.6.2 – Frieira

- Fazer cozimento das folhas do boldo(1), ou salsa(1) em água, tomar um pouco e deixar os pés de molho por algum tempo.
- Fazer o cozimento da semente pisada do gergelim de cobra(1) com sal e água, e lavar o local
- Retirar o sumo da folha da cabaça(1), ou do limão(1) e colocar sobre a frieira.
- Esquentar no bafô do fogo de lenha as folhas da cabaça(6), fedegoso(1), fumo(1), gergelim de cobra(2), colocar sobre o local e amarrar com um pano.
- Colocar sobre o local a folha quente da erva babosa(1), ou fava(1).
- Esfregar e espremer a folha do coentro(1), ou do gergelim de cobra(1), sobre frieira até esquentar e sair todo o sumo.

4.6.3 – Mancha branca, erisipela ou vermelhão na pele

- Lavar o local várias vezes ao dia com o cozimento das folhas do pinhão roxo(1), ou da oliveira(1).

- Colocar a raiz da mangerioba de molho em álcool de um dia para o outro, depois lavar o local com este álcool.
- Esfregar as folhas do rabo de raposa(2) no local da mancha.

4.6.4 – Furúnculos, abcessos, tumores

- Pisar o “caroço do algodão”(1) colocar para cozinhar em água, deixar esfriar e tomar, diariamente, até os furúnculos secarem. Após isto, nunca mais aparecem furúnculos.
- Lavar o local com chá bem forte das folhas do manjerição(1)
- Colocar em uma garrafa a semente do algodão de seda(6) de molho no vinho branco ou cachaça, enterrar por sete dias, e em seguida tomar, diariamente, um gole em jejum e logo após tomar banho.
- Machucar e esquentar as folhas do saião(1), ou a casca da aliaça(1), colocar sobre o local e amarrar com um pano.
- Colocar as folhas picadas da pimenta-malagueta(4), ou do saião(1), de molho em água por algumas horas, esquentar esta água, molhar um pano ou algodão e colocar sobre a área afetada.

- Retirar o sumo das folhas do pinhão bravo(1), ou erva babosa(2), e colocar sobre o local.
- Molhar a “pele” do tomate(11), ou as folhas da carrapateira(1), repolho(1), pimenta(2), hortelã-da-folha-miúda(1), ou da pimenta-malagueta(16) na manteiga, ou óleo de linhaça, ou banha de galinha quente, e colocar sobre o local.
- Retirar o miolo da folha da erva babosa(3) esquentar e colocar sobre o furúnculo até “estourar”.

4.6.5 – Cortes, feridas de pele, pereba, cicatrização, rachão nos pés.

- Lavar o local com o cozimento das folhas do fedegoso(1), ou das cascas da quixaba(1), barbatimão(1), ou umburana(1)
- Colocar sobre a área a raspa da casca da maniçoba(1)
- Pôr de molho em água as cascas da romã(3), aroeira(1), ou cajueiro-roxo(1), de um dia para o outro ou até a água mudar de cor, e lavar a área afetada com esta água.

- Colocar de molho em água as cascas do cajueiro-roxo + quixaba + romã(1), ou da quixaba(1) de um dia para o outro, tomar um pouco desta água e lavar o local diariamente.
- Machucar e tirar o sumo das folhas da erva babosa(3), ou alecrim(1), e pôr sobre o local.
- Torrar e pisar as cascas da aroeira(1), lacre(1), ou romã(1) passar em pano ou peneira, e colocar o pó sobre o ferimento.
- Pisar a raiz seca da pepaconda(1), peneirar em um pano ou peneira e tomar o chá feito com o pó.
- Cozinhar as folhas do saião(1) em água, molhar uma lâ e colocar sobre a área.

4.6.6 – Caspa

- Tomar e lavar a cabeça com o cozimento da raiz da urtiga(1)
- Lavar a cabeça com o cozimento da casca do juá(1)

- Colocar as cascas do mulungu(1), juá(12), ou a raiz do quebra pedra(1), ou a folha do juá(1) de molho em água por algumas horas, e depois lavar a cabeça.
- Esfregar o sumo das folhas da laranjeira lima(1) nos cabelos, deixar por alguns minutos, e lavar a cabeça. Repetir até desaparecer a caspa.
- Passar no liquidificador as folhas da erva babosa(6) com água e sabão de coco, em seguida usar para lavar a cabeça.

4.6.7 – Impingem

- Pisar a folha do coentro(1) e colocar sobre a impingem
- Coçar a impingem e colocar sobre a mesma as folhas frescas do mata pasto do Pará(1) pisadas com sal.
- Coçar a impingem até sangrar, esfregar e espremer sobre a impingem o sumo das folhas da fava(4), salsa(2), velame(5), pinhão bravo(1), coentro(5), limão(2), pinhão roxo(1), ou casca do pinhão branco(1)

- Pisar e tirar o sumo das folhas do algodão de seda(3), maxixe de corda(1), mata pasto do Pará(1), limão(1), erva babosa(1), ou o leite do avelós(1), ou mamoeiro(1), e colocar sobre a impingem.
- Coçar a impingem até sangrar, colocar o sumo do limão(4) com pólvora.

4.6.8 – Sarna, coceira no corpo

- Beber cozimento das folhas do melão-de-são-caetano(1), ou da salsa(3)
- Tomar banho com o cozimento das folhas da malva-branca(2), salsa(13), ou salsa + melão-de-são-caetano(2) ou do melão-de-são-caetano(1).
- Cortar a batata de purga(1) em cruz colocar de molho em água de um dia para o outro, beber um pouco e tomar banho com esta água
- Colocar as cascas do juá(1), e as folhas do melão-de-são-caetano(1), de molho em água, e após algumas horas tomar banho com a água.

- Esfregar e espremer sobre a coceira o sumo das folhas da salsa(2), melão-de-são-caetano(3), coentro(1) ou as de salsa + melão-de-são-caetano(1), deixar secar e tomar banho só no dia seguinte.

4.6.9 – Eczema, ferida braba, ou ferida que não sara

- Pisar ou amassar a folha do fumo fresca com semente mais a folha do mastruz(2) ou a folha do bom nome(1), e colocar sobre a ferida lavada e enxuta.
- Torrar a folha do fumo(2), louro (2), pisar, peneirar e colocar o pó e colocar na ferida lavada e enxuta.

4.7 – Genitais femininos

4.7.1 – Corrimento vaginal, inflamação de útero ou ovário, arrochar as carnes.

- Beber e ou tomar banho de assento com chá cozido ou abafado das seguintes plantas ou associações:

plantas: algodão(2), abacateiro(1), angico(1), boa noite(2), cajueiro-roxo(16), chanana(1), erva-doce(3), graviola(1), hortelã-da-folha-grande(2), jatobá(1), melão-de-são-caetano(1), quixaba(7), quebra pedra(2), romã(1), barbatimão(2), mangueira espada(1), algodão preto ou de mocó(1), aroeira(1), alfavaca(1), salsa(1), pepaconha(1), saião(1), endro(1).

associações: barbatimão + caju roxo(1); quixaba + cajueiro-roxo(2); cajueiro-roxo + aroeira(2); caju roxo + pau d'arco roxo(1); cana do brejo + maria três babados(1); cajueiro-roxo + quixaba + favela(2); romã + vassourinha de botão(1); cajueiro-roxo + romã(2); favela + cajueiro-roxo(2); ou quixaba + chanana(1); angico + favela + quixaba + pau d'arco roxo(1); cajueiro-roxo + jatobá(1); cajueiro-roxo + romã + quixaba + (1); jatobá + malva-rosa + muçambê(1); ou bom nome + cajueiro-roxo(1).

- Tomar um gole diário do chá de urtiga-branca(6), misturado com vinagre branco.
- Colocar de molho no vinho branco as seguintes plantas: a semente do girassol(1), ou raiz da urtiga-branca(7), ou as cascas do cajueiro-roxo(1), aroeira + cajueiro-roxo + quixaba(1); aroeira + favela(1); favela + quixaba(2); favela + cajueiro-roxo + aroeira(1); ou cajueiro-roxo + quixaba + barbatimão + urtiga-branca + romã + chanana(2); enterrar durante sete dias, em seguida beber um cálice, diariamente, e logo após tomar banho.
- Pôr de “molho” em água de um dia para o outro as plantas ou associações de plantas seguintes, em seguida coar ou não e beber esta água, diariamente, duas vezes:

plantas: quixaba(16), cajueiro-roxo(33), favela(8), algaroba(1), aroeira(8), barbatimão(2), jatobá(1), pau d’arco roxo(2), bom nome(2), romã(2)

associações: cajueiro-roxo + aroeira(1); cajueiro-roxo + quixaba + favela(2); quixaba + cajueiro-roxo(7); favela + aroeira(2); pau d’arco + urtiga-branca(1); quixaba + romã + cajueiro-roxo(3); cajueiro-roxo + quixaba + urtiga-branca(1); barbatimão + cajueiro-roxo + favela + quixaba(1); cajueiro-roxo + aroeira + favela(2); aroeira + quixaba(1);

ou quixaba + bom nome + cajueiro-roxo(1); cajueiro-roxo + favela + pau d'arco roxo + quixaba + urtiga-branca(1); cajueiro-roxo + favela + pau d'arco + quixaba(1); cajueiro-roxo + favela + urtiga-branca(1); cajueiro-roxo + pau d'arco roxo + quixaba(1); cajueiro-roxo + romã(1); favela + quixaba(2); favela + urtiga-branca(1); urtiga-branca(2); angico + favela + pau d'arco roxo + quixaba(1); aroeira + barbatimão + quixaba(1); aroeira + cajueiro-roxo + chanana + favela(1); aroeira + cajueiro-roxo + favela + urtiga-branca(1); aroeira + cajueiro-roxo + quixaba + urtiga-branca(1); aroeira + quixaba + romã(1); barbatimão + cajueiro-roxo(1); barbatimão + cajueiro-roxo + chanana + quixaba + romã + urtiga-branca(2); barbatimão + cajueiro-roxo + favela(1); barbatimão + cajueiro-roxo + jatobá + pau d'arco roxo(1); cajueiro-roxo + chanana + eucalipto + favela(1); cajueiro-roxo + chanana + favela + jatobá + pau d'arco roxo + urtiga-branca(1); ou cajueiro-roxo + favela + pau d'arco roxo + quixaba + romã + sucupira(1).

- Pôr de “molho” em água plantas ou associações de plantas seguintes por algumas horas, coar e tomar banho de assento com esta água:

plantas: confrei(2), quixaba(5), aroeira(2), cajueiro-roxo(5).

associações: aroeira + favela(2); cajueiro-roxo + favela + pau d'arco roxo + quixaba + urtiga-branca(1); cajueiro-roxo + favela + pau d'arco + quixaba(1); cajueiro-roxo + favela + urtiga-branca(1); cajueiro-roxo + quixaba(2); cajueiro-roxo + favela + quixaba(1); aroeira + cajueiro-roxo(1); aroeira + cajueiro-roxo + favela + urtiga-branca(1); barbatimão + cajueiro-roxo + jatobá + pau d'arco roxo(1); cajueiro-roxo + chanana + eucalipto + favela(1); ou cajueiro-roxo + favela + pau d'arco roxo + quixaba + romã + sucupira(1); em seguida tomar banho de assento.

- Colocar as cascas da romã(4), de molho em água rabelo de um dia para o outro, e beber diariamente.
- Pisar, tirar e tomar o sumo da folha do saião(2)

4.7.2 – Cólica menstrual, cólica de mulher, cólica daqueles dias, dor de mulher, cólica pré-menstrual, regular menstruação e cólicas.

- Tomar o chá cozido ou abafado das plantas: alfazema(1), louro(1) anador(7), arruda(41), cajueiro-roxo(1), capim-santo(1), erva-cidreira(5), erva-doce(6), endro(11), hortelã(7), hortelã sete dores(1), hortelã-da-folha-miúda(12), alecrim(3), quebra pedra(2), arruda + hortelã miúdo(2); boa noite branca(2); arruda + alecrim(6); ou da alfazema + endro(1).

- Pisar sementes do cuminho(2), ou folhas da favela(1), colocar de molho na cachaça por algumas horas, em seguida tomar.
- Bater no liquidificador folhas da arruda(5), ou a cenoura(1), com água, coar em um pano ou peneira e beber este suco várias vezes ao dia.
- Pisar folhas da arruda(1), tirar o sumo, misturar com cachaça e tomar.

4.7.2 – Amenorréia, pouco sangue

- Tomar o chá das folhas da hortelã miúdo(1).

4.8 – Urogenitais masculinos

4.8.1 – Inflamação na uretra ou próstata

- Tomar o chá das folhas de quebra pedra(2), canela de macaco(1), ou das raízes da urtiga-branca(1), ou da gogóia(1).
- Colocar as raspas das cascas do bom nome(1), ou da piaca(Í) de molho em água por algumas horas, e em seguida tomar esta água diariamente.
- Cortar a batata da cabeça de negro(2), colocar de molho no álcool de um dia para o outro, beber um pouco, diariamente, em jejum, e tomar banho logo em seguida.

4.8.2 – Aumentar potência sexual

- Colocar de molho as cascas do bom nome(1) por algum tempo, depois tomar, diariamente, esta água.

4.9 – Obstétricos

4.9.1 – Aborto, perder menino

- Tomar o chá cozido ou abafado bem forte até abortar das folhas da castanhola(2), macela(1), sena(2), hortelã da folha miuda(1), ou da flor ou raiz da boa noite(3), cabelo de milho(1), ou da cabacinha(2), ou da raiz do fedegoso(10), quebra pedra(7), coco catolé(1), ou da raspa da casca do coco verde(1), umburana(1), do cabelo do coco(2), romã(1), ou cabeça de negro(1).
- Colocar a raiz da manjerioba(1) de molho na cachaça de um dia para o outro e depois beber várias vezes até abortar.
- Colocar de molho em água por algumas horas a casca de umburana(2), cajueiro-roxo(1), ou raiz de manjerioba(1), e beber esta água à vontade.

4.9.2 – Engravidar, embuchar, emprenhar

- Pôr de molho no vinho branco cajueiro-roxo + quixaba + urtiga-branca(1), depois beber um cálice do vinho diariamente.

4.9.3 – Diminuir o leite de peito, diminuir o leite da mãe, diminuir leite da mãe

- Cortar o talo da carrapateira(2), fazer um rosário e usar no pescoço até o leite secar.
- Cortar o talo da carrapateira(5) em rodela, fazer um colar e usar no pescoço até que seque o leite. Após isto tirar o colar e pôr no fogo.

4.9.4 – Facilitar o parto, ajudar no parto

- Tomar chá da raiz da vassourinha de botão(1), ou do fedegoso(1).

4.10 – Renais

4.10.1 – Problema renal, infecção renal, pedra nos rins, crise renal

- Tomar o chá das folhas ou sementes do abacateiro(18), canela de macaco(1), cana do brejo(2), chá preto(3), capim-santo(2), coité(1), confrei(1), erva santa(1), graviola(1), mangueira espada(1), mororó(1), pega pinto(2), quebra pedra(5), urinana(4), ou da flor do cabelo de milho(3), ou da raiz do coco catolé(4), coco da bahia(3), coité(1), gogoia(1), quebra pedra(8), urinana(2), ou de toda planta do quebra pedra(1).

- Picar ou pisar as folhas do mororó(2), abacateiro(6), ou as cascas de bom nome(2) ou a raízes do pega pinto(1), colocar de molho em água de um dia para o outro ou até a água mudar de cor. Em seguida, tomar esta água à vontade.

4.11 – Cardíacos e circulatórios

4.11.1 – Hipertensão, pressão alta

- Tomar o chá abafado ou cozido das folhas do alecrim(2), azeitona preta(2), boldo(1), cana do brejo(1), cana-de-açúcar(5), capim-santo(5), castanhola(2), chumbinho(1), colônia(3), erva-cidreira(13), hortelã-da-folha-miúda(1), laranjeira(2), maracujá(1), pitangueira(1), ou da flor da camomila(3), sabugueiro(69), ou da semente alpiste(3), endro(2), erva-doce(6), ou da casca do chuchu(24), canela(3), ou das associações de plantas: alface + sabugueiro(1); alho + chuchu + girassol(1); capim-santo + erva-cidreira(1); capim-santo + erva-cidreira + sabugueiro(2); chuchu + sabugueiro(4); colônia + sabugueiro(2); ou erva-doce + sabugueiro(1).
- Machucar um dente de alho(1), colocar de molho em meio copo d'água de um dia para o outro e tomar diariamente.
- Colocar a casca do mulungu(1), ou folha da castanhola(1), pisadas de molho em água, deixar por algumas horas, depois beber esta água.

- Passar no liquidificador com um pouco d'água o chuchu sem caroço(21), ou polpa do abacaxi(3), ou pepino(1), coar e beber o suco com ou sem açúcar.
- Mascar as folhas do saião(1).
- Comer um dente de alho(1) diariamente.

4.11.2 – Trombose, enfarto, congestão, ramo, derrame, problemas do coração, problemas cardíacos, problemas circulatórios.

- Tomar o chá das folhas hortelã miúdo(20), chá preto(1), alecrim(16), alfinete(1), erva-cidreira(1), espriteira(1), melindro(2), aroeira(1), macassa(1), malva-rosa(1) ou das flores do endro(10), sabugueiro(7), camomila(3), ou das sementes do endro(27), erva-doce(6), alpiste(2), ou da cebola-branca(1), ou hortelã-da-folha-miúda + sabugueiro(3); hortelã-da-folha-miúda + endro + vassourinha de botão(1).
- Deixar de molho de um dia para o outro as folhas do boldo(1), ou as cascas do cedro(1), coar e beber todos os dias um pouco.
- Tomar o sumo da folha do hortelã miúdo(2).

- Passar as folhas frescas do hortelã miúdo(2) com mel de abelha no liquidificador, coar e tomar o sumo
- Torrar as sementes do girassol(2), pisar e com este pó fazer m chá cozido bem forte, coar e tomar.
- Fazer um cozimento bem forte com as folhas da hortelã miúdo(8), coar e misturar com uma garrafa de aguardente alemã e tomar um pouco diariamente.
- Tomar o cozimento das folhas do hortelã miúdo(2), misturado com cachaça.
- Comer um dente de alho(1) diariamente.
- Mascar as folhas do saião(1) diariamente.

4.11.3 – Hemorragias, perda de sangue

- Tomar o chá das folhas do hortelã(10), da flor do bredo(1), ou da semente do café(1).
- Pisar as sementes do chá preto(1), colocar de molho por algumas horas, coar e beber.

- Tomar o suco do limão(1) em jejum diariamente.

4.11.4 – Hemorróides, hemorróides de botão

- Beber o chá cozido ou abafado das folhas do melão-de-são-caetano(3), da vassourinha de botão(5), cumapu(1), cumaru(1), pimenta-malagueta(1), erva babosa(1), ou da flor da camomila(1), ou da raiz da urtiga-branca(1), espinho guabiru(1), ou da batata de purga(1), ou das associações das plantas: alecrim + erva-cidreira(2), batata de purga + beterraba + canela + cravo + erva-doce(1).
- Tomar banho de assento com o chá forte das folhas do fumo(1), melão-de-são-caetano(4), vassourinha de botão(5), cumapu(1), ou cumaru(1).
- Colocar em água as folhas e frutos picados do melão-de-são-caetano(8), por algumas horas e depois coar na peneira e tomar banho de assento.
- Pisar e tirar o sumo das folhas do erva moura(1), e tomar com mel ou açúcar.
- Bater no liquidificador mamão(1) com mel e tomar

- Tirar o leite da casca do mamão(1) colocar em meio copo de água e tomar diariamente.
- Descascar as folhas da erva barbosa(22), ou coroa de frade(1), lavar para tirar a baba, cortar em forma de supositório e usar na região anal.

4.11.5 – Afinar sangue, sangue grosso

- Beber chá das folhas da azeitona preta(3), hortelã-da-folhamiúda(2), ou da casca do mororó(2).
- Pisar a raiz seca da batata de purga(1), colocar de molho no vinho branco de um dia para o outro e tomar, diariamente, em jejum, e logo em seguida tomar banho.
- Colocar as cascas do mororó(2) ou da batata de purga(1), de molho em água, deixar mudar de cor e após isto tomar um pouco várias vezes ao dia.

4.11.6 – Varizes

- Colocar de molho no álcool as folhas de arruda(1) picadas, molhar um pedaço de algodão e passar nas pernas
- Lavar as pernas com o cozimento quente das flores do sabugueiro(2), e molhar um pano e amarrar no local.

4.11.7 – Edema, inchaço no corpo

- Beber chá das folhas da erva-cidreira(4), ou das flores do sabugueiro(2).

4.12 – Nutricionais

4.12.1 – Anemia, sangue fraco, desnutrição, fraqueza

- Beber chá das folhas da erva-cidreira(14), capim-santo(4), maracujá(1), hortelã-da-folha-miúda(1), ou da flor da camomila(1), ou da semente de erva-doce(2) ou da casca da jabuticaba(1).
- Colocar a beterraba(5), ou beterraba + cenoura + goiaba(1), cortada com água e açúcar para cozinhar até dar ponto de mel, deixar esfriar, coar e tomar várias vezes ao dia.
- Bater no liquidificador beterraba(8); beterraba + laranja(2); maçã + mamão(1); beterraba + cenoura + limão(1); cenoura + agrião + laranja(1); ou cenoura + beterraba + tomate(1); beterraba + cenoura + laranja(1); com açúcar ou mel, coar e tomar diariamente.
- Pisar a semente seca do girassol(1) peneirar em um pano e o pó misturar aos alimentos.

4.12.2 – Perder peso, emagrecer

- Beber chá das folhas de azeitona(1), confrei(2), graviola(2).

- Colocar as folhas da azeitona preta(1) de molho em água e tomar substituindo a água.

4.12.3 – Falta de apetite, fastio

- Tomar chá das folhas do capim-santo(7), laranjeira(4), erva-cidreira(9), boldo(1), chá preto(3), ou da semente de erva-doce(4), ou da casca da canela(2).

4.13 – Nos Ossos e Articulações

4.13.1 – Problema de coluna, espinhela caída, dor nas costas, contusões, pancadas, traumatismos, dor no espinhaço.

- Tomar chá das folhas da erva-cidreira(1), mangueira espada(1), coité(1), graviola(1), laranjeira(1), malva-rosa(1), saião(1), ou da flor da boa noite branca(1) ou com a polpa do fruto do coité(3), ou a semente do jatobá(1), ou raiz do quebra pedra(1), ou vassourinha de botão(1).
- Colocar no chá forte feito com a casca da barriguda(1) açúcar levar ao fogo para apurar(ponto de mel), e tomar.
- Pisar folha do mastruz(2), colocar em um pano e amarrar no local.
- Colocar de molho em água de um dia para o outro cascas do mororó(1), quixaba(9), aroeira(1), ou a semente da sucupira(1), ou a raiz da do coco catolé(1), ou as cascas do angico + favela + pau d'arco roxo + quixaba(1), e tomar esta água diariamente.
- Colocar folha quente do saião(1) no local da pancada.

- Esfregar a folha do arruda(1) no local.

4.13.2 – Reumatismo, artrose, artrite, dor nas juntas.

- Tomar chá da folha da samambaia(1) ou da semente do endro(1).
- Tomar suco de melão(3).
- Usar folha quente do melão-de-são-caetano(1), salambaia(1), trapia(1), ou do gergelim de cobra(1) no local da dor.
- Pisar três sementes de sucupira(2) colocar no biotônico fontoura e tomar um colher de sopa diariamente.

4.14 – Parasitoses externas

4.14.1 – Piolho, pediculose

- Pisar as folhas da pinha(1), fumo(1), arruda(5), ou o fruto do melão(1), tirar o sumo, passar no cabelo, deixar por algumas horas e depois lavar a cabeça.

4.15 – Parasitoses Internas

4.15.1 – Verminoses, vermes, oxiúros, amebas, giárdias.

- Tomar o chá das folhas do capim-santo(1), hortelã(3), hortelã-da-folha-miúda(35), mamoeiro(2), mastruz(6), melão-de-são-caetano(4), vassourinha de botão(4), ou do fruto do melão-de-são-caetano(2), ou da semente do mamoeiro(4).
- Tomar banho de assento com o cozimento das folhas ou dos frutos do melão-de-são-caetano(4), ou das folhas da vassourinha de botão(4), erva babosa(1), ou de toda planta da coroa de frade(1).
- Pisar as folhas do hortelã miúdo(3), fazer um chá forte, coar e colocar açúcar levar ao fogo até dar ponto de mel. Depois tomar durante sete dias e parar nove dias, e proceder deste modo até completar nove vezes.
- Colocar cinco folhas do mamoeiro de molho(1), ou a casca da catingueira + marmeleiro(1), em água, e tomar pela manhã e à noite.
- Pisar ou passar no liquidificador as folhas do hortelã(4), hortelã-da-folha-miúda(26), mastruz(24), saião(1), erva moura(1), com água ou leite, adoçar com mel ou açúcar e tomar em jejum.

- Tirar leite do mamoeiro(4), ou marmeleiro(1), misturar com água e tomar em jejum diariamente.
- Torrar a semente do mamoeiro(4), pisar e com o pó fazer um cozimento, coar e tomar.
- Mascar as folhas do hortelã-da-folha-miúda(3).
- Comer um dente de alho(3) machucado com banana durante sete dias seguidos.
- Comer um dente de alho(1) diariamente.
- Colocar as cascas frescas e picadas da catingueira(1), ou as folhas com fruto do melão-de-são-caetano(1), em vasilha de barro virgem, pôr açúcar sobre as mesmas, deixar receber o sereno da noite, e tomar no dia seguinte, o melaço formado.

4.16 – Dores

4.16.1 – Dor de cabeça, cefaléia

- Beber o chá cozido ou abafado das folhas do anador(20), hortelã-da-folha-miúda(9), mastruz(1), laranjeira(2), arruda(2), capim-santo(6), boldo(1), colônia(7), erva-cidreira(2), alecrim(1), malva-rosa(1), eucalipto(3), chá preto(4), camomila(1), hortelã(1), ou a flor da macela(1), sabugueiro(4), mamão de corda(1), ou as sementes do erva-doce(10), endro(6), a casca da canela(1), ou as folhas do capim-santo + erva-cidreira(1); ou hortelã + arruda(1).
- Colocar em volta da cabeça as folhas da carrapateira(9), mamona(2), arruda(3), manjerioba(1), manjerição(1), aroeira(1), amarrar um pano ou colocar um chapéu sobre as folhas, deixar até passar a dor ou secar as folhas.
- Colocar em volta da cabeça as folhas da carrapateira(8), pinhão roxo(1), colônia(1), arruda(2), manjerioba(1), manjerição(1), erva-cidreira(1), esquentadas no bafo da panela. Amarrar um pano ou colocar chapéu sobre as folhas e deixar até passar a dor.
- Amarrar a cabeça com um pano molhado no cozimento quente das folhas do anador(1).

- Colocar na testa a batatinha(7) cortada em rodela ou batatinha + as folhas da arruda(1), e amarrar um pano, ficar em ambiente escuro e calmo até passar a dor.
- Cheirar e passar na testa as folhas da arruda(2), manjerição(1), lima(3) ou arruda + manjerição + malva-rosa(1), machucadas no álcool.

4.16.2 – Enxaqueca

- Beber o chá das folhas do chá preto(2), guandu(2), hortelã miúdo(1), erva-cidreira(1), ou das flores do cravo(2), erva-doce(3), endro(1), ou da raiz do mamoeiro(2), ou da casca da canela(3), ou laranjeira + cravo do reino(2); ou pimenta-do-reino + alho(1); capim-santo + eucalipto + limão + romã + sabugueiro(1).
- Torrar a castanha do caju(1), pisar peneirar e com o pó fazer um chá e tomar.
- Fumar o cigarro das folhas secas do guandu(2).

4.17 – Febres e Gripes.

4.17.1 – Febre, corpo quente, corpo esquentado, febre alta.

- Beber o chá cozido ou abafado das plantas ou associações de plantas:

plantas: folhas do alecrim(2), anador(7), acônito(13), boldo(1), colônia(91), capim-santo(10), chá preto(2), eucalipto(72), erva-cidreira(4), espriteira(1), malva do reino(2), malva-rosa(9), pitangueira(1), quebra pedra(2), arruda(1), louro(2), saião(3), laranjeira(1), hortelã-da-folha-miúda(2), muçambê(1), manjerição(1), ou das flores do sabugueiro(95), ou das sementes do erva-doce(6), ou da cebola-branca(1).

associações de plantas: malva-rosa + capim-santo(1); malva + sabugueiro(2); eucalipto + sabugueiro(10); colônia + hortelã-da-folha-grossa(1); eucalipto + alho(1); eucalipto + colônia(5); sabugueiro + limão(2); canela + colônia(1); colônia + saião(1); colônia + sabugueiro(2); ou colônia + limão(2); colônia + sabugueiro + eucalipto(1); colônia + saião(1).

- Tomar o xarope ou lambedor das associações das plantas: hortelã-da-folha-grande + mastruz(1) ou hortela da folha grossa + juá(1).

- Tomar banho com a água do cozimento das folhas de colônia(12), alecrim(1), eucalipto(19), espreiteira(1), acônito(3), ou das flores do sabugueiro(1).
- Colocar no álcool as folhas de manjerição(1), picadas deixar de molho por algum tempo, depois coar misturar com água morna e tomar banho.
- Tomar o sumo das folhas frescas da colônia(1).

4.17.2 – Gripe, resfriado, constipação

- Beber o chá cozido ou abafado das plantas ou associações de plantas:

plantas: das folhas da erva-cidreira(8), eucalipto(32), mastruz(20), catingueira(1), capim-santo(6), malva-rosa(8), juá(4), saião(3), colônia(12), louro(3), esterco de pássaro(1), hortelã-da-folha-grossa ou grande(6), ou das flores do sabugueiro(90), camomila(1), fedegoso(1), ou das sementes do girassol(2), erva-doce(1), ou da raiz do muçambê(1), cumaru(2), espinho cigano(1), ou do limão(2).

associações de plantas: beladona + malva-rosa(1); colônia + sabugueiro(2); limão + capim-santo(3); sabugueiro + eucalipto + malva-

rosa(2); sabugueiro + limão + alho(3); cebola-branca + hortelã-da-folha-miúda(2); sabugueiro + limão(2); eucalipto + sabugueiro(6); colônia + eucalipto(5); eucalipto + malva-rosa(1); angico + eucalipto(1); colônia + malva-rosa + sabugueiro(1); malva-rosa + sabugueiro(4); mastruz + eucalipto + sabugueiro(1); jatobá + limão + sabugueiro(1); ou alho + colônia + eucalipto + limão + pimenta-do-reino + sabugueiro(1).

- Banhar o rosto com o cozimento das folhas do eucalipto + sabugueiro(1), eucalipto(1), colônia(3), alecrim(2), manjerona(1), ou da alfavaca(1).
- Tomar abafador(inalar) com o cozimento das folhas do mastruz(3),
- Tomar o xarope ou lambedor das plantas ou associações das seguintes plantas:

plantas: das folhas do manjerição(1), hortelã-da-folha-grossa(4), mastruz(5), malva do reino(4), malva santa(2), malva-rosa(12), saião(5), eucalipto(2), ou da flor do muçambê, (2), ou das sementes cumaru(2), jatobá(1), ou da cascas do juá(3), mari(1), ou do mangará da bananeira(1), cardeiro(1), da cebola-branca(4).

associações de plantas: malva-rosa + saião + hortelã-da-folha-miúda + hortelã-da-folha-grossa(1); hortelã-da-folha-grande + juá + malva-rosa + sabugueiro(1); agrião + a casca da laranja + cebola-branca + alho(1); hortelã-da-folha-miúda + hortelã-da-folha-larga + sabugueiro + romã(1); hortelã-da-folha-grossa + cravo de defunto + eucalipto + sabugueiro + mastruz(4); hortelã-da-folha-miúda + hortelã vick + mastruz + colônia + sabugueiro + eucalipto + folha de mangueira espada + malva-rosa + cebola-branca + eucalipto(1); hortelã graúdo + sabugueiro(1); ou hortelã-da-folha-grande + cebola-branca(1); alecrim + eucalipto + jatobá + hortelã-da-folha-grande + malva-rosa + muçambê + romã + sabugueiro + saião(1); alho-roxo + cebola-branca + eucalipto + malva-rosa + sabugueiro(1); alho + eucalipto + malva-rosa + sabugueiro(2); bananeira + hortelã-da-folha-grande + mastruz(1); capim-santo + cebola-branca + colônia + hortelã + malva-rosa(1); cebola-branca + eucalipto + mastruz + sabugueiro(1); cebola-branca + hortelã + pepaonha + sabugueiro(2); colônia + eucalipto + espinho cigano + hortelã gordo + malva-rosa + sabugueiro(1); colônia + eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa + sabugueiro(1); colônia + eucalipto + malva-rosa + romã + sabugueiro(1); colônia + eucalipto + mangueira espada + mastruz + sabugueiro(2); colônia + eucalipto + sabugueiro(1); colônia + hortelã + malva-rosa + mastruz + romã(2); colônia + hortelã + malva-rosa + sabugueiro(1); colônia + malva-rosa + cebola-branca + eucalipto(1); cumaru + hortelã + limão + malva-rosa(1); erva-doce + hortelã miúdo + malva reino + laranja(1); euca-

lipto + hortelã-da-folha-grossa + mastruz + romã + saião + sabugueiro(1); eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + sabugueiro(2); eucalipto + hortelã-da-folha-miúda + mastruz + sabugueiro(1); eucalipto + hortelã-da-folha-miúda + sabugueiro(1); eucalipto + hortelã + malva-rosa + sabugueiro(1); eucalipto + malva-rosa + sabugueiro(1); eucalipto + sabugueiro(2); hortelã-da-folha-grossa + sabugueiro(1); hortelã-da-folha-grossa + sabugueiro + saião(1); angico + beterraba + hortelã-da-folha-grossa + juá(1); hortelã + mastruz + saião(2); aroeira + cebola-branca + catingueira + hortelã-da-folha-grande + mastruz(1); angico + cumaru + hortelã-da-folha-grossa + limão + saião(1); hortelã-da-folha-larga + mastruz + sabugueiro + saião(1); hortelã-da-folha-miúda + mastruz(1); hortelã-da-folha-grossa ou grande + juá(1); hortelã + juá + malva-rosa + sabugueiro(1); malva-rosa + hortelã-da-folha-grossa(1); mastruz + saião + sabugueiro(1); ou cebola-branca + hortelã-da-folha-grande(1).

- Cortar a cebola-branca(1) em cruz três vezes, colocar em uma vasilha de barro uma camada de cebola e outra de açúcar, deixar receber o sereno da noite e beber em jejum o mel formado, durante três dias seguidos.
- Colocar as folhas do mastruz(3), malva-rosa(5), malva santa(2), malva do reino(3), ou cebola-branca + hortelã folha grande(1); mastruz + hortelã + colônia + malva-rosa + casca da romã(1) em

uma vasilha com açúcar, deixar “serenar”, à noite, e tomar o mel formado durante o dia.

- Bater no liquidificador com água, leite, ou mel de abelha as folhas do mastruz(12), saião roxo (5), hortelã-da-folha-grossa(1), saião(9), o fruto da acerola(3), limão(6), laranja(1), caju(2), ou das associações das plantas: acerola + caju + laranja + limão(1); alho + laranja(1); beterraba + saião(1); ou limão + mastruz(1), tomar uma ou duas vezes ao dia.
- Tomar o chá das sementes torradas do girassol(1), ou mangeroba(1).

4.18 – Psiconeurológicos

4.18.1 – Insônia, falta de sono

- Beber o chá das folhas do alface(1), capim-santo(6), erva-cidreira(8), laranjeira(14), ou das flores da camomila(11), sabugueiro(1), ou da semente do erva-doce(1).

4.18.2 – Falta de memória, esquecimento

- Beber o chá da casca do mulungu(1) ou da semente do girassol(1) ou da casca do guaraná(1).
- Tomar, diariamente, o pó do guaraná(1) ou da semente do girassol(1) misturado em água.

4.18.3 – Nervosismo, nervoso, doença de cabeça, fraqueza dos nervos, cabeça aperriada, agoniada, impaciência, problemas mentais.

- Beber o chá das folhas do boldo(1), chá mate(2), folha da canela(3), capim-santo(92), erva-cidreira(95), colônia(1), eucalipto(1), erva santa(1), laranjeira(31), alecrim(1), malva-rosa(1), maracu-

já(7), saião(1), ou da flor do sabugueiro(2), camomila(57), ou da semente do erva-doce(61), ou da casca da canela(14), ou laranjeira + erva-cidreira(1), capim-santo + erva-doce(1); ou capim-santo + erva-cidreira(2).

- Bater no liquidificador as folhas do capim-santo(1), com três limões e três colheres de sopa de mel, coar e beber.
- Fumar o cigarro feito com as folhas secas do guandu(1).

4.18.4 – Tonturas, desmaios

- Beber o chá das folhas da laranjeira(1), hortelã-da-folha(5), alecrim(2), capim-santo(1), arruda(1), erva-cidreira(3), colônia(1), erva-doce(1), saião(1), ou das sementes do endro(7), hortelã da folha miuda(2).
- Beber o chá das folhas da erva-cidreira(9), alecrim(5), louro(2), hortelã(5), boldo(11), aroeira(1), capim-santo(6), hortelã sete dores(1), louro(2), ou das sementes da erva-doce(10), endro(3), ou da casca da laranja(1), ou da flor da macela(2) ou das folhas do alecrim + hortelã miúdo(1).

4.18.5 – Dormência

- Tomar o chá das sementes do erva-doce(2).

4.19 – Infecto contagiosas

4.19.1 – Tuberculose

- Tomar xarope das folhas do mastruz(2), do hortelã-da-folha-grossa + malva-rosa + mastruz(1).
- Colocar de molho as cascas da quixaba(1) em água por algumas horas, e beber, diariamente, meio copo
- Beber o sumo do mastruz(1), ou confrei + saião(1), em jejum, diariamente.

4.19.2 – Parotite, papeira, caxumba

- Beber o chá da raiz de quebra pedra(1).

4.19.3 – Sífilis, doenças venéreas, doenças do mundo

- Beber o chá das folhas da cana do brejo(1), salsaparilha(1), ou da raiz do maliar(1) ou da malícia(1).

4.19.4 – Hepatite, icterícia

- Beber o chá da casca do coco verde(1), ou das folhas do boldo(1), ou das flores da camomila(1), ou do cabelo de milho(2).

4.19.5 – Coqueluche, tosse comprida, tosse de cachorro, tosse braba.

- Tomar o xarope ou lambedor preparado com as folhas do hortelã miúdo(1), hortelã-da-folha-grossa(4), saião(2), mangueira espada(1), ou das flores do chumbinho(1), ou das cascas do mari(1), ou da cebola-branca(7), ou com as associações das plantas aroeira + bananeira-prata + cebola-branca + colônia + erva-doce + jatobá + macela + malva do reino + malva santa + pepaconda + romã(1); ou do anador + angico + espinho cigano + eucalipto + hortelã-da-folha-grossa + hortelã-da-folha-miúda + juá + mastruz + sabugueiro(1).
- Tirar o sumo das folhas do saião(1), ou do hortelã-da-folha-miúda(1), ou do limão(1) e tomar misturado com leite ou mel em jejum.

- Colocar em uma vasilha três colheres de açúcar com três folhas de saião, três de mastruz, três de vassourinha de botão e três de hortelã-da-folha-grossa(2), colocar sobre o açúcar e as folhas uma pedra branca em brasa para derreter o açúcar e fazer o mel, depois tomar.
- Cortar cebola-branca(2) em cruz, pôr em uma vasilha, colocar açúcar e deixar levar o sereno da noite. O mel formado tomar em jejum.
- Comer a cebola-branca assada(1).

4.19.6 – Sarampo, catapora, sarampão.

- Beber o chá do eucalipto + sabugueiro(1), ou do cabelo de milho(2).
- Beber e ou tomar banho quente com o chá da erva-cidreira(1), manjerição(1), sabugueiro(6), e ficar em lugar escuro e sem corrente de ar, até “sair” todo o sarampo para fora.

4.19.7 – Lepra, hanseníase

- Pisar e tirar o sumo do melão-de-são-caetano(1), tomar e passar nas manchas.

4.19.8 – Infecção

- Beber o chá das folhas do eucalipto(3).

4.20 – Espirituais

4.20.1 – Quebranto, mau olhado, olho gordo, olho de lula, evitar atraso de vida, corpo carregado, encosto, bruxaria, evitar catimbó.

- Tomar banho com o cozimento das plantas: arruda(10), alfazema(1), comigo-ninguém-pode(1), manjerição(1), manjerição + pinhão roxo(2), rosa branca(1), arruda + cravo branco + manjerição(1).
- Plantar e ou colocar em uma vasilha com água, na entrada da porta principal da casa as plantas: alho roxo(1), espada de São Jorge(4), espada de Iansã(1), pinhão roxo(20), aliamba(1), comigo-ninguém-pode(3), arruda(3), manjerição + pinhão roxo(2), manjerioba(2), arruda + romã(1); arruda + pinhão roxo(5); arruda + comigo-ninguém-pode + pinhão roxo(2).

4.21 – Outros

4.21.1 – Diabete, açúcar no sangue.

- Beber o chá das folhas de figueira(1), graviola(1), pitanga(1), alecrim(1), oiticica(2), insulina(1), mororó(2), ou das cascas do barbatimão(3), chuchu(1), ou da semente da azeitona preta(6), ou da azeitona preta + graviola(1).
- Colocar de molho em água as folhas de beringela(2), oiticica(3), ou as cascas do mororó(17), aroeira + mororó(1), aroeira(1), barbatimão(2), cajueiro(1), ou mororó + oiticica(1), deixar apurar de um dia para o outro, e em seguida beber esta água diariamente.
- Tomar o chá das sementes torradas, e pisadas da laranja comum(1), ou da melancia(1).

4.21.2 – Câncer, doenças sem cura

- Tomar o chá das folhas da mamona branca(1), boa noite branca(1), confrei(4), ou da casca do bom nome(1).

- Colocar de molho as cascas do mororó(4), ipê roxo(1), algaroba(3), ou as sementes do girassol(1), ou as folhas do saião(1), ou as cascas da quixaba + cajueiro + romã + favela(1); cajueiro + quixaba(1); em água ou álcool, depois tomar um pouco diariamente.
- Colocar 10 gotas do leite de avelós(1) em meio copo d'água, e tomar diariamente.
- Pisar as folhas frescas do saião(1), espremer e tirar o sumo através de um pano, em seguida tomar.

4.21.3 – Mordida de cobra

- Tirar o leite do tronco do pinhão roxo(2), e tomar uma colher de sopa de uma única vez.
- Pisar e tirar o sumo do alho(1), ou da folha do fumo(2) e tomar.
- Torrar e pisar a castanha do caju(4), ou o alho + castanha do caju(1), peneirar e com o pó fazer o chá e tomar.
- Mastigar as folhas do fumo + alho(1), e colocar sobre o local da picada e diretamente na boca da pessoa agredida.

- Colocar um colher de sopa do leite do pinhão manso(1), em meio copo d'água e tomar.

4.21.4 – Intoxicação, alergia

- Tomar o chá das folhas do alecrim(1) ou de semente da erva-doce(2).

4.22 – De Uso Contínuo

- Tomar chá das folhas da laranjeira(12), chá preto(3), boldo(4), capim-santo(19), erva-cidreira(7), louro(1), ou das sementes de erva-doce(8), ou das flores da camomila(1), ou das cascas da canela(6), ou canela + boldo(1); capim-santo + erva-cidreira + erva-doce(1); ou boldo + capim-santo + erva-cidreira + erva-doce(1), substituindo o café diariamente. Fazer o chá bem forte com a flor e casca do cumaru(1), ou mastruz + hortelã-da-folha-grande + sabugueiro(1), coar, colocar açúcar e suco de laranja, levar novamente ao fogo, deixar apurar e em seguida tomar várias vezes ao dia.

ANEXO 5

**Grande
Campina Grande**

BRASIL POLÍTICO

PLANTA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

ESCALA-1:10.000-EDIÇÃO ATUALIZADA
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
EDITORIAL FORTALEZA LTDA.
RUA TAIM Nº 296 - TORRÕES - RECIFE-PE.
TELEFONE (081) 228-58 89

Legenda:

- - Localização de Campina Grande
- - Bairros trabalhados em

ANEXO 6

ÁREA URBANA-RURAL E RURAL

Legenda:

- – Área Urbana
- – Área Urbana – Rural
- – Área Rural

ANEXO 7

“RAPPORT”

Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite

Eu me chamo _____,
sou professora da Faculdade de Medicina aqui em Campina Grande e estou
realizando um estudo sobre o uso das plantas no tratamento dos problemas de
saúde na família. Eu gostaria de conversar com vocês sobre este assunto.

A participação de vocês será muito importante para nosso trabalho, que
tem como objetivo verificar se as famílias utilizam as plantas sem ocasionar
riscos para sua saúde. Se com este estudo observamos que as famílias estão
usando as plantas de modo incorreto, deveremos organizar um programa
educativo de orientação para as famílias, que deverá funcionar nas unidades de
saúde da Universidade.

Sei que vocês têm sua ocupação, mas eu espero que cooperem comigo,
respondendo-me algumas perguntas que tentarei fazer no menor tempo
possível, para não atrapalhar as suas obrigações.

Antes de começar, eu gostaria de saber se vocês desejam fazer alguma
pergunta.

Podemos começar?

ANEXO 8

Nomenclatura popular em ordem alfabética das plantas utilizadas, em Campina Grande, Paraíba , 1997.

Nome Popular	Nome científico	Família
Abacate	<i>Persea americana</i> L.	Lauraceae
Abacaxi	<i>Ananas sativus</i> Schult.	Bromeliaceae
Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae
Acônito	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae
Agaroba	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC	Mimosaceae
Agrião	<i>Spilanthes stolonifera</i> DC.	Asteraceae
Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i> L.	Asteraceae
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae
Alfazema-brava	<i>Hyptis suaveolens</i> Poit.	Lamiaceae
Alfinete	<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae
Algaroba	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Mimosaceae
Algodão-de-seda	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Malvaceae
Algodão-mocó	<i>Thespesia populnea</i> (L.) Corr.Serr.	Malvaceae
Algodão-preto	<i>Thespesia populnea</i> (L.) Corr.Serr.	Malvaceae
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae
Alho-roxo	<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae
Aliamba	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Verbenaceae
Alpista	<i>Phalaris canariensis</i> L.	Poaceae
Alpiste	<i>Phalaris canariensis</i> L.	Poaceae
Ameixa	<i>Ximenia americana</i> L.	Olacaceae
Anador	<i>Justicia pectoralis</i> Leonard	Acanthaceae
Angélica	<i>Funkia subcordata</i> Spreng.	Liliaceae
Angélica-branca	<i>Funkia subcordata</i> Spreng.	Liliaceae
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	Mimosaceae
Apista	<i>Phalaris canariensis</i> L.	Poaceae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anacardiaceae
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae
Aveloi	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Euphorbiaceae
Avelóz	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Euphorbiaceae
Azeitona	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Myrtaceae
Babatenon	<i>Pithecellobium avaremotemo</i> Mart.	Mimosaceae
Babatimão	<i>Pithecellobium avaremotemo</i> Mart.	Mimosaceae
Babosa	<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae
Banana-prata	<i>Musa</i> sp.	Musaceae
Bananeira	<i>Musa</i> sp.	Musaceae
Baraúna	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Anacardiaceae
Barbatimão	<i>Pithecellobium avaremotemo</i> Mart.	Mimosaceae
Barriguda	<i>Ceiba glaziovii</i> Kuntze	Bombacaceae
Batata-contr-erva	<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Moraceae
Batata-de-puiga	<i>Operculina alata</i> Urban	Convolvulaceae
Batata-de-purga	<i>Operculina alata</i> Urban	Convolvulaceae
Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i> L.	Convolvulaceae
Batata-inglesa	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Solanaceae
Batatinha	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Solanaceae
Beladona	<i>Alternanthera brasiliensis</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae
Beringela	<i>Solanum melongena</i> L.	Solanaceae
Beringela-Roxa	<i>Solanum melongena</i> L.	Solanaceae
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i> . var. <i>esculenta</i> Salisb.	Chenopodiaceae
Bilindio	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae
Boa-noite	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don.	Apocynaceae
Boa-noite-branca	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don.	Apocynaceae
Boa-noite-roxa	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don.	Apocynaceae
Boldo	<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae
Boldo	<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae
Boldo-amargo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Boldo-do-Chile	<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae
Boldo-do-chile	<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae
Boldo-seco	<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae
Boldo-seco	<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae
Bom-nome	<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Celastraceae
Bordo	<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae
Bordo	<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae
Braúna	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Anacardiaceae
Bredo	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Portulacaceae
Burra-leiteira	<i>Sapium</i> sp.	Euphorbiaceae
Cabaça	<i>Lagenaria vulgaris</i> Ser.	Cucurbitaceae
Cabacinha	<i>Luffa operculata</i> Cogn.	Cucurbitaceae
Cabeça-de-nego	<i>Willbrandia</i> sp.	Cucurbitaceae
Cabeça-de-negro	<i>Willbrandia</i> sp.	Cucurbitaceae
Cabelo-de-côco	<i>Cocos nucifera</i> L.	Palmae
Cabelo-de-milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae
Café	<i>Coffea arabica</i> L.	Rubiaceae
Cajú	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae
Cajueiro-roxo	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae
Caldo-santo	<i>Argemone mexicana</i> L.	Papaveraceae
Calipi	<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae
Camapu	<i>Passiflora foetida</i> L.	Passifloraceae
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Asteraceae
Cana-de-açúcar	<i>Sacharum officinarum</i> L.	Poaceae
Cana-de-macaco	<i>Costus aff discolor</i> Rosc.	Zingiberaceae
Cana-do-brejo	<i>Poa</i> sp.	Poaceae
Canela	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl.	Lauraceae
Canela-de-macaco	<i>Costus aff discolor</i> Rosc.	Zingiberaceae
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (Jacq.) DC.	Poaceae
Capitão	<i>Gomphrena demissa</i> Mart.	Amaranthaceae
Capitãozinho	<i>Gomphrena demissa</i> Mart.	Amaranthaceae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Cardeiro	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae
Cardo-santo	<i>Argemone mexicana</i> L.	Papaveraceae
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less) DC.	Asteraceae
Carrapateira	<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae
Castanha-do-cajú	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae
Castanhola	<i>Terminalia catappa</i> L.	Combretaceae
Catingueira	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Caesalpiniaceae
Cebola branca	<i>Allium scalonicum</i> L.	Liliaceae
Cebola do mato	<i>Allium scalonicum</i> L.	Liliaceae
Cebola roxa	<i>Allium scalonicum</i> L.	Liliaceae
Cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	Meliaceae
Cenoura	<i>Daucus carota</i> L.	Apiaceae
Chá-Mate	<i>Illex paraguariensis</i> A. St. Hil.	Illiciaceae
Chanana	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Turneraceae
Chá-preto	<i>Tea sinensis</i> L.	Theaceae
Chuchu	<i>Sechium edule</i> Sw.	Cucurbitaceae
Chumbinho	<i>Lantana camara</i> L.	Verbenaceae
Cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Brown.	Verbenaceae
Côco	<i>Cocos nucifera</i> L.	Palmae
Côco-católé	<i>Syagrus comosus</i> Mart.	Palmae
Côco-da-Bahia	<i>Cocos nucifera</i> L.	Palmae
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Apiaceae
Coité	<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae
Colonia	<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Zingiberaceae
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia amoena</i> Hort. ex. Gent.	Araceae
Cominho	<i>Cuminum cyminum</i> L.	Apiaceae
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae
Coroa-de-frade	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Cactaceae
Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	Cruciferae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Cravo	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Caryophyllaceae
Cravo Branco	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Caryophyllaceae
Cravo-de-defunto	<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae
Cravo-do-reino	<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae
Cubatí	<i>Psidium albidum</i> Camb.	Myrtaceae
Cuité	<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae
Cumapu	<i>Passiflora foetida</i> L.	Passifloraceae
Cumarú	<i>Amburana cearensis</i> (Alemão) A, C. Smith	Burseraceae
Cumati	<i>Psidium albidum</i> Camb.	Myrtaceae
Cumim	<i>Cuminum cyminum</i> L.	Apiaceae
Cuminho	<i>Cuminum cyminum</i> L.	Apiaceae
Endro	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Apiaceae
Erva babosa	<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Brown.	Verbenaceae
Erva santa	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae
Erva-moura	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Solanaceae
Espada-de-Iansã	<i>Sansevieria thyrsiflora</i> Thumb.	Liliaceae
Espada-de-ogum	<i>Sansevieria thyrsiflora</i> Thumb.	Liliaceae
Espada-de-São-Jorge	<i>Sansevieria thyrsiflora</i> Thumb.	Liliaceae
Espinho-cigano	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Asteraceae
Espinho-guabirú	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Asteraceae
Espiriteira	<i>Heliconia</i> sp.	Heliconiaceae
Espriteira	<i>Heliconia</i> sp.	Heliconiaceae
Esterco	<i>Phthirusa pyrifolia</i> (Kunth) Eichl.	Loranthaceae
Esterco-de-passarinho	<i>Phthirusa pyrifolia</i> (Kunth) Eichl.	Loranthaceae
Estigma-de-milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae
Eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae
Falso-saião	<i>Kalanchoë waldheimi</i> Hom.&Per.	Crassulaceae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Fava	<i>Phaseolus</i> sp.	Fabaceae
Favela	<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> Pax & K. Hoffm	Euphorbiaceae
Fedegoso	<i>Heliotropium indicum</i> L.	Boraginaceae
Feijão-guandu	<i>Cajanus indicus</i> L.	Fabaceae
Figo	<i>Ficus carica</i> L.	Moraceae
Figueira	<i>Ficus carica</i> L.	Moraceae
Fumo	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae
Fumo de rolo	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae
Gandu	<i>Cajanus indicus</i> L.	Fabaceae
Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> L.	Zingiberaceae
Genipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae
Gergelim	<i>Sesamum orientale</i> L.	Pedaliaceae
Gergilim-de-cobra	<i>Sesamun orientale</i> L.	Pedaliaceae
Girassol	<i>Helianthus annus</i> L.	Asteraceae
Girgilim	<i>Sesamun orientale</i> L.	Pedaliaceae
Gogoia	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn.	Solanaceae
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae
Guandu	<i>Cajanus indicus</i> L.	Fabaceae
Hortelã-Bahia	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae
Hortelã-brabo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae
Hortelã-da-folha grande	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Lamiaceae
Hortelã-da-folha-larga	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Lamiaceae
Hortelã-graúdo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Lamiaceae
Hortelã-homem	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae
Hortelã-macho	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Hortelã-miúdo	<i>Mentha villosa</i>	Lamiaceae
Imburana	<i>Bursera leptophloeos</i> (Mart.)Engl.	Burseraceae
Ipecacuanha	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) G. K. Schulze	Violaceae
Ipê-roxo	<i>Tabebuia avellanedae</i> Griseb.	Bignoniaceae
Jaboticaba	<i>Myrciaria cauliflora</i> Berg.	Myrtaceae
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Caesalpiniaceae
Jerimum	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae
Jerimum-cabloco	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae
Joazeiro	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae
Juá	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae
Juazeiro	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae
Jurema	<i>Mimosa acutistipula</i> Benth.	Mimosaceae
Jurema-preta	<i>Mimosa acutistipula</i> Benth.	Mimosaceae
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae
Lacre	<i>Vismia guianensis</i> Aublet & Choisy	Guttiferae
Laranja-comum	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae
Laranjeira	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae
Liamba	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Verbenaceae
Lima	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae
Lima-de-imbigo	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae
Lima-de-umbigo	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae
Limão	<i>Citrus medica</i> L.	Rutaceae
Limão-galego	<i>Citrus medica</i> L.	Rutaceae
Limoeiro	<i>Citrus medica</i> L.	Rutaceae
Louco	<i>Plumbago scandens</i> L.	Plumbaginaceae
Louro	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Lamiaceae
Macassa	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Lamiaceae
Macela	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Asteraceae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Macela-do-reino	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Asteraceae
Maconha	<i>Cannabis sativa</i> L.	Moraceae
Malva	<i>Malva</i> sp.	Malvaceae
Malva corama	<i>Urena lobata</i> L.	Malvaceae
Malva rosa	<i>Geranium</i> sp.	Geraniaceae
Malva-amargosa	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae
Malva-branca	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae
Malva-de-embira	<i>Urena lobata</i> L.	Malvaceae
Malva-do-reino	<i>Malva</i> sp.	Malvaceae
Mamão-de-corda	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae
Mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae
Mamona-branca	<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae
Manga-espada	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae
Maniçoba	<i>Manihot</i> sp.	Euphorbiaceae
Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae
Manjerioba	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Caesalpiniaceae
Manjeroba	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Caesalpiniaceae
Manjerona	<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae
Maracuja	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Passifloraceae
Mari	<i>Geoffraea spinosa</i> Jacq.	Fabaceae
Marizeiro	<i>Geoffraea spinosa</i> Jacq.	Fabaceae
Marmeleiro	<i>Croton sonderianus</i> Müll.Arg.	Euphorbiaceae
Mastruço	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae
Mata-pasto	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) Irwin & Barneby	Caesalpiniaceae
Mata-pasto-do-Pará	<i>Cassia alata</i> L.	Caesalpiniaceae
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	Cucurbitaceae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Maxixe-de-corda	<i>Cucumis anguria</i> L.	Cucurbitaceae
Melancia	<i>Citrillus vulgaris</i> Schrad.	Cucurbitaceae
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	Cucurbitaceae
Melindre	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae
Memeleiro	<i>Croton sonderianus</i> Müll. Arg.	Euphorbiaceae
Mentruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae
Milindro	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae
Mintruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae
Mororó	<i>Bauhinia cheilanta</i> (Bong.) Steud.	Caesalpiniaceae
Muçambê, Mussambê	<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	Capparaceae
Mulungú	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Fabaceae
Oiticica	<i>Licania rigida</i> Benth.	Chrysobalanaceae
Oliveira	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Myrtaceae
Papaconha	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) G. K. Schulze	Violaceae
Pau-d'arco-roxo	<i>Tabebuia avellanedae</i> Griseb.	Bignoniaceae
Pega-pinto	<i>Boerhaavia coccinea</i> Mill.	Nyctaginaceae
Pepaconha	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) G. K. Schulze	Violaceae
Pepino	<i>Cucumis sativus</i>	Cucurbitaceae
Pequi	<i>Caryocar brasiliensis</i> Camb.	Caryocaraceae
Pereiro	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Apocynaceae
Pimenta d'agua	<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	Piperaceae
Pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae
Pimenta-malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae
Pimenta-vermelha	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae
Pinha	<i>Annona squamosa</i> L.	Annonaceae
Pinhão roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Pinhão-branco	<i>Jatropha molissima</i> (Pohl.) Baill.	Euphorbiaceae
Pinhão-bravo	<i>Jatropha molissima</i> (Pohl.) Baill.	Euphorbiaceae
Pinhão-de-cerca	<i>Jatropha molissima</i> (Pohl.) Baill.	Euphorbiaceae
Pinhão-manso	<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae
Piquí	<i>Caryocar brasiliensis</i> Camb.	Caryocaraceae
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae
Quebra-pedra	<i>Alternanthera tenella</i> Colla	Amaranthaceae
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae
Quiabo	<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Malvaceae
Quina-quina	<i>Coutarea hexandra</i> Schum.	Rubiaceae
Quixaba	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. et Schult.) T. D. Penn.	Sapotaceae
Rabo-de-raposa	<i>Conyza sumatrensis</i> (L.) Cronq.	Asteraceae
Repolho	<i>Brassica oleracea</i> L.	Cruciferae
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae
Rosa-amarela	<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae
Sabogueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlecht.	Caprifoliaceae
Sabugueira	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlecht.	Caprifoliaceae
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlecht.	Caprifoliaceae
Saião-roxo	<i>Datura metel</i> L.	Solanaceae
Salamambaia	<i>Tillandsia usneoides</i> L.	Bromeliaceae
Salsa	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Convolvulaceae
Salsaparrilha	<i>Smilax</i> sp.	Smilacaceae
Samambaia	<i>Tillandsia usneoides</i> L.	Bromeliaceae
Sena	<i>Senna</i> sp.	Fabaceae
Sene	<i>Senna</i> sp.	Fabaceae

Continua

Nome Popular	Nome científico	Família
Sucupira	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Fabaceae
Tanchagem	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae
Tatajuba	<i>Chloroflora tinctoria</i> Gaud.	Moraceae
Tomate	<i>Lycopersicon esculentum</i> L.	Solanaceae
Tomate-do-mato	<i>Lycopersicon esculentum</i> L.	Solanaceae
Tomateiro	<i>Lycopersicon esculentum</i> L.	Solanaceae
Transagem	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae
Umari	<i>Geoffraea spinosa</i> Jacq.	Fabaceae
Umburana	<i>Bursera leptophloeos</i> (Mart.)Engl.	Burseraceae
Urinana	<i>Zornia brasiliensis</i> Vog.	Fabaceae
Urtiga-branca	<i>Loasa rupestris</i> Gardn.	Loasaceae
Valmoura	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Solanaceae
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae
Vassourinha-de-botão	<i>Borreria verticillata</i> G. W. Meyer	Rubiaceae
Velame	<i>Croton campestris</i> A. St.-Hil.	Euphorbiaceae

**Nomenclatura científica em ordem alfabética das plantas utilizadas, em
Campina Grande, Paraíba , 1997.**

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Asteraceae	Espinho-cigano
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Asteraceae	Espinho-guabirú
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Lamiaceae	Macassa
<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae	Alho
<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae	Alho-roxo
<i>Allium scalonicum</i> L.	Liliaceae	Cebola branca
<i>Allium scalonicum</i> L.	Liliaceae	Cebola do mato
<i>Allium scalonicum</i> L.	Liliaceae	Cebola roxa
<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae	Babosa
<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae	Erva babosa
<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Zingiberaceae	Colônia
<i>Alternanthera tenella</i> Colla	Amaranthaceae	Quebra-pedra
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	Acônito
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	Beladona
<i>Amburana cearensis</i> (Alemão) A, C. Smith	Burseraceae	Cumarú
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	cajú
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Cajueiro-roxo
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Castanha-do-cajú
<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	Mimosaceae	Angico
<i>Ananas sativus</i> Schult.	Bromeliaceae	Abacaxi
<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	Graviola

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Annona squamosa</i> L.	Annonaceae	Pinha
<i>Argemone mexicana</i> L.	Papaveraceae	Caldo-santo
<i>Argemone mexicana</i> L.	Papaveraceae	Cardo-santo
<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae	Alfinete
<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae	Bilindio
<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae	Melindre
<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth.) Juss.	Asparagaceae	Milindro
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Apocynaceae	Pereiro
<i>Baccharis trimera</i> (Less) DC.	Asteraceae	Carqueja
<i>Bauhinia cheilanta</i> (Bong.) Steud.	Caesalpiniaceae	Mororó
<i>Beta vulgaris</i> . var. <i>esculenta</i> Salisb.	Chenopodiaceae	Beterraba
<i>Boerhaavia coccinea</i> Mill.	Nyctaginaceae	Pega-pinto
<i>Borreria verticillata</i> G. W. Meyer	Rubiaceae	Vassourinha-de-botão
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Fabaceae	Sucupira
<i>Brassica oleracea</i> L.	Cruciferae	Couve
<i>Brassica oleracea</i> L.	Cruciferae	Repolho
<i>Bursera leptophloeos</i> (Mart.)Engl.	Burseraceae	Imburana
<i>Bursera leptophloeos</i> (Mart.)Engl.	Burseraceae	Umburana
<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Caesalpiniaceae	Catingueira
<i>Cajanus indicus</i> L.	Fabaceae	Feijão-guandu
<i>Cajanus indicus</i> L.	Fabaceae	Gandu
<i>Cajanus indicus</i> L.	Fabaceae	Guandu
<i>Cannabis sativa</i> L.	Moraceae	Maconha
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	Pimenta-malagueta
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	Pimenta-vermelha
<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	Mamão-de-corda
<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	Mamoeiro
<i>Caryocar brasiliensis</i> Camb.	Caryocaraceae	Pequi
<i>Caryocar brasiliensis</i> Camb.	Caryocaraceae	Piquí

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Cassia alata</i> L.	Caesalpiniaceae	Mata-pasto-do-Pará
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don.	Apocynaceae	Boa-noite
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don.	Apocynaceae	Boa-noite-branca
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don.	Apocynaceae	Boa-noite-roxa
<i>Cedrela odorata</i> L.	Meliaceae	Cedro
<i>Ceiba glaziovii</i> Kuntze	Bombacaceae	Barriguda
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae	Cardeiro
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Erva santa
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Mastruço
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Mastruz
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Mentruz
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Mintruz
<i>Chloroflora tinctoria</i> Gaud.	Moraceae	Tatajuba
<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl.	Lauraceae	Canela
<i>Citrillus vulgaris</i> Schrad.	Cucurbitaceae	Melancia
<i>Citrus medica</i> L.	Rutaceae	Limão
<i>Citrus medica</i> L.	Rutaceae	Limão-galego
<i>Citrus medica</i> L.	Rutaceae	Limoeiro
<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Laranja-comum
<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Laranjeira
<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Lima
<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	Capparaceae	Muçambê, Mussambê
<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> Pax & K. Hoffm	Euphorbiaceae	Favela
<i>Cocos nucifera</i> L.	Palmae	Cabelo-de-côco
<i>Cocos nucifera</i> L.	Palmae	Côco
<i>Cocos nucifera</i> L.	Palmae	Côco-da-Bahia
<i>Coffea arabica</i> L.	Rubiaceae	Café
<i>Conyza sumatrensis</i> (L.) Cronq.	Asteraceae	Rabo-de-raposa
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Apiaceae	Coentro

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Costus aff discolor</i> Rosc.	Zingiberaceae	Cana-de-macaco
<i>Costus aff discolor</i> Rosc.	Zingiberaceae	Canela-de-macaco
<i>Coutarea hexandra</i> Schum.	Rubiaceae	Quina-quina
<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae	Coité
<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae	Cuité
<i>Croton campestris</i> A. St.-Hil.	Euphorbiaceae	Velame
<i>Croton sonderianus</i> Müll. Arg.	Euphorbiaceae	Marmeleiro
<i>Croton sonderianus</i> Müll. Arg.	Euphorbiaceae	Memeleiro
<i>Cucumis anguria</i> L.	Cucurbitaceae	Maxixe
<i>Cucumis anguria</i> L.	Cucurbitaceae	Maxixe-de-corda
<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Lima-de-imbigo
<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Lima-de-umbigo
<i>Cucumis sativus</i>	Cucurbitaceae	Pepino
<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae	Jerimum
<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae	Jerimum-cabloco
<i>Cuminum cyminum</i> L.	Apiaceae	Cumim
<i>Cuminum cyminum</i> L.	Apiaceae	Cuminho
<i>Cuminum cyminum</i> L.	Apiaceae	Cominho
<i>Cymbopogon citratus</i> (Jacq.) DC.	Poaceae	Capim-santo
<i>Cynara scolymus</i> L.	Asteraceae	Alcachofra
<i>Datura metel</i> L.	Solanaceae	Saião-roxo
<i>Daucus carota</i> L.	Apiaceae	Cenoura
<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Caryophyllaceae	Cravo
<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Caryophyllaceae	Cravo Branco
<i>Dieffenbachia amoena</i> Hort. ex. Gent.	Araceae	Comigo-ninguém –pode
<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Moraceae	Batata-contra-erva
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Asteraceae	Macela
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Asteraceae	Macela-do-reino
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Fabaceae	Mulungú
<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae	Calipi

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae	Eucalipto
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Pitanga
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Euphorbiaceae	Aveloi
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Euphorbiaceae	Avelóz
<i>Ficus carica</i> L.	Moraceae	Figo
<i>Ficus carica</i> L.	Moraceae	Figueira
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Apiaceae	Endro
<i>Funkia subcordata</i> Spreng.	Liliaceae	Angélica
<i>Funkia subcordata</i> Spreng.	Liliaceae	Angélica-branca
<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	Genipapo
<i>Geoffraea spinosa</i> Jacq.	Fabaceae	Mari
<i>Geoffraea spinosa</i> Jacq.	Fabaceae	Marizeiro
<i>Geoffraea spinosa</i> Jacq.	Fabaceae	Umari
<i>Geranium</i> sp.	Geraniaceae	Malva rosa
<i>Gomphrena demissa</i> Mart.	Amaranthaceae	Capitão
<i>Gomphrena demissa</i> Mart.	Amaranthaceae	Capitãozinho
<i>Gossypium barbadense</i> L.	Malvaceae	Algodão-de-seda
<i>Helianthus annus</i> L.	Asteraceae	Girassol
<i>Heliconia</i> sp.	Heliconiaceae	Espiriteira
<i>Heliconia</i> sp.	Heliconiaceae	Espriteira
<i>Heliotropium indicum</i> L.	Boraginaceae	Fedegoso
<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Malvaceae	Quiabo
<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) G. K. Schulze	Violaceae	Papaconha
<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) G. K. Schulze	Violaceae	Pepaconha
<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) G. K. Schulze	Violaceae	Ipecacuanha
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Caesalpiniaceae	Jatobá
<i>Hyptis suaveolens</i> Poit.	Lamiaceae	Alfazema-brava

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Illex paraguariensis</i> A. St. Hil.	Illiciaceae	Chá-Mate
<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Convolvulaceae	Salsa
<i>Ipomoea batatas</i> L.	Convolvulaceae	Batata-doce
<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	Pinhão-manso
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	Pinhão roxo
<i>Jatropha molissima</i> (Pohl.) Baill.	Euphorbiaceae	Pinhão-branco
<i>Jatropha molissima</i> (Pohl.) Baill.	Euphorbiaceae	Pinhão-bravo
<i>Jatropha molissima</i> (Pohl.) Baill.	Euphorbiaceae	Pinhão-de-cerca
<i>Justicia pectoralis</i> Leonard	Acanthaceae	Anador
<i>Kalanchoë waldheimi</i> Hom.&Per.	Crassulaceae	Falso-saião
<i>Lagenaria vulgaris</i> Ser.	Cucurbitaceae	Cabaça
<i>Lantana camara</i> L.	Verbenaceae	Chumbinho
<i>Licania rigida</i> Benth.	Chrysobalanaceae	Oiticica
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Brown.	Verbenaceae	Cidreira
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Brown.	Verbenaceae	Erva cidreira
<i>Loasa rupestris</i> Gardn.	Loasaceae	Urtiga-branca
<i>Luffa operculata</i> Cogn.	Cucurbitaceae	Cabacinha
<i>Lycopersicon esculentum</i> L.	Solanaceae	Tomate
<i>Lycopersicon esculentum</i> L.	Solanaceae	Tomate-do-mato
<i>Lycopersicon esculentum</i> L.	Solanaceae	Tomateiro
<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae	Acerola
<i>Malva</i> sp.	Malvaceae	Malva
<i>Malva</i> sp.	Malvaceae	Malva-do-reino
<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Manga-espada
<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Mangueira
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae	Mandioca
<i>Manihot</i> sp.	Euphorbiaceae	Maniçoba
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Asteraceae	Camomila
<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Celastraceae	Bom-nome

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Cactaceae	Coroa-de-frade
<i>Mentha villosa</i>	Lamiaceae	Hortelã-miúdo
<i>Mimosa acutistipula</i> Benth.	Mimosaceae	Jurema
<i>Mimosa acutistipula</i> Benth.	Mimosaceae	Jurema-preta
<i>Momordica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	Melão-de-São-Caetano
<i>Musa</i> sp.	Musaceae	Banana-prata
<i>Musa</i> sp.	Musaceae	Bananeira
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anacardiaceae	Aroeira
<i>Myrciaria cauliflora</i> Berg.	Myrtaceae	Jaboticaba
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae	Fumo
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae	Fumo de rolo
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Manjeriço
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Alfavaca
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Lamiaceae	Louro
<i>Operculina alata</i> Urban	Convolvulaceae	Batata-de-purga
<i>Operculina alata</i> Urban	Convolvulaceae	Batata-de-puiga
<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae	Manjerona
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Passifloraceae	Maracuja
<i>Passiflora foetida</i> L.	Passifloraceae	Camapu
<i>Passiflora foetida</i> L.	Passifloraceae	Cumapu
<i>Persea americana</i> L.	Lauraceae	Abacate
<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	Boldo-do-Chile
<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	Boldo-seco
<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	Bordo
<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	Boldo
<i>Phalaris canariensis</i> L.	Poaceae	Alpista
<i>Phalaris canariensis</i> L.	Poaceae	Alpiste
<i>Phalaris canariensis</i> L.	Poaceae	Apista
<i>Phaseolus</i> sp.	Fabaceae	Fava

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Phthirusa pyrifolia</i> (Kunth) Eichl.	Loranthaceae	Esterco
<i>Phthirusa pyrifolia</i> (Kunth) Eichl.	Loranthaceae	Esterco-de-passarinho
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	Quebra-pedra
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae	Erva-doce
<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae	Pimenta-do-reino
<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae	Cravo-do-reino
<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	Piperaceae	Pimenta d'água
<i>Pithecellobium avaremotemo</i> Mart.	Mimosaceae	Babatenon
<i>Pithecellobium avaremotemo</i> Mart.	Mimosaceae	Babatimão
<i>Pithecellobium avaremotemo</i> Mart.	Mimosaceae	Barbatimão
<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	Tanchagem
<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	Transagem
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Lamiaceae	Hortelã-da-folha-larga
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Lamiaceae	Hortelã-graúdo
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Lamiaceae	Hortelã-da-folha grande
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	Boldo-amargo
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	Hortelã-Bahia
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	Hortelã-macho
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	Hortelã-homem
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	Hortelã-brabo
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	Malva-amargosa
<i>Plumbago scandens</i> L.	Plumbaginaceae	Louco
<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	Bordo
<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	Boldo-seco
<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	Boldo-do-chile
<i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	Boldo
<i>Poa</i> sp.	Poaceae	Cana-do-brejo

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Portulaca oleracea</i> L.	Portulacaceae	Bredo
<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Mimosaceae	Algaroba
<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC	Mimosaceae	Agaroba
<i>Psidium albidum</i> Camb.	Myrtaceae	Cubatí
<i>Psidium albidum</i> Camb.	Myrtaceae	Cumatí
<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Goiabeira
<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae	Romã
<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae	Carrapateira
<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae	Mamona-branca
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Alecrim
<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Arruda
<i>Sacharum officinarum</i> L.	Poaceae	Cana-de-açúcar
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlecht.	Caprifoliaceae	Sabogueiro
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlecht.	Caprifoliaceae	Sabugueira
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlecht.	Caprifoliaceae	Sabugueiro
<i>Sansevieria thyrsiflora</i> Thumb.	Liliaceae	Espada-de-Iansã
<i>Sansevieria thyrsiflora</i> Thumb.	Liliaceae	Espada-de-ogum
<i>Sansevieria thyrsiflora</i> Thumb.	Liliaceae	Espada-de-São-Jorge
<i>Sapium</i> sp.	Euphorbiaceae	Burra-leiteira
<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Anacardiaceae	Baraúna
<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Anacardiaceae	Braúna
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae	Vassourinha
<i>Sechium edule</i> Sw.	Cucurbitaceae	Chuchu
<i>Senna obtusifolia</i> (L.) Irwin & Barneby	Caesalpiniaceae	Mata-pasto
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Caesalpiniaceae	Manjerioba
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Caesalpiniaceae	Manjeroba

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Senna</i> sp.	Fabaceae	Sena
<i>Senna</i> sp.	Fabaceae	Sene
<i>Sesamum orientale</i> L.	Pedaliaceae	Gergelim
<i>Sesamum orientale</i> L.	Pedaliaceae	Gergilim-de-cobra
<i>Sesamum orientale</i> L.	Pedaliaceae	Girgilim
<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae	Malva-branca
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. et Schult.) T. D. Penn.	Sapotaceae	Quixaba
<i>Smilax</i> sp.	Smilacaceae	Salsaparrilha
<i>Solanum agrarium</i> Sendtn.	Solanaceae	Gogoia
<i>Solanum americanum</i> Mill.	Solanaceae	Erva-moura
<i>Solanum americanum</i> Mill.	Solanaceae	Valmoura
<i>Solanum melongena</i> L.	Solanaceae	Beringela
<i>Solanum melongena</i> L.	Solanaceae	Beringela-Roxa
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	Jurubeba
<i>Solanum tuberosum</i> L.	Solanaceae	Batata-inglesa
<i>Solanum tuberosum</i> L.	Solanaceae	Batatinha
<i>Spilanthes stolonifera</i> DC.	Asteraceae	Agrião
<i>Syagrus comosus</i> Mart.	Palmae	Côco-catolé
<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	Confrei
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Myrtaceae	Azeitona
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Myrtaceae	Oliveira
<i>Tabebuia avellanedae</i> Griseb.	Bignoniaceae	Ipê-roxo
<i>Tabebuia avellanedae</i> Griseb.	Bignoniaceae	Pau-d'arco-roxo
<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae	Cravo-de-defunto
<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae	Rosa-amarela
<i>Tea sinensis</i> L.	Theaceae	Chá-preto
<i>Terminalia catappa</i> L.	Combretaceae	Castanhola
<i>Thespesia populnea</i> (L.) Corr.Serr.	Malvaceae	Algodão-mocó
<i>Thespesia populnea</i> (L.) Corr.Serr.	Malvaceae	Algodão-preto

Continua

Nome científico	Família	Nome Popular
<i>Tillandsia usneoides</i> L.	Bromeliaceae	Salamambaia
<i>Tillandsia usneoides</i> L.	Bromeliaceae	Samambaia
<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Turneraceae	Chanana
<i>Urena lobata</i> L.	Malvaceae	Malva corama
<i>Urena lobata</i> L.	Malvaceae	Malva-de-embira
<i>Vismia guianensis</i> Aublet & Choisy	Guttiferae	Lacre
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Verbenaceae	Aliamba
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Verbenaceae	Liamba
<i>Willbrandia</i> sp.	Cucurbitaceae	Cabeça-de-nego
<i>Willbrandia</i> sp.	Cucurbitaceae	Cabeça-de-negro
<i>Ximenia americana</i> L.	Olacaceae	Ameixa
<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	Cabelo-de-milho
<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	Estigma-de-milho
<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	Milho
<i>Zingiber officinalis</i> L.	Zingiberaceae	Gengibre
<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae	Joazeiro
<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae	Juá
<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae	Juazeiro
<i>Zornia brasiliensis</i> Vog.	Fabaceae	Urinana